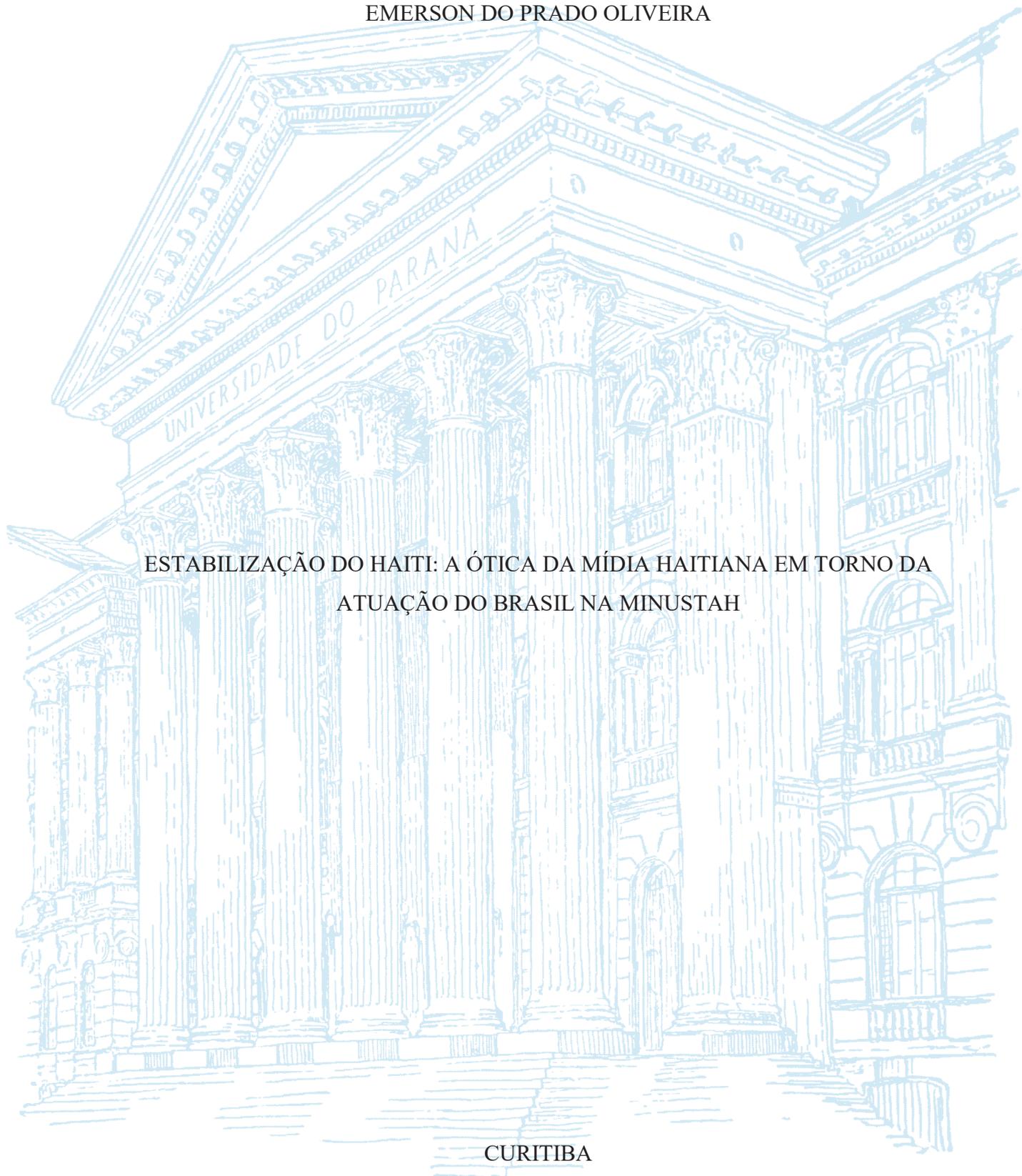


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EMERSON DO PRADO OLIVEIRA



ESTABILIZAÇÃO DO HAITI: A ÓTICA DA MÍDIA HAITIANA EM TORNO DA
ATUAÇÃO DO BRASIL NA MINUSTAH

CURITIBA

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

EMERSON DO PRADO OLIVEIRA

ESTABILIZAÇÃO DO HAITI: A ÓTICA DA MÍDIA HAITIANA EM TORNO DA
ATUAÇÃO DO BRASIL NA MINUSTAH

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Linha de Pesquisa Cultura e Poder, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Dennison de Oliveira.

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Oliveira, Emerson do Prado

A estabilização do Haiti : a ótica da mídia haitiana em torno da atuação do Brasil na MINUSTAH. / Emerson do Prado Oliveira. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Dennison de Oliveira

1. Forças de paz brasileiras - Haiti. 2. Construção da paz – Haiti. 3. Brasil –
Relações internacionais. 4. Missão das Nações Unidas para Estabilização do
Haiti. 5. Nações Unidas. I. Oliveira, Dennison de, 1964-. II. Título.

CDD – 972.94



TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **EMERSON DO PRADO OLIVEIRA** intitulada: **ESTABILIZAÇÃO DO HAITI: A ÓTICA DA MÍDIA HAITIANA EM TORNO DA ATUAÇÃO DO BRASIL NA MINUSTAH**, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 04 de Outubro de 2021.

Assinatura Eletrônica

04/10/2021 14:37:56.0

FATIMA REGINA FERNANDES FRIGHETTO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

04/10/2021 13:40:50.0

CELSO CORRÊA PINTO DE CASTRO

Avaliador Externo (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/RJ)

Assinatura Eletrônica

04/10/2021 14:18:40.0

ADRIANA APARECIDA MARQUES

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO)

AGRADECIMENTOS

Agradecer a todos que estiveram envolvidos diretamente ou indiretamente em minha dissertação não é uma tarefa fácil. Alguns, mesmo desconhecendo o meu objeto de estudo e minhas motivações foram fundamentais porque estiveram envolvidos na minha vida de tal maneira que sem a sua participação a realização do sonho do mestrado teria sido muito mais difícil.

Desta forma, em primeiro lugar, agradeço a minha família que sempre se fez presente em toda a minha vida, me apoiando, me ajudando e me dispensando um amor incondicional. À minha mãe, Neusa, com seu amor incondicional, meu pai, Almir, minha referência de vida, minha irmã, Gisele, meu cunhado Cristiano e meus sobrinhos, Sofia e Joaquim.

Agradeço aos professores do Departamento de História da Universidade Federal, que eu tanto admiro e que alicerçam a minha carreira acadêmica, principalmente da Linha de Pesquisa Cultura e Poder, que me ofereceram interessantes disciplinas que abriram minha mente para novos questionamentos; Em especial ao meu orientador Prof Dr. Dennison de Oliveira, Historiador brilhante, que acolheu com muito entusiasmo minhas tímidas propostas de estudar a Missão de Paz no Haiti, me disponibilizando seu tempo e valiosos ensinamentos, que envolvem rigor e erudição. Agradeço também ao orientador da graduação, Prof Dr. Marcos Gonçalves, profissional abnegado, responsável pela minha iniciação nas pesquisas acadêmicas.

Agradeço à minha querida amiga e incentivadora, Prof Dr.a Ana Paula Peixoto, pela sua ternura, pelas correções e sugestões enriquecedoras no trabalho, além das conversas repletas de conhecimento.

Agradeço também aos meus avaliadores da Qualificação e da banca, professores Adriana Marques e Celso Castro, que dispuseram seus valiosos tempos para a leitura do meu trabalho, fazendo correções e comentários significativos, que enriqueceram a minha pesquisa.

Sou muito grato ao meu amigo Henri Francis, doutorando de Sociologia da UFPR, que me incentivou na construção do projeto de mestrado, e aos doutorandos da linha de pesquisa Cultura e Poder, que dividiram comigo as suas experiências acadêmicas, me proporcionando interessantes reflexões e uma convivência intelectual produtiva e instigante.

Sou grato aos amigos de pós-graduação, que me propiciaram momentos de descontração e de reflexão nessa trajetória, em especial às queridas amigas Andréia e Ana Paula, pelo companheirismo nos momentos de alegria e desespero, durante o mestrado.

Devo minha gratidão à Maria Cristina, Secretária do PPGHIS/UFPR, pelo extremo profissionalismo no controle do nosso calendário acadêmico e pela paciência que teve comigo, sempre muito educada, solícita e diligente.

Por último, agradeço à Universidade Federal do Paraná, instituição que viabilizou a concretização desse sonho. Viva a educação pública!

Esta dissertação é dedicada aos meus sobrinhos, Sofia e Joaquim, que enchem a minha família com a alegria da infância.

RESUMO

O Brasil participa das operações de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) desde 1947. Nestes 70 anos, o país integrou diversos contingentes, enviando mais de 40 mil militares brasileiros, empregados na busca de soluções de conflitos internacionais. Entretanto, a recente Missão para Estabilização do Haiti (MINUSTAH) foi a que teve mais projeção midiática, em virtude de farta cobertura jornalística. Este trabalho pretende analisar as matérias jornalísticas do Haiti. O objetivo é observar qual foi a análise feita pelos jornais do Haiti a respeito da participação das tropas brasileiras na MINUSTAH. A análise histórica das ações de segurança empreendidas pelo Exército Brasileiro na capital haitiana e no interior do Haiti (entre os anos de 2004 e 2017), será realizada com base nos eventos noticiados pelos principais periódicos haitianos, disponíveis por meio eletrônico na rede mundial de computadores, assim como das matérias divulgadas pelo Portal Brasil. Em relação à imprensa Haitiana, serão utilizados os jornais Le Nouvelliste, AlterPresse, Haiti Libre, Haiti Liberté e Haiti Network.

Palavras chave: MINUSTAH; Missão de Paz; Haiti; Brasil; Organização das Nações Unidas e Jornais.

ABSTRACT

Brazil has participated in the peace operations of the United Nations (UN) since 1947. In these 70 years, the country has integrated several contingents, sending more than 40 thousand Brazilian soldiers, employed in the search for solutions to international conflicts. However, a recent Mission for Stabilization in Haiti (MINUSTAH) was the one that had the most media coverage, due to ample press coverage. This work intends to analyze the journalistic articles from Haiti. The objective is to observe what was an analysis made by newspapers in Haiti regarding the participation of Brazilian troops in the MINUSTAH. The historical analysis of the security actions undertaken by the Brazilian Army in the Haitian capital and in the interior of Haiti (between the years 2004 and 2017), will be carried out based on the events reported by the main Haitian periodicals, available electronically on the World Wide Web , as well as the materials published by Portal Brasil. In relation to the Haitian press, the newspapers Le Nouvelliste, AlterPresse, Haiti Libre, Haiti Liberté and Haiti Network will be used.

Keywords: Minustah; Peace Mission; Haiti; United Nations and Newspapers.

LISTA DE SIGLAS

ABC - Agência Brasileira de Cooperação.

ACISOS - Ações Cívico-Sociais.

AEA - American Evaluation Association (Associação Americana de Avaliação).

ATPC - Associação dos Trabalhadores e Povos do Caribe.

BRABATT - Brazilian Battalion (Batalhão Brasileiro).

BRAENGCOPY - Brazilian Engineering Company (Companhia Brasileira de Engenharia).

CARICOM - Caribbean Community (Comunidade Caribenha).

CEPAL - Comissão Econômica para América Latina e o Caribe.

CES - Canadian Evaluation Society (Sociedade Canadense de Avaliação).

CICV - Comitê Internacional da Cruz Vermelha.

CSNU - Conselho de Segurança das Nações Unidas.

CSP - Central Sindical e Popular.

CIDH - Comissão Interamericana de Direitos Humanos.

CIVPOL - Civilian Policing (Policamento Civil).

DDR - Desarmamento, Desmobilização e Reintegração.

EB - Exército Brasileiro.

EREPAR - Escritório de Representação do Ministério de Relações Exteriores no Paraná.

EUA - Estados Unidos da América.

FAB - Força Aérea Brasileira

FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura).

FRAPH - Front pour l'avancement et le Progrès Haitien (Frente pelo Avanço e Progresso do Haiti).

GRALIP - Grupo de Reflexão e Ação para a Liberdade de Imprensa.

ICG - International Crisis Group.

IICA - Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura.

IJDH - Institute for Justice and Democracy in Haiti (Instituto para Justiça e Democracia no Haiti).

IME - Instituto Militar de Engenharia.

JILAP - Justice et Paix Haïti (Justiça e Paz).

MERCOSUL - Mercado Comum do Sul.

MICAH - International Civilian Support Mission in Haiti (Missão Internacional de Apoio ao Haiti).

MICIVIH - Mission Civile Internationale en Haïti (Missão Civil Internacional no Haiti).

MIF - Força Interina Multinacional (Força Interina Multinacional).

MINUSTAH - Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti (Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti).

MIPONUH - Mission de Police des Nations Unies en Haïti (Missão de Polícia das Nações Unidas).

MODEP - Mouvement Démocratique Populaire (Movimento Democrático Popular).

MSF - Médicos Sem Fronteiras

NCHR - National Coalition for Haitian Rights (Coalizão Nacional pelos Direitos dos Haitianos).

OEA - Organização dos Estados Americanos.

ONG - Organização não governamental.

ONU - Organização das Nações Unidas.

PAPDA - Plateforme Haïtienne de Plaidoyer pour un Développement Alternatif (Plataforma Haitiana de Advocacia para o Desenvolvimento Alternativo).

PIDHDD - Plataforma Interamericana para os Direitos Humanos, Democracia e Desenvolvimento.

PMA - Programa Mundial de Alimentos.

PNH - Police Nationale Haïtienne (Polícia Nacional Haitiana).

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

POHDDH - Plateforme des Organisations Haïtiennes de Défense des Droits Humains (Plataforma das Organizações Haitianas para a Defesa dos Direitos Humanos).

PSTU - Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.

PKO - Peacekeeping Operations (Operações de manutenção da paz).

RNDDH - Rede Nacional de Defesa dos Direitos Humanos

USSOUTHCOM - United States Southern Command (Comando Sul dos Estados Unidos)

UNMIH - United Nations Mission in Haiti (Missão das Nações Unidas no Haiti).

UNPOL - United Nations Police (Polícia das Nações Unidas).

UNICEF - United Nations International Children's Emergency Fund (Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância).

UNSMIH - United Nations Support Mission in Haiti - Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti.

UNTMIH - United Nations Transition Mission in Haiti (Missão de Transição das Nações Unidas no Haiti).

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

USF - Universidade de São Francisco.

KOMODEVIK - Mobilizasyon Pou Dedomaje Viktim Kolera (Coletivo de Mobilização pela Indenização às Vítimas da Cólera).

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1. PRIMEIRA PARTE: PREÂMBULOS | 18 |
| 1.1 Fontes de Pesquisa..... | 18 |
| 1.2 Contextualização Histórica..... | 21 |
| 1.3 A Missão de Paz no Haiti..... | 31 |
| 1.4 A política brasileira em relação à Missão de Paz..... | 32 |
| 1.5 O Haiti visto de perto..... | 33 |
| 2 SEGUNDA PARTE: O BRASIL E A MINUSTAH AOS OLHOS DOS JORNAIS HAITIANOS | 36 |
| 2.1 A Chegada..... | 36 |
| 2.1.1 Uma presença não muito desejada..... | 37 |
| 2.1.2 Insatisfações e reclamações iniciais: atuações imperialistas e subimperialistas?..... | 42 |
| 2.1.3 Preocupações diplomáticas..... | 44 |
| 2.1.4 Combater a violência ou causar mais violência ?..... | 48 |
| 2.2 CONSOLIDAÇÃO | 60 |
| 2.2.1 Pouco sucesso no combate à violência ?..... | 60 |
| 2.2.2 Alguns êxitos..... | 66 |
| 2.2.3 Tempo demais..... | 69 |
| 2.3 TERREMOTO E EPIDEMIA DE CÓLERA | 71 |
| 2.3.1 Cada vez mais fartos..... | 71 |
| 2.3.2 Um legado insalubre e exigências de retirada..... | 76 |
| 2.3.3 Avolumam-se as exigências de retirada das tropas (apesar do reconhecimento de certo auxílio por parte delas)..... | 82 |
| 2.4 TÉRMINO E RETIRADA | 86 |
| 2.4.1 Algumas despedidas..... | 86 |
| 2.4.2 A montanha e o rato..... | 89 |
| 2.4.3 Ainda por cima um furacão..... | 91 |
| 2.5 PARA ALÉM DA MINUSTAH | 93 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 102 |
| REFERÊNCIAS | 109 |

Introdução

O Brasil participa das operações de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) desde 1947. Nestes setenta anos, o país integrou diversos contingentes, enviando mais de 40 mil militares brasileiros para diversas regiões do mundo na busca de soluções para conflitos internacionais.

A mais significativa delas, em virtude do longo tempo que nossas tropas lá permaneceram e da ampla cobertura e projeção midiática, estimulada ainda mais em virtude das catástrofes naturais que na época assolavam – e infelizmente ainda assolam – o pequeno país caribenho, foi a recente participação das Forças Armadas Brasileiras na Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH, sigla derivada do francês para Mission des Nations Unies pour La Stabilisation em Haiti – ocorrida entre os anos de 2004 e 2017.

Porém, ainda que durante as sete décadas de atuação brasileira em missões de paz internacionais, a participação no Haiti tenha sido a mais significativa, a historiografia carece de estudos sobre o tema, até por se tratar de uma "história imediata". Assim, a fim de colaborar na reflexão sobre este período de nossa atuação no Haiti, a presente dissertação se propôs a analisar a participação das Forças Armadas Brasileiras na MINUSTAH, a partir da ótica da mídia haitiana, com o objetivo de ampliar a visão brasileira sobre nossa atuação naquele país e poder melhor avaliar seus resultados e consequências.

Além de esta abordagem ser inédita entre os estudos brasileiros sobre a Missão de paz no Haiti, outro motivo que nos levou a abordar a temática foi a experiência profissional e pessoal do autor desta dissertação, testemunha ocular do fato histórico por ter atuado como militar do Exército Brasileiro na MINUSTAH.

Foi em 2008 que ingressei no Pelotão de Engenharia do Batalhão de Força de Paz, pertencente ao 9º Contingente Brasileiro da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti – Mission des Nations Unies pour la Stabilisation em Haiti, (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti) – Minustah. Nesta oportunidade pude perceber *in loco*, como 3º sargento do Exército Brasileiro, quaiseram as demandas do povo haitiano tanto as relacionadas às necessidades básicas – como saúde, alimentação, acesso a água potável, educação, saneamento básico, segurança –, bem como a necessidade premente de infraestrutura estatal, que possibilitasse ao governo haitiano atender tais urgências.

No período em que permaneci no Haiti, entre maio e dezembro de 2008, colhi muitas impressões, as quais hoje, por meio de pesquisa acurada, pude questionar, compreender e

mesmo confirmar. Uma dessas impressões que se verificaram através de minha trajetória neste trabalho acadêmico foi a de que após os treze anos da presença da MINUSTAH em território haitiano, a situação no Haiti pouco mudou, sobretudo em se tratando de solução das carências que presenciei quando lá estive.

Alguns anos depois de eu já estar de volta ao Brasil, em 2015, eu já era discente do curso de História, Memória e Imagem da Universidade Federal do Paraná. Por ter tido essa vivência no Haiti, fui convidado pelos professores Marcos Gonçalves e Roseli Terezinha Boschilia para fazer parte de um grupo de pesquisa da UFPR cujo objetivo era estudar a imigração haitiana em Curitiba, em projeto intitulado: “Memórias deslocadas: os haitianos e a experiência da diáspora para o Brasil”.

Tal oportunidade, além de resgatar as minhas lembranças dos dias de labuta em solo haitiano, foi de grande valia acadêmica, pois, no decorrer dos trabalhos de pesquisa, pude desenvolver atividades de campo, relativas aos levantamentos estatísticos em diversos órgãos, como na Secretaria de Direitos Humanos do Estado do Paraná, no Ministério das Relações Exteriores, através do Escritório de Representação no Paraná – EREPAR, que objetivaram mensurar o quantitativo numérico de haitianos que migraram para Curitiba.

Estes apuramentos estatísticos me chamaram a atenção acerca das demandas apresentadas ao Brasil em 2004 pelo Conselho de Segurança da ONU. As responsabilidades que mais chamaram a atenção se referem à segurança do Haiti, tendo em vista que a escalada da violência em Porto Príncipe foi um dos fatores preponderantes para êxodo haitiano entre os anos de 2004 e 2009, conforme manchetes jornalísticas e depoimentos dos haitianos colhidos nas entrevistas da pesquisa acadêmica citada.

Outro estímulo que fomentou o êxodo de haitianos para o Brasil foram os esforços governamentais na gestão da presidenta Dilma Roussef para legalizar a situação dos haitianos no Brasil, conforme divulgado em 2 de fevereiro de 2012 pelo canal de informações *Haiti Press Network*: “Haïti-Brésil: 1200 visas brésiliens par année pour les Haïtiens”¹ (“Haiti-Brasil: 1.200 vistos brasileiros por ano para haitianos”). Segundo essa matéria apresentou, a presidenta Dilma, durante sua visita ao Haiti, afirmou que o Brasil ofereceria 1.200 vistos por ano aos haitianos.

Em 2015, novamente as questões humanitárias referentes ao êxodo haitiano ao Brasil voltaram à tona, como foi divulgado na matéria do mesmo veículo, agora intitulada “Haïti –

¹Disponível em: <<https://www.hpnhaiti.com/site/index.php/politique/5379-haiti-bresil-6-000-visas-aux-haitiens-par-le-bresil-jusqua-2016>>. Acesso em: 07/05/2021.

Politique: Le Brésil accorde la résidence permanente à 43,781 haïtiens² (“Haiti – Política: O Brasil concede residência permanente a 43.781 haitianos, de 12 de novembro de 2015”). A concessão foi dada aos imigrantes haitianos que entraram no Brasil entre 2010 e 2015.

Considerando esse contexto, foi realizada uma seleção de veículos distintos da mídia haitiana, organizando-os por meio de uma lógica que permitisse certas divisões temporais relativas à participação das tropas brasileiras na Força de Paz das Nações Unidas.

Por se tratar de um recorte histórico relativamente grande, que vai de 2004 a 2017, tempo de atuação da MINUSTAH, surgiu a necessidade de a análise jornalística ser dividida em quatro períodos distintos, para fins de melhor entendimento da proposta e para estabelecer uma ordem cronológica dos fatos aqui apontados. A decisão de dividir foi tomada depois da análise das matérias jornalísticas em virtude da importância que os marcos tiveram no decorrer da missão.

O primeiro período aborda a ambientação e engajamento inicial, ocorrido entre 2004 e 2005; o segundo período, ou fase de consolidação, entre os anos de 2006 e 2009. Tal fase se refere às ações dos capacetes azuis no processo de pacificação; o terceiro período é dedicado ao terremoto e à epidemia de cólera, eventos ocorridos em 2010, e suas consequências até o ano de 2012; e o quarto e último período, que abrange o início da desmobilização do aparato militar e um balanço da eficácia da Força de Paz da ONU no Haiti, em especial do Brasil.

Ao examinar os veículos midiáticos em questão, a pergunta central que norteou nosso trabalho foi a seguinte: de que forma a imprensa haitiana retratou a participação brasileira na MINUSTAH ao longo dos treze anos de notícias sobre a missão?

Em relação a essa pergunta, ao longo desse trabalho mantivemos em mente os seguintes objetivos: 1) Analisar a ótica da mídia haitiana sobre a intervenção da MINUSTAH, em especial sobre a atuação brasileira no Haiti; 2) Identificar tanto as opiniões favoráveis como as contrárias por parte da imprensa haitiana em relação à MINUSTAH e ao Brasil; e 3) Depreender a percepção da imprensa escrita haitiana sobre as ações do Brasil na MINUSTAH.

A hipótese de que partimos é a de que a repercussão na mídia haitiana das ações do Brasil na MINUSTAH esteve mais ligada à imagem que o governo brasileiro buscou construir, ligada às ações humanitárias e de reconstrução da infraestrutura, do que aos ditames estabelecidos pelas Nações Unidas ao Brasil através da MINUSTAH.

²Disponível em: <<https://www.haitilibre.com/article-15744-haiti-politique-le-bresil-accorde-la-residence-permanente-a-43-781-haitiens.html>>. Acesso em: 07/05/2021.

No estudo de conteúdo, o tratamento dos dados foi posto à prova. Esta verificação visa possibilitar a compreensão do significado dos discursos, que são carregados de simbologias e intenções políticas. De acordo com Laurence Bardin (2008, p.70), a análise de conteúdo é uma forma de compreender as representações que estão incluídas nas fontes impressas. O uso desse método propicia ao analista construir os sentidos dos discursos feitos pela documentação analisada

A metodologia de trabalho empregada concernentes aos artigos científicos redigidos por pesquisadores e personalidades que foram testemunhas do contexto histórico estudado entram em acordo com a concepção de Jacques Le Goff (1990, p. 43), "fiel e móvel". Para ele, ao trabalhar com escritos memorialísticos, o historiador deve levar em conta sua mobilidade tanto quanto sua fidelidade.

Pertinente aos jornais, deve ser considerado que um periódico, independentemente de seu perfil, está permeado por interesses, ora convergentes, ora conflitantes. O que foi publicado não necessariamente é um relato fidedigno da realidade, podendo, por vezes, haver a defesa interessada de um posicionamento político, ou mesmo interesses escusos (como, por exemplo, o alcance de um público alvo) etc.

Ainda em relação ao uso dos jornais como fontes históricas, a pesquisa está pautada nas conclusões da historiadora Tania Regina de Luca (2008, p. 118). Essa autora argumenta que é fundamental não estudar o jornal (ou veículo midiático) de maneira isolada, e que contrapontos com outras fontes é fundamental, até porque o jornal se encontra:

Em dois tempos: um objetivo que interpreta o texto escrito efetivamente e outro subjetivo que precisa entender aquilo que não aparece escrito, mas é possível identificar à luz do contexto histórico. Assim, o estudo da imprensa necessita do conhecimento que está em torno dela, já que essa mesma imprensa está invariavelmente atrelada ao seu tempo histórico.

No que tange aos veículos midiáticos, foram considerados os apontamentos de Maria Regina Campelato (1988), de que os jornais são um “manancial dos mais férteis para o conhecimento do passado”, e que a imprensa, com a produção de informações, possibilita ao historiador acompanhar o percurso dos homens através dos tempos” (p. 13). Além disso, a escritora considera o material jornalístico valiosíssimo como fonte de pesquisa para o estudo de época.

As fontes de pesquisa utilizadas no presente trabalho são notícias divulgadas por veículos de imprensa haitianos, escritas por jornalistas que registraram o primeiro testemunho,

muitas vezes ocular, do que virou História. No que diz respeito à contemporaneidade das notícias, elas se renovam diariamente, tornando-se desatualizadas rapidamente para os jornalistas, pois estes profissionais tendem a se preocupar com a questão da atualidade e da novidade. Contudo, para o historiador, as edições que se tornaram antigas se transformam em registros do tempo, documentos históricos, passíveis de análise de acordo com um método historiográfico.

Tais fontes, juntamente com outras fontes bibliográficas a cerca de um mesmo assunto, se tornam lugares de memória à espera de pesquisadores que possam interpretá-las e contextualizá-las. Portanto, as matérias produzidas pelos jornalistas serão posteriormente utilizadas pelos historiadores como fontes de pesquisa.³

Deste modo, as duas profissões dão sentido às ocorrências do mundo. No entanto, há uma diferença fundamental na relação em que essas atividades estabelecem com o fato:

O historiador não tem tanto em conta, para a averiguação da importância de um determinado acontecimento, o seu interesse para o público, mas o fato de ele ter sido objeto do trabalho do trabalho de sedimentação que o tempo provocou, a partir nomeadamente da ponderação dos seus efeitos. O jornalista, por seu lado, não tem ainda ao seu dispor este trabalho do tempo sobre os fatos que narra para apreciar a sua importância: parte antes do pressuposto de que o público este trabalho do tempo sobre os fatos que narra para apreciar a sua importância: parte antes do pressuposto de que o público tem interesse em conhecê-los. É por isso que, enquanto o historiador trabalha com fatos históricos, o jornalista transforma os fatos ocorridos em notícias, em fatos digamos de nota (RODRIGUES, 1996, p 58)

Em relação à história do tempo presente, a imediatidade dessa história, o que a diferencia das temáticas históricas mais remotas é a proximidade do pesquisador em relação aos acontecimentos, pois os fatos ocorridos na história do tempo presente são praticamente contemporâneos de seus objetos de estudo. Sendo assim, a configuração da história do tempo presente está inevitavelmente relacionada à dimensão temporal presencial.

Outra característica, e que também está relacionada à cronologia do fato a ser pesquisado, está nas lembranças das testemunhas que são vivas e que podem questionar e supervisionar o trabalho do historiador deixando-o em xeque. (VOLDMAN, 1993).

3A imprensa cada vez mais tem sido utilizada como fonte primária pelos historiadores. Em um breve levantamento feito nos anos do XXIV encontro da ANPUH (Associação de História), de 2007, constatou-se que quase 70% dos trabalhos sobre o século XX utilizavam a mídia como fonte histórica. (RIBEIRO e HERSCHMANN, 2008, p. 14).

Foi considerando essa perspectiva que Bédarida declarou que a “história do tempo presente é feita de moradas provisórias” (BÉDARIDA apud FERREIRA, AMADO, 1996, p. 221).

PRIMEIRA PARTE: PREÂMBULOS

1.1 FONTES DE PESQUISA

Para a realização deste trabalho foram selecionados sete veículos midiáticos: os jornais haitianos *Le Nouvelliste*, considerado o mais importante do país (INFOASID, 2021), e *Le Matin*, ambos diários, e os semanais *Haiti Liberté* e *Haiti en Marche*. Também foi incluído o jornal haitiano *on-line* com sede nos EUA *The Haitian Times*, além de dois canais de comunicação independentes com difusão internacional, o *AlterPresse* e o *Haiti Libre*.

Tais opções se justificam pelo fato de tais veículos alcançarem um público mais amplo, formado tanto por haitianos residentes, quanto por dissidentes, residentes em outros países. Além disso, é importante ressaltar que são poucos os conteúdos midiáticos acessíveis produzido pelo jornalismo haitiano, principalmente nos anos iniciais da Missão, tendo em vista a precariedade do sistema eletrônico naquele país. Ou seja, os veículos jornalísticos foram escolhidos principalmente por sua acessibilidade e viabilidade.

Contudo, a análise de discursos sobre a MINUSTAH pautada nestes canais de comunicação não deve ser considerada o resultado de uma visão abrangente sobre a mídia haitiana, pois o país possui outros veículos, como a TV e principalmente o Rádio. Cabe lembrar que os periódicos são direcionados a uma parcela do público haitiano mais instruído, que foram alfabetizados em francês, sendo que a população menos escolarizada se comunica predominantemente em creole e tem acesso muito restrito à internet. No entanto, os jornais são produtos muito influentes para todos os públicos do país, pois os outros meios, sendo rádio e TV, pautam-se em suas notícias, conforme relatado pela Instituição Infoasaid (2021).

De acordo com o relatório da Universidade de São Francisco,⁴ elaborado pela ex-ministra da Cultura e Comunicação da República do Haiti Marie-Laurence Jocelyn

4LASSÈGUE, M. L. Jocelyn. Haiti's former Minister of Culture and Communication, on World Press Freedom - Freedom of the Press in Haiti: The Chilling Effect on Journalists Critical of the Government. Disponível em: <http://www.ijdh.org/wp-content/uploads/2012/09/IJDH_FreedomOfExpression.pdf>. Acesso em: 13/05/2020. E em: <[BR&sl=fr&u=https://minustah.unmissions.org/libert%C3%A9-de-la-presse-ha%C3%A9ti-entre-acquis-et-d%C3%A9fis&prev=search](https://minustah.unmissions.org/libert%C3%A9-de-la-presse-ha%C3%A9ti-entre-acquis-et-d%C3%A9fis&prev=search)>. Acesso em: 13/05/2020.

Lassegue⁵, o rádio é o veículo de comunicação mais popular no Haiti, com mais de 90 % dos haitianos tendo acesso às suas transmissões, sendo acessível em quase todas as regiões do país. Apesar da deficiência energética, existem muitas estações de rádio no Haiti, que são baratas e podem operar sem uma rede elétrica.

Em relação às estações de Televisão, existe um número bastante reduzido, sendo aproximadamente vinte na capital e mais quinze distribuídas em outras regiões. No entanto, por causa da falta de eletricidade, a audiência total da televisão é baixíssima, conquistando menos de 10% da população.

Lassegue aponta que devido aos problemas educacionais, os jornais são menos procurados, em comparação às rádios; no entanto, existem dois jornais diários nacionais – o *Le Nouvelliste*, o mais antigo jornal em atividade, desde 1919, com uma tiragem de 15.000 cópias, e os periódicos *Le Matin*, *AlterPresse* e do *Haiti Libre e Haiti Liberté* que são veículos midiáticos independentes, voltados também aos haitianos residentes em outros países.

Além dos jornais sediados em território haitiano, ainda existe o periódico *The Haitian Times*,⁶ situado em Nova Iorque, que é destinado aos imigrantes haitianos residentes nos Estados Unidos. Quando era impresso, tinha 30.000 tiragens por semana. No entanto, desde 2012 suas publicações são ofertadas apenas no formato *online*, ampliando seu público para incluir haitianos de todo o mundo. É considerado como a maior autoridade da diáspora haitiana.

No que diz respeito à camada social atingida pela imprensa escrita haitiana, os editoriais são direcionados à parcela da população que foi alfabetizada em francês, enquanto que as rádios são apresentadas em crioulo. Atualmente, não existe nenhum jornal em crioulo no Haiti, muito embora notícias neste dialeto estejam disponíveis *online*, porém não são muito consultadas devido ao alto custo da Internet para a grande maioria da população.

Referente às fontes escritas, foram estudadas as manchetes destes jornais que estão acessíveis pela internet. Em relação às fontes governamentais, elas foram extraídas também da internet, disponibilizadas através do Portal Brasil - Ministério da Defesa - Exército Brasileiro, Instituto Igarapé e Centro Conjunto de Operações de Paz do Brasil - Sergio Vieira de Mello.

Além da utilização das fontes midiáticas haitianas, para que sejam atingidos os objetivos anteriormente citados, torna-se patente o entendimento das questões que permeiam

⁵Disponível em: <<https://www.idea.int/about-us/people/marie-laurence-jocelyn-lassegue>>. Acesso em: 13/05/2020.

⁶Disponível em: <https://haitiantimes.com/about-the-haitian-times/>. Acesso em: 15/05/2020.

o trabalho proposto. Primeiramente, estudou-se a definição do termo “Operações de Manutenção de Paz”. Para isso será utilizado o trabalho de Domício Proença Júnior: *O enquadramento das missões de paz (PKO) nas teorias da guerra e de polícia*. No texto, o autor discorre sobre esse entendimento, pautado nos tópicos sobre força e violência, uso da força, guerra e paz.

Em relação às notícias, foi verificado que um reduzido número de matérias foi assinado pelos autores, jornalistas ou editores responsáveis, muitas vezes nem ao menos subscritas pela expressão “Da redação”. Outra questão está no fato de os nomes serem abreviados, o que dificulta a identificação da autoria dos textos. No entanto, no decorrer da pesquisa, percebeu-se que os jornais, mesmo não tendo a identificação nítida dos autores das notícias, foram porta-vozes de diferentes segmentos da sociedade civil, da comunidade científica, de organizações não governamentais e religiosas, tais como o Movimento Democrático Popular, Coalizão Nacional pelos Direitos dos Haitianos, Departamento de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da Universidade de Harvard, Plataforma Interamericana para os Direitos Humanos, Democracia e Desenvolvimento, ONG brasileira Justiça Global, entre outras.

De acordo com o jornalista haitiano Vario Serant⁷, ex-coordenador do Grupo de Reflexão e Ação para a Liberdade de Imprensa (Gralip), apesar da relativa liberdade de imprensa conquistada após a queda da dinastia Duvalier, a atividade jornalística no Haiti ainda é vítima de censura e de violência, obrigando seus profissionais a agirem com cautela, o que pode explicar o anonimato dos autores das manchetes.

Tais hostilidades foram registradas no relatório *La Liberté de Presse en Haïti*⁸ (“A Liberdade de Imprensa no Haiti”), publicado em 28 de setembro de 2012, que enumera as agressões, atentados e censura que acometeram a imprensa haitiana entre 2003 e 2012, quando as redações dos jornais foram incendiadas e profissionais perseguidos e assassinados por agentes do governo ou por organizações criminosas. O texto também denuncia a ineficiência do governo haitiano em proteger as atividades de imprensa.

O conjunto de notícias analisadas nos jornais entre 2004 e 2010 que fazem menção exclusiva ao desempenho das tropas brasileiras corresponde a 60 % do total de matérias sobre

⁷Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article7913#.XsU3cGhKjIU>>. Acesso em: 23/07/2020.

⁸Liberdade de Imprensa no Haiti, Universidade de São Francisco e IIDH, produzido por Nicole Phillips, membro do corpo docente da Faculdade de Direito da Universidade de São Francisco, por Kate O’Laughlin, Lynn Nguyen e Laura Tran. Os três estudantes da USF, 28 de setembro de 2012. Disponível em: <https://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=fr&tl=pt&u=http%3A%2F%2Fwww.ijdh.org%2Fwp-content%2Fuploads%2F2012%2F10%2FIJDH_FreedomOfExpression_fr.pdf&prev=search.>> Acesso em: 23/07/2020.

o tema. Após 2010, quando ocorreu o terremoto, as notícias referentes à Missão de Paz abordavam a Minustah como um todo, não distinguindo os países integrantes, com exceção do Uruguai e Sri Lanka, em relação às acusações de abusos sexuais, e do Nepal, em razão da cólera, que vitimou milhares de haitianos.

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Este país caribenho foi a primeira nação da América Latina a conquistar a sua independência, com uma revolta bem sucedida de escravizados em 1804. Até então a França era sua metrópole. Sua história é marcada por uma constante instabilidade de poder, alternada entre períodos de democracias e ditaduras.

Após a independência, a França e os Estados Unidos adotaram uma estratégia de denegação focada na aniquilação e isolamento do Haiti. Tal intenção ficou explicitada nas próprias palavras do presidente americano Thomas Jefferson, o qual em 1801 declarou que, caso a ilha alcançasse a independência, ela deveria permanecer sob a proteção Americana, Francesa e Britânica, que seriam os países encarregados de “isolar o vírus da peste que acomete o Haiti” (SEINTENFUS, 2014, p.28). Para Jefferson, uma simples medida já eliminaria o problema: impedir que os negros obtivessem navios, pois isso os impediria de manter contato com outros países e possibilitaria aos estadunidenses proveitosas e lucrativas relações comerciais. Essa medida impediu que o Haiti tivesse marinha mercante ao longo de 200 anos.

Ainda de acordo com o Seintenfus (2014), o legado social e político da libertação de escravos haitianos disseminou um medo generalizado de revoltas, que se estendeu da Virgínia, nos EUA, ao Rio Grande do Sul, no Brasil. Leis mais rígidas e atitudes mais severas e menos tolerantes em relação aos negros foram adotadas, além do abafamento de sussurros abolicionistas. O isolamento, no Brasil chamado de “haitianismo”, coibiu qualquer ameaça oriunda dos cativos.

Durante as décadas de 1870 e 1880, o Haiti foi palco de lutas intensas em virtude da disputa entre o Partido Liberal, constituído por mulatos, e o Partido Nacional, formado por negros e elementos das Forças Armadas (NICHOLLS, 1996, p. 29-30).

No início do século XX, para evitar a crescente influência dos países europeus nas Américas e a dependência do capital europeu, em especial da Alemanha, os Estados Unidos começaram a se interessar pelo Haiti. Entre os anos de 1915 e 1934, os norte-americanos,

seguindo os ditames da Doutrina Monroe⁹ e para defender seus interesses comerciais, utilizaram o Corpo de Fuzileiros Navais para invadir o país (BETHELL, 1990, p. 276-283). Essa foi a primeira invasão estrangeira em território haitiano após a conquista da independência.

Depois disso, o Haiti teve diversos processos eleitorais que elencaram governantes sem muita expressão política, corruptos e desprovidos de capacidade de governar e de estabelecer a paz e a justiça social. Após essa sucessão de governos pouco produtivos, o governo do Haiti, com o apoio dos Estados Unidos (que temiam a expansão da influência cubana na região), foi assumido no final da década de 1950 pelo mais enigmático político haitiano do século XX: o médico e etnólogo François Duvalier, conhecido como Papa Doc.¹⁰ Este governante instaurou uma ferrenha ditadura no pequeno país caribenho, garantida por um grupo paramilitar intitulado “Tontons Macoute”¹¹, braço armado da repressão (NICHOLLS, 1996, p. 191).

Após a morte de François, quem assumiu o poder foi o seu filho Jean Claude, que não era resoluto como seu pai. Mesmo assim, promoveu assassinatos de opositores políticos e acumulou poderes em torno de sua família. A repressão política e as ações indiscriminadas dos Totons Macoute provocaram o êxodo de milhares de haitianos, que se refugiaram principalmente nos Estados Unidos, França e Canadá. Por conta disso, o governo americano promoveu, em 1986, outra barreira sanitária, lançando mão da Marinha de Guerra e da Guarda Costeira para isolar o Haiti, impedindo que milhares de refugiados continuassem desembarcando diariamente na costa da Flórida.

No mesmo ano, em virtude de uma manifestação ocorrida na cidade de Gonaïves, diversas rebeliões eclodiram no interior do país. Em pouco tempo as revoltas se intensificaram até chegarem à capital Porto Príncipe, forçando a fuga de Baby Doc, que se evadiu do Haiti com a família, em fevereiro de 1986 (BETHELL, 1990, p. 276-283).

9Prática política norte-americana, estabelecida a partir de 1823, que previa a não intervenção dos europeus no continente americano, em troca da não interferência dos Estados Unidos nas questões exclusivamente europeias. Ao mesmo tempo, os EUA se colocavam como juizes e guardiães de todas as questões que pudessem envolver a América como um todo, tanto na parte central como no cone sul do continente (KARNAL, 2007, p. 105).

10Duvalier era médico (Doctor em inglês, com a abreviação reduzida a Doc) e Papa que deriva da ideia de pai.

11Duvalier, em 1957, criou uma organização oficialmente chamada de Voluntários da Segurança Nacional, conhecida popularmente como “Macoute de Tontons” (“macoute”, em creole significa “sacola” ou “saco”; “Ton Ton”, por sua vez, significa “tio”), ficando conhecidos como “Tontons Macoutes”, ou seja, “homens do saco”.

Disponível em:

<https://books.google.com.br/books?id=q9owdkOc0wgC&pg=PA53&dq=tonton+macoute+%22sack%22&hl=en&ei=zS9gTIHMG8P.8AaL7_m0DQ&sa=X&oi=book_result&ct=result&redir_esc=y#v=onepage&q=sack&f=false>. Acesso em: 06/02/2020.

Em 1987, um ano após a queda da família Duvalier, o Haiti promulgou uma nova Constituição e elegeu, em 1990, Jean Bertrand Aristide, um ex-padre, ligado à Teoria da Libertação. Acusado de corrupção logo no primeiro ano de seu governo, Aristide enfrentou um golpe militar, tendo fugido do país e buscado asilo político na França.

Posteriormente, em razão da crise, os EUA e a ONU, com o seu Conselho de Segurança, sancionaram e efetivaram um bloqueio comercial à ilha caribenha, promovendo um agravamento da situação social do país e a escassez de alimentos. Essa medida pressionou a volta de Aristide. O iminente retorno provocou uma crise política e social, envolvendo militares golpistas. Estes, depois de conquistarem uma anistia dos EUA e do presidente no exílio, resolveram abrir mão do governo e aceitar duas medidas: a volta de Aristide ao país e a efetivação de uma força multinacional para ajuda humanitária (NICHOLLS, 1996, p. 108-118).

De acordo com Seitenfus (2014, p. 78), em 1995, depois que foi reestabelecido ao poder, Aristide dissolveu as Forças Armadas, fazendo com que cerca de dez mil militares demitidos aumentassem o coro das revoltas. Neste contexto de crises ininterruptas e para tentar controlar o caos instalado no país, foram enviadas missões da ONU ao Haiti entre os anos de 1993 e 2000 (SEITENFUS, 2014, p. 80).

TABELA 1 – Lista das Missões de Paz no Haiti

| Missão | Duração | Comando | Efetivos | Custos US\$ |
|---------------|-----------------|-----------------|----------------------------------|--------------------|
| MICIVIH | Fev 93 – Mar 00 | ONU/OEA | 280 civis | 14 milhões |
| UNMIH | Set 93 – Jun 96 | EUA | 1.297 militares 291 policiais | 15,1 milhões |
| UNSMIH | Jul 96 – Jul 97 | Canadá | 1.300 militares e 225 civis | 71 milhões |
| UNTMIH | Ago a Nov 97 | Canadá | 50 militares e 250 policiais | 20 milhões |
| MIPONUH | Dez 97 a Mar 00 | Argentina | 300 policiais | 54 milhões |
| MICAH | Mar 00 a Fev 01 | Missão Civil | 207 civis | 27 milhões |

- MICIVIH - Mission Civile Internationale en Haïti. – Missão Civil Internacional no Haiti.
- UNMIH United Nations Mission in Haiti - Missão das Nações Unidas no Haiti.

- UNSMIH - United Nations Support Mission in Haiti - Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti.
- UNSMIH - United Nations Support Mission in Haiti - Missão das Nações Unidas para o Auxílio no Haiti.
- UNTMIH - United Nations Transition Mission in Haiti - Missão de Transição das Nações Unidas no Haiti.
- MIPONUH - United Nations Civilian Police Mission in Haiti - Missão da Polícia das Nações Unidas no Haiti.
- MICAH - International Civilian Support Mission in Haiti - Missão Internacional de Apoio ao Haiti.

Com exceção da MICIVIH, as outras missões foram apresentadas pela imprensa haitiana através do jornal *Le Nouvelliste*, na edição de 06 de outubro de 2017 em matéria intitulada “*Le ONU en Haïti synopsis*”¹² (“A ONU no Haiti: sinopse”), na qual o editorial faz um pequeno resumo das diversas intervenções estrangeiras no território haitiano, coordenadas pelas Nações Unidas, em razão das infundáveis lutas internas. Este resumo apresenta a seguinte lista:

UNMIH (1993-1996) - (Missão das Nações Unidas no Haiti): originalmente criada para facilitar a implementação do Acordo da Ilha dos Governadores assinado pelas partes beligerantes haitianas, em 3 de julho de 1993. Seu objetivo era ajudar a modernizar as forças armadas haitianas e criar uma nova força policial. No entanto, a missão não pôde ser implantada conforme planejado. Diante desse impasse, o Conselho de Segurança, em sua resolução 940 de 31 de julho de 1994, aprovou o envio de uma força mais equipada para promover as ações do destacamento da UNMIH. Sua missão terminou em junho de 1996.

UNSMIH (1996-1997) - (Missão das Nações Unidas para o Haiti): substituiu a UNMIH em julho de 1996. O Conselho de Segurança instituiu a UNSMIH por meio de sua resolução 1063 de 28 de junho de 1996. O mandato era apoiar o governo haitiano a manter a segurança e um ambiente estável. Sua missão terminou em 31 de julho de 1997.

UNTMIH (1997) - (Missão de Transição das Nações Unidas no Haiti): representou a terceira operação da ONU no Haiti. Foi designada pela Resolução 1.123 do Conselho de Segurança de 30 de julho de 1997, por um período não renovável de 4 meses, a fim de auxiliar o governo haitiano na profissionalização da Polícia Nacional do Haiti.

¹²Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/177436/lonu-en-haiti-synopsis>>. Acesso em: 05/02/2021.

MIPONUH (1997-2000) - (Missão da Polícia das Nações Unidas no Haiti): chegou com a Resolução 1141, do Conselho de Segurança de 28 de novembro de 1997. Assim, a UNTMIH foi substituída pela Missão da Polícia Civil das Nações Unidas no Haiti (MIPONUH), em dezembro de 1997. O MIPONUH não previa nenhum componente militar e deveria continuar a missão das Nações Unidas no apoio e profissionalização da Polícia Nacional do Haiti.

MICAH (2000-2004) - (Missão Internacional de Apoio ao Haiti): substituiu a MIPONUH em 16 de março de 2000 por decisão da Assembleia Geral em sua resolução A/54/193 de 17 de dezembro de 1999. Seu mandato tinha como objetivo consolidar os resultados do MIPONUH e missões anteriores. A MICAH tinha, entre outras tarefas, a promoção dos direitos humanos e o fortalecimento da eficácia institucional da Polícia haitiana e do sistema judicial, para facilitar e coordenar o diálogo da comunidade internacional com os atores políticos e sociais do Haiti.

Em 2000, mesmo com as acusações de fraudes, um político aliado de Aristide, René Préval, venceu as eleições e assumiu o governo, permanecendo no poder de 1996 até 2001. As eleições foram vencidas com 91 % dos votos, o que motivou denúncias e provocou protestos no país, principalmente na capital (SEINTENFUS, 2014, p. 90).

Depois de três anos, o Haiti ficou sem controle, até que em 2003 o presidente Aristide deixou de convocar eleições para o Legislativo e passou a governar por decreto. Rebeliões populares eclodiram por todo o país pedindo a renúncia do presidente. Uma revolta armada integrada por ex-militares das Forças Armadas dominou todo o país instaurando o caos. Em decorrência dessa situação, o novo governo haitiano mandou Aristide para o exílio na África do Sul. Contudo, o ex-presidente manteve apoio norte-americano. Enquanto isso, o país mergulhava em inúmeros crimes e delitos. Em meio ao vazio político, uma massa humana de dez milhões de pessoas passou a viver em situação de miséria (SEINTENFUS, 2014, p. 78).

A partir deste contexto de crise, o Conselho de Segurança das Nações Unidas considerou que a convulsão política interna haitiana representava uma ameaça à paz e à “segurança internacional”. Por isso resolveu criar, por intermédio da Resolução 1542 do Conselho de Segurança da ONU (CSNU) de 30 de abril de 2004, uma Força Interina Multinacional (MIF), composta por exércitos de quinze países, sob o comando de um general brasileiro, denominada MINUSTAH (sigla derivada do francês: Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti) – Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (SEINTENFUS, 2014, p. 78).

À luz do parágrafo 7º, do artigo 2º, da Carta das Nações Unidas,¹³ o Conselho de Segurança adotou a resolução 1.529, de 29 de fevereiro de 2004. Com esse enquadramento a ONU considerou a situação do Haiti como uma ameaça à paz e à segurança internacional e da região do Caribe, especialmente porque ela poderia provocar um êxodo em direção aos Estados vizinhos. A referente legislação, nos artigos 41 e 42; do Capítulo VII – Ação Relativa a Ameaças à Paz, Ruptura da Paz e Atos de Agressão –, previa o seguinte:

Art 41 - O Conselho de Segurança decidirá sobre as medidas que, sem envolver o emprego de forças armadas, deverão ser tomadas para tornar efetivas suas decisões e poderá convidar os membros das Nações Unidas a aplicarem tais medidas. Estas poderão incluir a interrupção completa ou parcial das relações econômicas, dos meios de comunicação ferroviários, marítimos, aéreos, postais, telegráficos, radiofônicos, ou de outra qualquer espécie e o rompimento das relações diplomáticas.

Art 42 - No caso de o Conselho de Segurança considerar que as medidas previstas no artigo 41 seriam ou demonstraram que são inadequadas, poderá levar a efeito, por meio de forças aéreas, navais ou terrestres, a ação que julgar necessária para manter ou restabelecer a paz e a segurança internacional. Tal ação poderá compreender demonstrações, bloqueios e outras operações, por parte das forças aéreas, navais ou terrestres dos membros das Nações Unidas.

No entanto, o Haiti era dominado por ações criminosas que causavam desordem, arruinavam a pouca credibilidade nacional e estagnavam qualquer possibilidade de progresso. O país estava envolto em crimes e conflitos de natureza policial, sem a presença de forças armadas, pois haviam sido dissolvidas em 1995 (SEINTENFUS, 2014, p. 78).

Quando a MINUSTAH se instalou no território haitiano, encontrou um Estado praticamente inexistente e bastante frágil, com uma organização social bem deficiente. No entanto, existia a manutenção e a originalidade de sua cultura e de suas raízes, além de uma consciência profunda de sua História, uma identidade presente que está relacionada a apelos nacionalistas. Apesar da carência de condições humanas básicas, a população tende a buscar respostas no passado (SEINTENFUS, 2014, p. 72).

De acordo ainda com Seintenfus, esta situação explica o fato de que os protagonistas se reportem à História e aos fatos que ainda não vivenciaram, buscando no passado um sentido para o futuro. O passado determina o presente, condicionando e não autorizando que se tenha um prognóstico político do futuro. Sendo assim, o político haitiano utiliza o espelho retrovisor para olhar o futuro. Em razão disso, torna-se imprescindível entendermos o passado a partir dos dias atuais, considerando as presentes necessidades, para se construir uma linguagem que possa ser compartilhada e que possibilite o diálogo político e social.

¹³Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/carta/>>. Acesso em: 06/2/2020.

Na problemática em questão, um dos pontos fundamentais está na percepção de quem desempenha o papel de inimigo e quais são as expectativas e promessas que serão nutridas na sua eventual eliminação. Seintenfus (2014, p. 72) admite que esta identificação não existe, fazendo com que inexista também um ponto focal a ser enfrentado.

Nesta análise considera-se uma complexidade no sistema social haitiano, com sua ampla cadeia de antagonismos e diversidade de conflitos, tais como: ricos/pobres; campo/cidade; negro/mulato; catolicismo/vodu; teologia da libertação/igreja tradicional; partidos políticos/sociedade civil; patrões/operários; conservadores/progressistas; direita/esquerda; guerreiros/pacifistas; pró/contra colonizadores.

Em matéria do economista haitiano Leslie Péan,¹⁴ publicada em 8 de janeiro de 2015 no jornal *Alterpresse*, intitulada “*Haïti-1915/100 ans – L’occupation américaine et les Volontaires de la Servitude Nihiliste*”¹⁵ (“Haiti-1915/100 anos - A ocupação americana e os Voluntários da Servidão Nihilista”), o autor elenca os seis principais antagonismos de sua cultura, sendo: negro/mulato; francês/crioulo; cidades/campo; morros/planícies; vodu/católico; zumbi/cristão vivo.

O autor também chama atenção para mais dez outros problemas, denominados por ele de “estações no caminho da cruz”: estadoindependente/estado ocupado;proprietários/trabalhadores; comerciante/proprietário de terras; dívida/autofinanciamento; militar/civil; velho/novo; alfabetizado/analfabeto; mercado nacional/mercado externo; alimentos/*commodities*; e setor estatal/setor privado. Leslie Péan ainda acrescenta, nessa mesma matéria: “não é tarefa fácil chegar ao cerne do problema e determinar, a cada dia e em cada etapa, as contradições fundamentais, principais e secundárias”.

No que diz respeito aos traumas relativos às intervenções armadas dos Estados Unidos no Haiti, o *Le Nouvelliste* apresentou na edição de 31 de julho de 2020, de autoria do assistente social haitiano Nelson Jean Francois¹⁶, a matéria “*Nationalité et citoyenneté : deux notions qui auraient pu éviter l’occupation américaine de 1915*”¹⁷ (“Nacionalidade e cidadania: dois conceitos que poderiam ter evitado a ocupação americana de 1915”). Nela, o

14Economista haitiano, autor do livro: *Haïti, économie politique de la corrupt: De Saint-Domingue à Haïti (1791-1870)*.

15Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article17556#.YOWiuhKjIU>>. Acesso em: 20/02/2021.

16Economista com mestrado em empreendedorismo social, membro da *American Evaluation Association* (AEA) e da *Canadian Evaluation Society* (CES). Disponível em: <https://www.eval4refugee.ca/copy-of-jason-daniels-7>.

17Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/219079/nationalite-et-citoyennete-deux-notions-qui-auraient-pu-eviter-loccupation-americaine-de-1915>>. Acesso em: 25/02/2021.

autor aproveita a data de 28 de julho de 2020, que marcou o centésimo quinto aniversário da primeira ocupação, após a independência de 1804, de forças armadas estrangeiras no país, para relembrar o que significou o desembarque de tropas americanas em Porto Príncipe, que tinha como suposta missão “restaurar a estabilidade a paz e segurança”.

Nessa mesma matéria, François também afirma que a intervenção americana de 1915 ainda é lembrada pelos haitianos com protestos políticos e culturais para recordar que a data marca o início da eterna supremacia do imperialismo americano em particular, mas também de outros países, como o Canadá e França, assim como de organizações internacionais, sendo as Nações Unidas, a União Europeia e também as ONGs.

O autor ainda questiona como os haitianos poderiam ter evitado esta primeira ocupação e tantas outras que o país conheceu historicamente. Afinal, uma cultura consciente e profunda das noções de nacionalidade e cidadania não poderia ter evitado esses eventos infelizes? E como os fuzileiros navais norte-americanos conseguiram legalizar sua presença em solo haitiano?

Para responder, François cita o historiador haitiano Michel Hector e também Louis Borno, ministro em 1914, que defendeu energicamente a integridade nacional no momento da invasão estadunidense. Com base nessas duas personalidades, afirma que a ausência de consciência nacional e a noção de cidadania comprometida, principalmente entre os dirigentes políticos do Haiti, foram as principais causas da ocupação americana de 1915 e de tantas outras ocupações.

Ainda em relação aos traumas deixados pela ocupação americana de 1915, e como este episódio ainda é assunto em pauta na mídia haitiana, temos como exemplo uma matéria publicada pelo jornal *The Haitian Times*, em 05 de maio de 2012, que cujo título já se enuncia o resgate dessa memória: “1915-34 Revisited”¹⁸ (“1915-34 Revisitado”).

Nesta edição, o periódico relembra a atuação do Brigadeiro-General do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, Smedley D. Butler (1881-1940), que durante a ocupação servia como major no Haiti. Naquela oportunidade, o major afirmava ter caçado os Cacos (como eram chamados os rebeldes haitianos que se opunham à ocupação) “como porcos”, e que não escondia o seu ódio pelos “negros incivilizados que precisavam ser civilizados”.

A matéria reportou que se as novas gerações de haitianos tivessem sido informadas sobre como ocorreu a invasão americana no Haiti em 1915, jamais teriam facilitado ou

18Disponível em: <<https://haitiantimes.com/2012/05/05/1915-34-revisited/>>. Acesso em: 02/05/2020.

tolerado a ocupação da ONU em 2004, pois em 1914 o recém-eleito presidente haitiano Davilmar Theodore, assim que assumiu o governo do Haiti, rejeitou a assinatura de um acordo, ao moldes da convenção dominicano-americana,¹⁹ firmada em 1907.

No entanto, em 29 de julho de 1915, as tropas dos EUA invadiram o Haiti e, curiosamente, o povo americano foi informado de que o povo haitiano havia convidado os Estados Unidos para resolver os problemas do Haiti, e que, 70 anos após o fim da ocupação dos Estados Unidos, em 39 de fevereiro de 2004, o país foi mais uma vez invadido e ocupado pelas forças multinacionais que agiam em defesa dos interesses escusos dos Estados Unidos e da França, atuando sob a proteção de uma resolução do Conselho de Segurança da ONU. Apesar desse interlúdio, a justificativa permaneceu a mesma: prevenir a violência política e estabilizar as instituições do país, só que dessa vez com a aceitação do próprio presidente haitiano Jean Bertrand Aristide, que pediu para ser retirado do Haiti.

A nota ainda acrescentou que esse raciocínio está enraizado em um paternalismo que expõe os haitianos como inerentemente irresponsáveis às diretivas estrangeiras, e inclinados à autodestruição. Daí o perpétuo desdém pelo país, seu povo, cultura e instituições. Como agravante, tal estratégia era auxiliada e estimulada pela intelectualidade haitiana, sua elite econômica e a classe política.

No entanto, o jornal *Le Nouvelliste* considerou também que após dezenove anos de protetorado americano os ocupantes realizaram algumas obras de grande envergadura, como foi elencado na matéria: *Prise de Position contre l'occupation étrangère du territoire national*²⁰ (Posição tomada contra a ocupação estrangeira do território nacional), publicada em 05 de fevereiro de 2009. Obras como a criação da primeira escola agrícola haitiana; o primeiro asfaltamento de algumas ruas da capital; a criação do serviço de higiene para a manutenção da saúde das pessoas e das vias públicas; a criação da polícia rural, que permitiu ao Estado haitiano colocar sob controle o corte de árvores e de inundações, entre outras.

Além das intervenções dos Estados Unidos e da ONU, as ações da Organização dos Estados Americanos (OEA) também são lembradas pelos jornais haitianos, como na publicação de 20 de junho de 2019, do jornal *Alterpresse*, “*Délégation de l'Oea en Haïti*,

19A assinatura da convenção dominicano-americana em 1907 garantiu ao governo americano assumir a administração das alfândegas dominicanas por dois anos, com o apoio da marinha de guerra norte-americana, que garantiu o sucesso da intervenção (LENS, 2006, p. 314).

20Disponível em: <https://lenouvelliste.com/article/64244/prise-de-position-contre-loccupation-etrangere-du-territoire-national>

pour l'histoire et pour la mémoire”²¹ (“Delegação da OEA no Haiti, pela história e pela memória, de autoria da romancista e poetisa haitiana Kettly Mars”).

Mars faz uma crítica às ações passadas da OEA, uma entidade que teoricamente deveria exercer o papel de guardião da democracia regional. A autora afirma que os jovens haitianos, na faixa etária dos vinte anos, não sabem que entre 1991 e 1994 a OEA impôs um embargo criminoso ao Haiti, período em que o povo haitiano sofreu todas as carências possíveis: energia, alimentação, remédios e assistência médica, combustível, empregos, sede e frustração. Muitas empresas faliram, milhares de pessoas perderam seus empregos, enquanto um governo no exílio drenava remotamente os recursos do país, com a cumplicidade e bênção de seus "salvadores". Naquele tempo, oportunistas e predadores enriqueciam, e em razão disso o povo haitiano ainda está pagando as consequências desses atos criminosos até hoje.

Na mesma matéria, Kettly Mars defendeu que na história recente da região as decisões tomadas pela OEA foram motivadas e relacionadas com o racismo e a discriminação, em virtude da não intervenção da entidade em outros países, onde os presidentes também foram destituídos de seus cargos por corrupção, sob o olhar impassível da OEA, “valentes defensores da democracia na América”.

Como exemplo, ela cita o *impeachment* do Presidente venezuelano Carlos Andres Perez, em 1993; o *impeachment*, em 1992, do Presidente brasileiro Fernando Collor de Mello, e cita também o ex-presidente peruano Alan García, que cometeu suicídio em 2018, depois que a polícia tentou prendê-lo por corrupção. Além desses, menciona também os últimos quatro presidentes peruanos, todos sob investigação por suposta corrupção durante seus mandatos, e um quinto – Alberto Fujimori –, que estava preso por corrupção e violações dos direitos humanos, entre outros.

No caso do Haiti, Mars alude que não lhes foi oferecida a oportunidade de resolver seus problemas por conta própria. Em vez de permitir que os haitianos encontrassem por si próprios “a coerência que falta à sua sociedade, fazendo um trabalho de base”, a comunidade internacional impôs uma "solução" invocando o "direito de ingerência". Mars defendeu que o direito dos povos à autodeterminação é um princípio sagrado, e que a democracia interna, como uma forma de direitos dos povos, deveria ter precedência sobre as relações entre os Estados. No final, ela conclama os compatriotas a se unirem em torno de um profundo debate para encontrar soluções para o Haiti.

²¹Disponível em: <<http://www.alterpresse.org/spip.php?article24450#.YC292WhKjIU>>. Acesso em: 01/03/2021.

1.3 A MISSÃO DE PAZ NO HAITI

Em 30 de abril de 2004, o Secretário Geral da ONU, Kofi Annan, aprovou a Resolução nº 1.542, do Conselho de Segurança da ONU, que autorizava a criação da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH (*Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti*), e estabeleceu a constituição de forças de paz. Neste momento, a ONU convocou a ajuda das instituições regionais, como a Organização dos Estados Americanos (OEA) e a Comunidade do Caribe – CARICOM (UNO, 2004).

Os objetivos da MINUSTAH estavam previstos no capítulo VII da Resolução, tendo as seguintes metas:²² garantir um ambiente estável e seguro que possibilite um processo político e constitucional; assessorar o Governo Transitório na monitoração e reforma da Polícia Nacional do Haiti (PNH); promover o desarmamento, a desmobilização e a reintegração (DDR) de todos os grupos armados; proteger a população civil; apoiar o Governo Provisório e prover assistência no que diz respeito aos direitos humanos e combate à sua violação; auxiliar o Governo Provisório na promoção de um diálogo reconciliatório de abrangência nacional.

Para o embaixador brasileiro Valler Filho²³ (2007, p.189), o Ministério das Relações Exteriores reconheceu que três seriam os pilares indispensáveis para a reconstrução do Haiti e nos quais repousaria o sucesso da Missão de Estabilização: 1) Manutenção da ordem e da segurança; 2) Incentivo ao diálogo político, com vistas à reconciliação nacional; e 3) Promoção do desenvolvimento econômico e social.

Fora do âmbito militar, o Brasil também contribuiu diretamente com o Haiti, por intermédio da política de relações internacionais do Itamaraty, que estimulava as relações bilaterais, firmando parcerias diretas, que não estavam sob os auspícios da ONU. Neste intuito foram elaborados projetos de cooperação técnica em diversas áreas, tais como: agricultura familiar; recuperação da infraestrutura aeroportuária e de estradas; treinamento em defesa civil; desenvolvimento e recuperação ambiental e ajuda na área de saúde, além do apoio da Justiça Eleitoral brasileira na condução do processo eleitoral haitiano (FLORIANO PEIXOTO *in*. HAMMAN e TEIXEIRA, 2017, p. 20).

²²Extraído do texto da Resolução nº 1.542 do Conselho de Segurança da ONU.

²³Wladimir Valler Filho é Diplomata brasileiro, Corregedor do Serviço Exterior do Ministério das Relações Internacionais, autor do livro: *O Brasil e a Crise Haitiana: A cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática*, 2007. Fund. Alexandre de Gusmão.

A Força de Paz iniciou as atividades operativas em 1º de junho de 2004, sob o comando do general Augusto Heleno Ribeiro Pereira, oficial do Exército Brasileiro, que tinha à sua disposição um efetivo de 6700 militares, de diversas nacionalidades, além do Brasil, Argentina, Benin, Bolívia, Canadá, Chade, Chile, Croácia, França, Jordânia, Nepal, Paraguai, Peru, Portugal, Turquia e Uruguai (BIGATÃO, 2017, p. 22).

1.4 A POLÍTICA BRASILEIRA EM RELAÇÃO ÀS MISSÕES DE PAZ

Em 2004, aliando as preocupações da ONU aos interesses da política externa brasileira, o governo de Luis Inácio Lula da Silva contribuiu com os esforços das Nações Unidas cedendo tropas das Forças Armadas nacionais para a MINUSTAH.

De acordo com o diplomata Valler Filho (2007, p. 177) a participação brasileira no Haiti se deu por interesses não meramente humanitários: existiam também pretensões políticas. O governo tencionava aumentar a reputação internacional do Brasil e projetar poder político e econômico, de modo a conquistar mais respaldo para suas pretensões de obter um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU (CSNU), pois até aquele momento o Brasil, no biênio 2004-2005, era membro não permanente.

A reivindicação do governo brasileiro em relação ao CSNU foi ambição nítida do presidente Lula, quando explicitou em seu discurso de posse que trabalharia para "um Conselho de Segurança reformado, representando a realidade dos dias de hoje, com os países desenvolvidos e em desenvolvimento de todas as regiões do mundo entre os seus membros permanentes." (DINIZ, 2007, p. 100).

A participação brasileira na missão da ONU serviria também para legitimar a posição hegemônica do Brasil na América do Sul, tendo em conta que a MINUSTAH foi a primeira operação de paz composta majoritariamente por países latino-americanos, com Argentina e Chile figurando entre os maiores contribuintes (FISHEL; SAENZ, 2007, p. 198). Essa posição era reconhecida pelo ministro da Defesa argentino. De acordo com sua declaração, essas nações estavam motivadas "a mostrar que a América Latina amadureceu". Por liderar a missão, o Brasil era representante mais visível da crescente influência internacional da região (FISHEL; SAENZ, 2007, p. 200).

Além disso, o governo brasileiro aspirava que no Haiti possibilitasse uma coordenação política e econômica mais estreita entre as nações sul-americanas. O Brasil reivindicou seu papel de liderança como imprescindível para a reabertura de negociações de

livre comércio na América do Sul, incluindo a resolução dos impasses presentes nas discussões no âmbito do MERCOSUL (DINIZ, 2007, p. 100).

A exigência do assento permanente no CSNU não era a única aspiração do governo brasileiro quando foi voluntário para assumir o comando militar da MINUSTAH. O diplomata Valler Filho (2007, p. 178) argumenta que a política do Itamaraty também tinha como objetivo fomentar o desenvolvimento e o fortalecimento da identidade latino-americana e caribenha, procurando assim compatibilizar as necessidades internas do país com as possibilidades externas. A decisão de liderar a missão estava relacionada à crescente pretensão do ministério da Defesa em melhorar as relações civis-militares. Tal feito oportunizaria aos militares estreitar os laços com o ministério das Relações Exteriores, objetivando atribuir um papel mais ativo ao Brasil na segurança internacional, em conjunto com a ONU, para evitar novas ameaças à paz mundial (HIRST, 2009, p. 10).

Em consonância com a política de relações internacionais defendida pelo Itamaraty, que pretendia fortalecer a identidade latino-americana através da diplomacia, o Brasil ao assumir o comando militar da Minustah, em 2004, viu a oportunidade do emprego das Forças Armadas brasileiras em uma missão orientada para o exterior, focada na inserção internacional do país na região da América Latina e do Caribe, oportunizando a construção de um novo elemento identitário, tão importante quanto foi a Amazônia na década de 1990, atuando como um símbolo mobilizador da identidade militar deste período (DINIZ, 2007, p. 123).

O envolvimento das tropas de todo o País em um cenário de relativo risco, operando sob a égide do Capítulo VII da Carta das Nações Unidas, em um contexto internacional, nivelou os parâmetros de instrução e adestramento, trazendo ganhos com essa participação. Teixeira enumera alguns: intercâmbio cultural e doutrinário com outras nações; grande aprendizado na área logística; teste de qualidade do equipamento militar brasileiro; aperfeiçoamento da capacidade expedicionária militar conjunta; aplicação, aperfeiçoamento e reformulação da doutrina militar brasileira; oportunidade de completar a formação dos oficiais graduados em situação real; e projeção internacional do Brasil e de suas Forças Armadas (TEIXEIRA, 2017, p. 120).

Cabe ressaltar que no Haiti o Brasil teve pela primeira vez a oportunidade de comandar uma missão de paz das Nações Unidas. Ao logo dos treze anos em que os efetivos militares trabalharam no Haiti, estiveram sob o comando de generais brasileiros, sendo ao todo onze oficiais generais que revezaram o cargo de *Force Commander* (CASTRO, MARQUES, 2019, p. 07-16), sendo:

- Junho de 2004 a agosto de 2005. General Augusto Heleno.
- Setembro de 2005 a janeiro de 2006. General Urano Teixeira da Matta Bacellar (faleceu antes de terminar o mandato).
- Janeiro de 2006 a janeiro de 2007. General José Elito de Carvalho Siqueira.
- Janeiro de 2007 a abril de 2009. General Carlos Alberto dos Santos Cruz.
- Abril de 2009 a março de 2010. General Floriano Peixoto Vieira Neto.
- Março de 2010 a março de 2011. General Luiz Guilherme Paul Cruz.
- Março de 2011 a março de 2012. General Luiz Eduardo Ramos Baptista Pereira.
- Março de 2012 a março de 2013. General Fernando Rodrigues Goulart.
- Março de 2013 a março de 2014. General Edson Leal Pujol.
- Março de 2014 a agosto de 2015. General José Luiz Jaborandy (faleceu antes de terminar o mandato).
- Outubro de 2015 a outubro de 2017. General Ajax Porto Pinheiro.

1.5. O HAITI VISTO DE PERTO.

Em junho de 2008 cheguei ao Haiti como militar do 9º Contingente de Força de Paz, tropa brasileira integrante da MINUSTAH. Neste ano a situação no país já estava relativamente pacificada em comparação com o quadro de total instabilidade ocasionada pela extremada violência que justificou a decisão do Conselho de Segurança da ONU de intervir em 2004. Já havia sido consolidada a resolução do tripé: 1) segurança, 2) fortalecimento das instituições governamentais e 3) proteção dos direitos humanos²⁴.

Ao pisar em solo haitiano notei que naquele momento não havia risco iminente de confronto dos capacetes azuis com os rebeldes locais. Apesar da situação de aparente controle proporcionada pela presença massiva da Força de Paz, logo percebi que o grande inimigo do Haiti não era um conflito iminentemente armado, que ainda justificasse um grande aparato bélico patrocinado pela ONU.

Deparei-me com o atraso, uma avassaladora miséria de um país que se encontrava no mais absoluto caos, decorrente de uma total falta de infraestrutura urbana necessária para proporcionar o mínimo de dignidade àquele povo tão sofrido.

²⁴Brasil Minustah. A participação do Brasil na Minustah (2004-2017): percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões. Centro de Paz do Brasil. 2014, p 44.

A visão de Porto Príncipe era desoladora, uma paisagem cinza, calcinada devido à degradação ambiental motivada pela dependência do carvão vegetal como fonte energética, pois não havia fornecimento ininterrupto de energia elétrica. A água tratada e encanada também inexistia. A pouca água “potável” que era utilizada para consumo humano era salobra, devido aos poços artesianos perfurados sem nenhum prévio estudo geológico, contaminando assim o lençol freático com a água do mar. Por essa razão, o meu pelotão de engenharia tinha que utilizar em toda a água que era consumida dentro do batalhão brasileiro um complexo processo de tratamento chamado Osmose Reversa,²⁵ que a deixava menos salgada.

Na Capital Porto Príncipe, as ruas eram mal pavimentadas ou não asfaltadas, e a maior parte delas não possuía iluminação pública. O lixo se espalhava pelas calçadas. Quando chovia, víamos uma enxurrada de dejetos descendo morro abaixo e provocando o assoreamento dos rios e córregos.

As crianças com barrigas inchadas e cabelos opacos andavam livremente por cima da sujeira, muitas nuas. Paradoxalmente, os pequenos que iam à escola vestiam-se com primor: as meninas com laços brancos nos cabelos mal cuidados, camisas e meias brancas bem coradas à luz do sol, saias balonê azuis escuras e bem passadas, combinando com os sapatos pretos lustrados. Os meninos, de igual maneira, andavam trajados com seus uniformes escolares.

O trânsito era insano. Havia poucos semáforos instalados na cidade. Os automóveis, em sua maioria, eram batidos e amassados, resultado do tráfego conturbado e sem sinalização. Era intenso o fluxo de tap-taps, veículos coloridos feitos a partir da modificação de picapes, regulamentados pelo governo para o transporte de pessoas. As pinturas destes coletivos tinham inúmeras motivações, a maioria inspirada em ídolos dos esportes, principalmente da seleção brasileira de futebol e de astros do basquete americano.

Quando saíamos da base brasileira, General Bacelar, na capital haitiana, guiando as viaturas militares, éramos exaustivamente aconselhados pelo comando a termos o máximo cuidado possível, pois era recorrente algum haitiano provocar intencionalmente acidente envolvendo veículos oficiais da ONU, com o objetivo de ser ressarcido, em dólares, pelos danos provocados na colisão.

As vias públicas e passeios eram as artérias pulsantes da capital. Nelas tudo acontecia: as pessoas faziam abluções, cozinhavam, crianças jogavam bola, homens reuniam-

25Disponível em: <<https://www.tratamentodeagua.com.br/artigo/osmose-reversa/>>. Acesso em: 03/03/2021.

se em torno de partidas de dominó, mulheres transportavam vasilhas d'água na cabeça. As ruas também eram lugares destinados à subsistência. Vários objetos eram comercializados, às vezes no chão, às vezes em tábuas de madeira puída. A oferta ia de gasolina em pequenos vasilhames a eletrônicos quebrados catados no lixo. A venda de água em saquinhos de 100 ml também era muito comum, geralmente feita por meninos que, para anunciar o produto, gritavam em alto e bom tom "*l'eau*" (água). Entretanto, o que mais me chamava atenção era o comércio lúgubre de calçados em torno dos cemitérios.

Outra lembrança que ficou eternamente gravada em minha memória era a "cozinha do inferno", passagem obrigatória quando íamos para uma das bases que o Exército Brasileiro instalou na capital. A alcunha é insuficiente para descrever o que era essa feira de distribuição de alimentos, a maioria com o prazo de validade já vencido. Pilhas de roupas doadas e sujas compartilhavam espaço com restos de animais destrinchados e cobertos por nuvens de moscas. Não existia nenhuma noção de saneamento básico. O cheiro era nauseante e, no começo, quando ainda não estávamos acostumados com ele, obrigávamo-nos a passar pomadas para congestão nasal com fragrâncias de mentol, cânfora ou óleo, com o intuito de não inebriar o nosso nariz de forasteiros.

Contudo, o símbolo mais impactante que expressava a miséria no Haiti eram os biscoitos feitos de barro, água e manteiga e sal, chamados de "Té", feitos em tachos plásticos ou metal velho e sujo. Quando não havia manteiga, artigo de luxo, usava-se apenas água, às vezes com a adição de sal. A massa de argila era posta para secar ao sol e espalhada em tablados de madeira, ganhando a forma de biscoitos, parecidos com panquecas. De acordo com os haitianos, o Té era consumido com a finalidade de tapear a fome.

Em frente às Bases Militares na capital, região de Tabarre, existia uma feira destinada principalmente à venda de artigos artesanais, como esculturas de argila, talhamentos em madeira e pinturas *naïf*, expressão máxima da cultura haitiana. Aos sábados o movimento era grande, pois coincidia com a folga de muitos militares baseados nessa região. A feira era uma verdadeira torre de babel, formada por soldados e funcionários civis da Minustah. O que mais me chamava atenção nessa feira era a versatilidade dos haitianos em estabelecer uma comunicação fluente nessa miscelânea internacional.

Existiam também estabelecimentos comerciais modestamente estruturados, com atividades diversificadas, como a oferta de conserto mecânico, suporte em informática, venda de material de construção, ou até algumas pequenas lojas de departamentos. Os compradores eram raros, geralmente pertencentes à elite mulata do país, residentes no bairro de Pétionville, região com boa estrutura urbana, composta por edificações bem estruturadas que

contrastavam com a maioria das casas haitianas feitas com telhas de zinco, sem acabamento externo. A desigualdade social no Haiti é escandalosamente pior que no Brasil.

Estas humildes e minúsculas moradias eram compartilhadas por família numerosas que dormiam amontoadas. À noite, quando fazíamos patrulhas, víamos as pessoas cochilando nas calçadas por conta da superlotação das residências.

Nas operações militares realizadas durante o dia, notava que nós, soldados brasileiros, éramos menos hostilizados pelos habitantes locais, em comparação com militares de outras nações integrantes da Força Interina Multinacional, composta por 29 países. No entanto, apesar dos acenos amistosos, também surgiam gritos de "vão embora" e sinais de protesto, que me faziam lembrar o trauma haitiano em relação às intervenções estrangeiras ao longo da conturbada história do país.

Apenas as crianças tinham um comportamento mais uniforme e previsível. Ávidas por um pouco de atenção, um aperto de mãos ou um abraço, corriam atrás de nós gritando “*bombagai*”, designação em creole para “gente boa”.

SEGUNDA PARTE: O BRASIL E A MINUSTAH AOS OLHOS DOS JORNAIS HAITIANOS.

2.1 A CHEGADA

2.1.1 – Uma presença não muito desejada

Mesmo antes do envio das tropas brasileiras ao Haiti, já havia críticas dos jornais haitianos em relação à participação do Brasil na Missão para Estabilização do Haiti. Em matéria publicada em 15 de maio de 2004 no *AlterPresse*, intitulada: “*Lettre ouverte à l’Ambassadeur du Brésil en Haïiti*”²⁶ (“Carta aberta ao Embaixador do Brasil no Haiti”), a coordenação do MODEP, Mouvement Démocratique Populaire (Movimento Democrático Popular) – representada por Yves Bartolomey, Frantz Moise e Samuel Regulus – apresentou uma carta enviada ao embaixador brasileiro no Haiti, o diplomata Armando Vitor Boisson Cardoso, criticando enfaticamente a decisão do governo brasileiro em fazer parte da Minustah:

²⁶Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article1413#.X3JRTWhKjIU>>. Acesso em: 23/07/2020.

Le président Lula, ancien syndicaliste d'idéologie social-démocrate et donc proche des couches pauvres de la population brésilienne est-il prêt à cautionner l'application de la politique néolibérale en Haïti, responsable de la misère et de la détresse du peuple haïtien que la force intérimaire viendra faciliter et renforcer.²⁷

O movimento defendia que após a saída do presidente Jean Bertrand Aristide do Haiti foi iniciado um processo de ocupação do país por uma força militar multinacional, sob o comando dos Estados Unidos. O MODEP também afirmou que o Brasil, por indicação da França, assumiria a liderança da força da ONU, que chegaria ao Haiti no início de junho.

Nesta edição do *AlterPresse*, o MODEP, além de denunciar a intervenção multinacional, ainda condenou o apoio do Brasil, que supostamente estaria a serviço da estratégia imperialista desenvolvida pelas grandes potências, em particular Estados Unidos e França. Sem citar as fontes, o MODEP disse que a participação brasileira na Minustah, contrariava a própria vontade do povo brasileiro, pois 70% da população do Brasil era solidária ao povo haitiano e contrária à participação de tropas nacionais no Haiti.

A coordenação do movimento considerava legítima a intenção do Brasil de ocupar uma posição mais proeminente no cenário internacional; no entanto, teria escolhido um caminho que daria pouco crédito à sua diplomacia, além de ser inválida a estratégia do Brasil de tirar proveito da paixão do povo haitiano por seu futebol como moeda de troca na intervenção nos assuntos orgânicos do Haiti. Alegaram ainda que, se necessário, o Brasil descobriria a diferença entre a admiração pelo futebol brasileiro e o apego à soberania nacional dos haitianos.

O MODEP prometeu que caso o Brasil levasse a cabo o seu projeto, o movimento protestaria ao lado de outras organizações contrárias à ocupação, e que não fariam qualquer distinção entre uma estratégia imperialista vinda de uma grande potência ou “dos planos também imperialistas de uma potência de segunda classe”. Para os haitianos, todos seriam classificados como invasores e tratados como tal:

S'il met son projet à exécution, dans le cadre des manifestations de protestation que le MODEP entreprendra à côté d'autres organisations contre l'occupation, il ne fera aucune distinction entre une stratégie impérialiste de grande puissance et une stratégie impérialiste de seconde zone, tous les occupants seront considérés et traités comme tels. En tout cas, en se mettant à l'école de l'impérialisme, le Brésil, à travers ses dirigeants, doit se mettre à l'esprit qu'il est en train de créer un dangereux

27“O presidente Lula, ex-sindicalista de ideologia social-democrata e portanto próximo das camadas pobres da população brasileira, está pronto para endossar a aplicação da política neoliberal no Haiti, responsável pela miséria e angústia do povo haitiano que a força provisória irá facilitar e fortalecer” (tradução do autor).

précédent en s'exposant, un jour, à en être victime, comme n'importe quel pays du Tiers-Monde.²⁸

Concluindo a carta, o Movimento Democrático Popular fez uma advertência ao governo brasileiro de que ao se matricular na escola do imperialismo, os brasileiros deveriam perceber que estariam abrindo um precedente perigoso, pois ficariam também expostos, um dia, a se tornarem mais uma vítima das pretensões imperialistas das grandes potências mundiais.

Seguindo a mesma linha de pensamento, que colocava o Brasil ao lado dos interesses imperialista das grandes potências mundiais quando na situação de integrante da MINUSTAH, o *AlterPresse* de 12 de setembro de 2004 publicou uma entrevista denominada “Haïti : *Une histoire de résistance et d'organisation populaire*”²⁹ (“Haïti: uma história de resistência e organização popular”) com o economista e professor Camille Chalmers, da Plataforma Haitiana de Advocacia para o Desenvolvimento Alternativo (PAPDA).

Primeiramente, o jornal dirigiu ao professor as seguintes indagações: 1) O Brasil liderava a missão porque era o país com maior número de tropas? 2) Seria possível para a sociedade civil haitiana iniciar um diálogo para transformar a ocupação em ajuda voltada à reconstrução?

Em resposta, Camille Chalmers argumentou que o Brasil assumiu o comando das tropas por ter o maior contingente militar empregado na missão, e também em razão do protagonismo econômico e militar que o país tinha na América Latina. Respondendo à segunda pergunta, Chalmers afirmou que os haitianos estavam abertos à discussão e dispostos a ajudar, no entanto temiam a máquina de manutenção de paz da ONU, pois era um aparato burocrático muito pesado, com muitos interesses em jogo, inclusive econômicos.

O texto apresentou que o orçamento destinado à manutenção da missão, entre o período de julho a dezembro de 2004, havia sido estimado em US\$ 280 milhões, verba que

28“O Brasil pode querer construir certa liderança no Terceiro Mundo, isso é legítimo, mas escolheu um caminho que não honra de forma alguma a sua diplomacia. Se ele pretende usar a paixão do povo haitiano por seu futebol como moeda de troca por sua intervenção em nossos assuntos internos, este saberá, se for preciso, fazer a diferença entre a admiração por alguns virtuosos do baile redondo e o apego à soberania nacional.

Se levar a cabo o seu projeto, no quadro das manifestações de protesto que a MODEP realizará ao lado de outras organizações contra a ocupação, não fará distinção entre uma estratégia imperialista de grande potência e uma estratégia imperialista de segunda classe. Todos os ocupantes serão considerados e tratados como tal. “Em todo caso, ao se colocar na escola do imperialismo, o Brasil, por meio de seus dirigentes, deve perceber que está abrindo um precedente perigoso ao se expor, um dia, a ser vítima, como qualquer país do Terceiro Mundo” (tradução do autor).

29Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article1673#.X3JeoWhKjIU>>. Acesso em: 23/07/2020.

seria muito útil se fosse aplicada na área social. Na entrevista, Camille Chalmers também colocou em dúvida a capacidade do governo brasileiro em lidar com o sistema burocrático da ONU:

Je ne sais pas si le gouvernement brésilien aura la vision, la lucidité suffisante pour contrecarrer cette machinerie bureaucratique des Nations Unies qui a toujours été liée aux multinationales, aux Etats-Unis, et qui, dans les faits, ne construit rien dans une perspective de solidarité envers les peuples. Nous, la société civile et les organisations populaires, nous sommes disposés à dialoguer, à donner des informations et à faire tout ce qui est possible, en collaboration avec les organismes de la société brésilienne, pour transmettre une information correcte sur ce qui se passe réellement en Haïti et sur ce que sont les besoins réels du peuple haïtien.³⁰

Chalmers observou que a sociedade civil haitiana e as organizações populares estavam dispostas a dialogar e fazer o que fosse possível para colaborar com as organizações, e também com a sociedade brasileira. Disse também que estavam dispostos a transmitir informações corretas sobre o que de fato estava acontecendo no Haiti e quais eram as reais necessidades do povo haitiano.

No momento da intervenção da MINUSTAH, as tropas brasileiras se depararam com um país repleto de pessoas miseráveis e instituições falidas, espaço para contravenções criminosas e delitos transnacionais. Um Estado nacional praticamente extinto, carente de estruturas institucionais, que exigiam enormes desafios em diversas áreas: política, diplomática, militar, policial e de direitos humanos, entre outras.

Entretanto, toda essa problemática deu lugar a um permanente conflito de natureza policial, sem a presença de forças antagônicas e motivações nítidas, tendo oito milhões de pessoas insatisfeitas e descrentes em um futuro melhor. Somado a isso, ainda existia o descontentamento dos ex-militares, das extintas forças militares haitianas, que após a demissão ficaram sem nenhuma compensação e que ainda portavam o armamento militar utilizado nos tempos de caserna, após a dissolução das Forças Armadas em 1994. A insatisfação era tamanha que a população já não acreditava mais nem na intervenção das Nações Unidas, em virtude do fracasso das cinco missões que atuaram no país entre os anos de 1993 a 2001, incapazes de garantir um ambiente seguro e estável, reforçando que o

30 “Não sei se o governo brasileiro terá a visão, a lucidez suficiente para driblar essa máquina burocrática das Nações Unidas que sempre esteve ligada às multinacionais, aos Estados Unidos, e que, de fato, não constrói nada em uma perspectiva de solidariedade com os povos. Nós, sociedade civil e organizações populares, estamos dispostos a dialogar, a informar e a fazer todo o possível, em colaboração com as organizações da sociedade brasileira, para transmitir informações corretas sobre o que realmente está acontecendo no Haiti e sobre quais são as reais necessidades do povo haitiano” (tradução do autor).

sentimento popular hesitava entre apatia e descrédito em relação à ONU (FLORIANO, 2017, p. 23).

Na mesma reportagem, o *AlterPresse* acusou que em fevereiro de 2004, após a aplicação do plano de ajuste estrutural que destruiu a economia do país, os Estados Unidos desembarcaram no Haiti com o objetivo de destituir o presidente Aristide. Diante desta situação, era muito importante para o Brasil saber o que significava na história recente haitiana a presença de exércitos estrangeiros no país, primeiro o dos Estados Unidos, seguido pelos da França e do Canadá, nas missões que antecederam a MINUSTAH, e depois os do Brasil, Chile e Argentina. Neste contexto, a pergunta destinada a Chalmers era sobre o significado da presença armada estrangeira no Haiti.

A resposta de Chalmers foi que o objetivo principal da Missão de Paz era levar a cabo todas as reformas econômicas numa lógica neoliberal, que realmente pudessem eliminar qualquer possibilidade de soberania nacional do povo haitiano e também impedir que o Haiti assumisse um papel importante no Caribe. Além disso, o professor reforçou que os Estados Unidos não aceitariam qualquer tipo de ameaça à sua soberania nacional em seu próprio quintal³¹ (Haiti) naquele momento.

O entrevistado defendeu que havia uma mitificação ideológica relacionada à força de paz, manutenção da paz, solidariedade, ajuda ao povo haitiano, sendo que na verdade essas forças nunca fizeram nada nas intervenções passadas para ajudar o povo do Haiti. Se a Minustah tinha como um dos principais encargos reelaborar uma nova força policial haitiana, Chalmers questiona a razão da existência desproporcional de um efetivo 1.600 policiais das Nações Unidas para 8.600 soldados do efetivo multinacional.

Na entrevista, também se falou sobre os inúmeros problemas sociais haitianos, como o analfabetismo (que atingia metade da população), a desnutrição das mulheres grávidas, a dificuldade de acesso à água potável e os problemas de saúde pública. Além disso, o jornal também questionou se os exércitos estrangeiros tinham realmente uma proposta para solucionar tais problemas.

Chalmers respondeu que ao pensar em cooperação internacional tomava como referência as declarações oficiais do presidente Lula, para quem os investimentos militares da ONU em países menos desenvolvidos deveriam ser revertidos em investimentos sociais,

310 termo Quintal em relação ao Haiti foi utilizado para simbolizar a Doutrina Monroe, instituída em 1823 pelo presidente norte-americano James Monroe, que colocava os Estados Unidos como o líder no continente americano. Monroe defendia a “América para os americanos”. KARNAL, Leandro et al. História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2011, p. 165.

destinados principalmente à saúde e educação. Pautado nas palavras do presidente Lula, Chalmers defendeu:

C'est ainsi que nous voyons la coopération entre Haïti et le Brésil: elle doit être une coopération basée sur la reconstruction sociale, l'urgence sociale, la reconstruction des capacités institutionnelles en Haïti, l'amélioration de la santé publique, de l'éducation et des services de santé.³²

Ainda segundo o professor, a composição de forças se baseava, fundamentalmente, em um plano imperialista que visava à subjugação dos países caribenhos. Para ele, isso havia sido claramente comprovado pelo plano econômico adotado em Washington nos dias 19 e 20 de julho de 2004, composto por uma série de doadores: Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento, a União Europeia, entre outros. De acordo com Chalmers, era evidente que a composição de forças se baseava em um plano imperialista voltado para a subjugação dos países caribenhos.

Questionado se a “nova força de paz”, formada por países latino-americanos como Brasil, Chile e Argentina seria diferente, se estes membros latino-americanos adotariam atitudes mais humanitárias que as empregadas pelos Estados Unidos e pela França, Chalmers respondeu que não havia diferença. Disse também que igualmente às ocupações anteriores, estes exércitos estrangeiros integrantes da MINUSTAH possuíam armamentos, tanques e até mísseis sofisticados. Para ele, era esse tipo de aparato que se dispunha, de destinação bélica, em detrimento de ferramentas adequadas para iniciar um projeto de construção de longo prazo.

2.1.2. Insatisfações e reclamações iniciais: atuações imperialistas e subimperialistas?

As críticas à intervenção no Haiti não partiram apenas dos intelectuais e das agremiações políticas. Em 28 de julho de 2004, logo que MINUSTAH chegou ao país, os protestos da população haitiana, principalmente da classe trabalhadora campesina e dos estudantes universitários, pautavam-se nas lembranças relacionadas à intervenção americana ocorrida em 1915, por intermédio do Corpo de Fuzileiros Navais. É o que relata matéria do *AlterPresse* de 28 de julho de 2004, que teve como título: “*Un mouvement paysan critique le*

32 “É assim que vemos a cooperação entre Haiti e Brasil: deve ser uma cooperação baseada na reconstrução social, na emergência social, na reconstrução das capacidades institucionais no Haiti, na melhoria da saúde pública, educação e serviços de saúde” (tradução do autor).

gouvernement et rejette l'occupation”³³ (“Haiti: Movimento Camponês Critica Governo e Rejeita Ocupação”):

La présence des forces étrangères en Haïti, estiment-ils, est « une honte nationale pour un pays qui vient de célébrer ses 200 ans d'indépendance ». Cette situation de « mise sous tutelle résulte des déchirements internes entre les hommes politiques pour la conquête du pouvoir ».³⁴

Diante deste ambiente convulsionado, chegou à capital Porto Príncipe, no dia 29 de maio de 2004, um efetivo diminuto do 1º Contingente Brasileiro, formado por um escalão avançado, equipe precursora da tropa brasileira, que era constituída por 1.200 militares do 1º *Brazilian Battalion* (BRABATT), sigla em francês para Batalhão Brasileiro de Força de Paz, qual chegaria uma semana depois. (FLORIANO 2017, p. 23).

A força de paz iniciou os trabalhos em 1º de junho de 2004, sob o comando do general Augusto Heleno Ribeiro Pereira, oficial do Exército Brasileiro, que tinha à sua disposição um efetivo de 6700 militares (BIGATÃO, 2017, p. 23). Logo no início da missão as tropas brasileiras encontraram dificuldades logísticas e operacionais em virtude da demora da chegada dos demais contingentes internacionais que faziam parte da MINUSTAH. Este atraso obrigou os militares brasileiros a se deslocarem para outras sete bases fora da capital. Tal mobilização não havia sido prevista com a devida antecedência, pois não existia essa possibilidade no planejamento (FLORIANO, 2017, p. 23).

Outros fatores que também prejudicaram a atuação militar dos primeiros contingentes da força de paz estavam relacionados à indefinição clara de quem eram os componentes da força multinacional, haja vista que a ONU empregava grupos heterogêneos. A inexistência de uma estrutura policial organizada no Haiti que tivesse condições de contribuir com os esforços da força de paz, além da precariedade da infraestrutura haitiana (o que prejudicava a logística de abastecimento da missão e das comunicações), também foram fatores que não contribuíram inicialmente para o êxito inicial dos trabalhos (FLORIANO 2017, p. 23).

No mesmo ano, em matéria publicada no dia 12 de setembro de 2004, as primeiras críticas em relação à atuação da MINUSTAH como força mantenedora da paz, já eram enfáticas e cobravam uma pronta resposta dos militares para conter a violência que assolava o

33Disponível em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article1534#.XvFJV0dv_IU>. Acesso em: 23/07/2020.

34 “A presença de forças estrangeiras no Haiti é uma desgraça nacional para um país que acaba de comemorar seus 200 anos de independência”. Essa situação de “tutela resulta das brechas internas entre políticos pela conquista do poder” (tradução do autor).

país. Um exemplo pode ser verificado na reclamação de um leitor, que a assinou como Gaspard Dorélien, publicada no Jornal *Le Nouvelliste*³⁵, intitulada “*Tension au Centre-Ville: La Minustah n' était pas là!*”(Tensão no Centro:A MINUSTAH não estava lá!):

Tension au Centre-Ville. La MINUSTAH n'était pas là!.. Ces blancs, je ne sais vraiment pas ce qu'ils sont venus foutre dans le pays..., qu'ils nous donnent leurs armes et leurs munitions et comme ça nous pourrions mieux nous occuper des vagabonds qui sèment le désordre dans le pays... C'est la réflexion d'un policier sur le travail des forces onusiennes en Haïti. Cet agent d'une unité spécialisée guettait ce jeudi à midi, en face du sous-commissariat du portail Saint-Joseph, la présence de chimères lavalas qui tiraient des coups de feu dans les parages. Mais contrairement à ce qui a été promis, la MINUSTAH n'était pas là!³⁶

Além da cobrança da pronta resposta, os militares também foram acusados de serem lenientes no combate à criminalidade, como na matéria do *AlterPresse* intitulada “*Haiti dans La violence dès chimères*”³⁷ (“Haiti na violência das quimeras”), de 12 de novembro de 2004. Nela, afirmou-se que a MINUSTAH mais se assemelhava a um serviço de observação do que uma missão encarregada de impor a paz. De acordo com o jornal, tais críticas também foram tecidas pelos partidos políticos tradicionais, que acolheram de braços abertos a ocupação.

Em relação à postura do governo brasileiro, o *AlterPresse* afirmou que o presidente Lula havia ordenado uma conduta militar mais passiva para evitar as críticas da opinião pública em seu país, caso ocorressem mortes nas fileiras de suas tropas durante a ocupação. Além da questão da repercussão pública, o periódico afirmou que o presidente brasileiro temia os protestos e a falta de apoio das alas progressistas do Brasil, que teciam reclamações enfáticas à participação das forças armadas brasileiras na missão de paz no Haiti, atuação classificada como subimperialista por ter invadido o território de um país irmão.

O jornal defendeu ainda que, concomitantemente à ação passiva, existia uma corrente internacional difusora da ideia de um Haiti caótico e ingovernável:

En même temps, un certain courant international qui répand l'idée qui gagne du poids, d'une Haïti chaotique et ingouvernable s'acharne à le prouver. Un diplomate

35Disponível em: <<https://www.lenouvelliste.com/article/15108/la-minustah-netait-pas-la>>. Acesso em: 24/07/2020.

36 “Tensão no Centro da Cidade. A MINUSTAH não estava lá!... Esses brancos, eu realmente não sei o que eles vieram fazer em nosso país, que eles nos entreguem suas armas e suas munições e assim poderemos cuidar melhor de vagabundos que semeiam desordem no país ... É imagem de um policial no trabalho das forças da ONU no Haiti. Esse agente de uma unidade especializada estavaesperando nesta quinta-feira ao meio-dia, em frente à subestação do portal Saint-Joseph, a presença de quimeras do partido Lavalas que disparavam tiros nas proximidades. Mas ao contrário do que foi prometido, a MINUSTAH não estava lá!” (tradução do autor).

37Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article1919#.X3JkyGhKjIU>>. Acesso em: 25/07/2020.

américain durant le Coup d'Etat des militaires en 1994, Stanley Schragger, avait publiquement déclaré que l'Haitien possède un chromosome en plus ou en moins.³⁸

2.1.3 Preocupações diplomáticas

Conforme citado no capítulo anterior, em que se elencaram as aspirações brasileiras em relação à missão no Haiti, mais especificamente sobre a possibilidade de uma coordenação política e econômica mais aproximada entre as nações sul-americanas surgiu em 19 de novembro de 2004 um artigo no *AlterPresse* intitulado “*L'Amérique Latine craint l'échec d'Haiti*”³⁹ (“América Latina teme fracasso no Haiti”). A matéria se referiu a uma fala do assessor para assuntos internacionais do governo brasileiro, Marco Aurélio Garcia, durante um debate cujo tema era “Para onde vai a América latina?”, conduzido por Edwy Plenel, diretor editorial do jornal *Le Monde*. Segundo o *AlterPresse*, o representante brasileiro afirmou que o Haiti era a primeira nação de toda a América Latina que se comprometia militarmente em um engajamento que simbolizava a unidade regional.

Contudo, Garcia salientou que mesmo assim existia o risco de fracasso da missão da ONU, como já houve em outras oportunidades no Haiti. O representante brasileiro também enfatizou que o papel dos países da América Latina era fundamental no processo de transição do Haiti. “É claro que se hoje existe uma crise no Haiti, é porque a comunidade internacional nunca assumiu sua responsabilidade neste país”, teria declarado Garcia, conforme o jornal. O assessor brasileiro teria acrescentado que as intervenções internacionais no Haiti sempre terminaram de forma negativa, pois já haviam falhado várias vezes. Durante o debate, o representante brasileiro também teria defendido que o verdadeiro problema do Haiti era a miséria. Conforme o jornal, ele teria enfatizado “neste país, existe uma crise social muito mais forte do que a insegurança”.

Ainda segundo o *AlterPresse*, Garcia teria aproveitado a oportunidade que o fórum proporcionou para lançar um apelo a favor da urgência na liberação dos recursos destinados ao Haiti, na ordem de 1,2 bilhão de dólares, quantia que já estaria disponível desde junho de 2003, mas até aquele momento não havia sido investida no país.

Em relação às missões fracassadas, o *AlterPresse* se referiu ao comentário de um colunista do *Miami Herald*, que em outubro de 2003 defendeu uma redistribuição das

³⁸“Ao mesmo tempo, uma certa corrente internacional que difunde a ideia, que ganha peso, de um Haiti caótico e ingovernável se empenha em prová-lo. Um diplomata americano durante o golpe militar de 1994, Stanley Schragger, declarou publicamente que o haitiano tinha mais um ou um cromossomo.” (tradução do autor).

³⁹Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article1935#.X3JjAWhKjIU>>. Acesso em: 23/07/2020.

marinhas de guerra internacionais para limpar a atmosfera política e pacificar o país, especialmente em Porto Príncipe. O periódico lembrou que as armadas estrangeiras estiveram lá em 1994 e 2004, sem resolver o problema do desarmamento:

Le seul résultat possible et rationnel dans cette perspective est de placer Haïti sous tutelle internationale, pour au moins les 20 prochaines années, cette grande et fière nation, qui est sortie des sillons de l'esclavage grâce exclusivement à la bravoure de ses enfants.⁴⁰

Somente a partir do 3º Contingente, no segundo semestre de 2005, quando o Batalhão de Força de Paz já estava plenamente operativo, houve uma irradiação da capacidade operacional efetiva em diversas situações fora dos limites de Porto Príncipe. Com base no mandato, ao longo do primeiro ano, a lista das principais tarefas atribuídas à força militar da MINUSTAH era bastante extensa (CHAGAS, *in* HAMMAN e TEIXEIRA, 2017, p. 37).

Como consequência direta do cenário encontrado e com o objetivo de cumprir as tarefas de sua incumbência, a MINUSTAH esteve desde o primeiro momento envolvida nas mais diversas atividades, abrangendo quase todo o espectro dos conflitos armados, desde ajuda humanitária até a realização de operações militares de grande envergadura, que reuniam muitas das características de operações de guerra, em espaços restritos, confirmando a importância do conceito de *three block wa*.⁴¹

As ações demandadas não se restringiam apenas a atuações militares, sendo também executados apoios destinados à melhoria do processo eleitoral haitiano e no Emprego da Engenharia Militar, representada pela Companhia de Engenharia no Haiti. Esta desenvolveu trabalhos voltados à melhoria da infraestrutura nacional, reforma e construção de ruas e estradas, à perfuração de poços artesianos e à construção de instalações e preparo de ancoragem em inúmeros portos da costa (CHAGAS, *in* HAMMAN e TEIXEIRA, 2017, p. 37).

40“O único resultado possível e racional nesta perspectiva é colocar o Haiti sob a tutela internacional, por pelo menos nos próximos 20 anos, esta grande e orgulhosa nação, que emergiu dos sulcos da escravatura graças exclusivamente à bravura dos seus filhos.” (tradução do autor).

41Guerras dos Três Blocos: termo cunhado pelo Genral Americano Charles Krulak para designar o treinamento das Forças Armadas modernas para emprego em todos os níveis de ação de comando da tropa, em três situações simultâneas: ação ofensiva; manutenção de paz e ajuda humanitária. Disponível em: <https://www.army.mil/article/56114/demoneye_equipping_the_strategic_corporal_for_coin>. Acesso em 20/02/2020.

Em conjunto com o início das operações militares brasileiras, as relações diplomáticas entre Brasil e Haiti também se intensificavam, com a assinatura de acordos de cooperação econômica e do apoio brasileiro junto à comunidade internacional. Essa notícia apareceu no *AlterPresse* de 21 de dezembro de 2004: “*Haiti-Brésil: un pas de plus dans la coopération*”⁴² (“Haiti-Brasil: mais um passo na cooperação”). Segundo a matéria, o primeiro ministro haitiano, Gérard Latorture, expressou imensa satisfação pela qualidade da cooperação com o Brasil, em virtude do andamento da ajuda e cooperação técnica brasileira em diversos setores.

O mesmo texto noticiou que o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim, fez uma visita a Porto Príncipe no dia 20 de dezembro, para assinar novos acordos entre o Brasil e Haiti e defender o diálogo e a responsabilidade cívica no país: “Estamos aqui para promover ações de cooperação e diálogo”, disse o chanceler brasileiro, segundo o *AlterPresse*.

Os acordos assinados estavam relacionados aos setores de agricultura e educação. Em um desses acordos, os dois países se beneficiariam também da parceria estabelecida com o Banco Mundial: “a cooperação com organizações multilaterais em conjunto com os países desenvolvidos para prestar assistência ao Haiti demonstra que nossos esforços aqui gozam do entendimento da comunidade internacional”, disse o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, conforme registou o jornal.

No entanto, na matéria consta que Amorim teria pedido aos haitianos que assumissem a responsabilidade de garantir o futuro do seu país. “O destino do povo haitiano está em suas mãos”, proferiu o chanceler brasileiro, esclarecendo que “nós brasileiros só podemos ajudar”, conforme o jornal.

No que tange ainda às relações diplomáticas entre Brasil e Haiti, o Ministro das Relações Exteriores brasileiro teria rogado à comunidade internacional que não deixasse o Haiti de lado, em virtude do auxílio destinado aos países asiáticos, gravemente afetados pelo tsumani de 2004: “Devemos manter o foco no Haiti”, afirmou Amorim, segundo o jornal.

Em 7 de janeiro de 2005, uma matéria publicada pelo *AlterPresse*, intitulada “*Le Brésil en faveur du maintien de l’attention sur Haiti, malgré la catastrophe dans le sud-est asiatique*”⁴³ (“Brasil a favor de manter o foco no Haiti, apesar do desastre no Sudeste Asiático”), informou ter Celso Amorim considerado ser o Haiti um país em situação de grave

42Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article2017#.X3KBd2hKjIU>>. Acesso em: 27/07/2020.

43Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article2063#.X3KAlmhKjIU>>. Acesso em: 27/07/2020.

crise econômica e política, e que deveria ser reconstruído. De acordo com o jornal, o chanceler disse que o Brasil iria afirmar esse ponto de vista em reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas em Nova York, no dia 12 de janeiro de 2005, a qual iria tratar sobre as ações militares desenvolvidas pelo Brasil e os outros países integrantes da MINUSTAH.

Nas palavras atribuídas ao chanceler, os brasileiros e a ONU deveriam manter a atenção no Haiti, por isso Celso Amorim prometeu ir pessoalmente à reunião do Conselho de Segurança, afirmando que o Brasil insistiria que "a única maneira de permitir que o Haiti se recuperasse seria garantindo apoio financeiro, diálogo político e ajuda humanitária", e não apenas ações militares.

Em relação às atividades desenvolvidas pelo Brasil no Haiti, abrangendo operações militares e ações paralelas que não estavam previstas pelo Conselho de Segurança da ONU, o *AlterPresse* nessa matéria lembrou que o Brasil comandava as forças de paz das Nações Unidas no Haiti, constituídas por 6.000 militares, dos quais 1.200 eram soldados brasileiros. O Brasil ainda empregava no Haiti diversos técnicos das áreas de energia, agricultura e construção, entre outras.

O periódico, nessa mesma ocasião, também apontou a insatisfação do governo brasileiro em relação à fraca adesão da comunidade internacional à causa haitiana conforme palavras do chanceler brasileiro, que ameaçou retirar as tropas brasileiras do Haiti em até seis meses caso a comunidade internacional não participasse efetivamente do processo de reconstrução do país.

Em 13 de janeiro de 2005, o jornal *Le Nouvelliste* publicou a matéria "*Extension du mandat de la MINUSTAH*"⁴⁴ ("Prorrogação do mandato da MINUSTAH"), na qual apresentou as intenções da ONU em adotar medidas, através do Conselho de Segurança, com o objetivo de criar um clima de apaziguamento social e de segurança propícios à realização de eleições credíveis no final daquele ano. Também noticiou mais palavras do então ministro das relações exteriores Celso Amorim, segundo as quais o Brasil estava "profundamente comprometido com o Haiti, política e emocionalmente em longo prazo".

No entanto, a matéria também expôs que o ministro reiterou a intenção de retirar os 1.200 soldados brasileiros da MINUSTAH, deplorando a falta de apoio internacional à missão da ONU liderada pelo Brasil. A notícia também ressaltou que o Brasil havia acabado de

⁴⁴Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/17581/la-pnh-et-la-minustah-planchent-sur-un-plan>>. Acesso em: 28/07/2020.

assinar com o Banco Mundial um acordo significativo, sendo o primeiro acerto já assinado por um país em desenvolvimento para ajudar outro país em desenvolvimento.

2.1.4. Combater a violência ou causar mais violência?

Às vésperas de completar um ano de mandato, as Forças de Paz da ONU, o Batalhão Brasileiro e a Polícia Nacional Haitiana, motivadas pelas críticas relacionadas à falta de segurança, anunciaram um plano para conter a violência. A imprensa enfatizava que, mesmo com a presença das tropas da ONU, a criminalidade ainda persistia, principalmente devido ao elevado número de sequestros que assolavam a capital Porto Príncipe.

Tais informações aparecem, por exemplo, em uma matéria do *AlterPresse* de 3 de março de 2005, intitulada: “*MINUSTAH: Quel bilan aujourd’hui?*”⁴⁵ (“MINUSTAH: Qual é a avaliação hoje?”). O texto afirmava que após mais de oito meses do estabelecimento da MINUSTAH, a maior parte das obrigações prescritas pelo mandato estabelecido pelo Conselho de Segurança da ONU precisavam ser cumpridas, pois a situação de caos na segurança ainda prevalecia no país.

Em relação às críticas, o comandante da Força Multinacional, general Heleno, teria afirmado, segundo o jornal, que a tarefa mais difícil seria o processo de desarmamento. Para o militar brasileiro, o desarmamento e o estabelecimento de um clima de segurança para a realização de eleições seriam os dois pontos essenciais do mandato da MINUSTAH, conforme registrou o *AlterPresse*. Outro desafio, de acordo com o general, em fala registrada por essa mesma matéria, seria a formação contínua de policiais haitianos.

Na mesma matéria, o jornal haitiano também apontou que havia diminuído a intensidade dos atos de violência, especialmente nos bairros da capital; no entanto, surtos de desordem ainda permaneciam. O periódico publicou um estudo do ICG (International Crisis Group)⁴⁶, organização que promove a paz, no qual se estimou em trezentas mil o número de armas ilegais que circulavam no território haitiano, a maioria delas estando principalmente nas mãos de ex-militares e das gangues urbanas.

Outra informação fornecida pela Coalizão Nacional pelos Direitos dos Haitianos (NCHR), em relatório publicado em 3 de fevereiro e que também foi divulgada nessa matéria *AlterPresse* de 3 de março de 2005, associou a violência que assolava Porto Príncipe à ação de vários grupos, que eram combatidos pelas tropas brasileiras, tais como o de apoiadores do

45Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article2288#.X6CtfohKjIW>>. Acesso em: 28/07/2020.

46Organização independente que trabalha para prevenir guerras e moldar políticas que irão construir um mundo mais pacífico. Disponível em: <<https://www.crisisgroup.org/who-we-are>>. Acesso em: 29/07/2020.

partido político Lavalas, de policiais demitidos da Polícia Nacional Haitiana, de ex-soldados e simpatizantes da antiga oposição a Jean Bertrand Aristide, além de membros da Frente de Resistência, formação que reunia amotinados, membros de uma ex-organização paramilitar chamada “*Front pour l’Avancement et le Progrès Haitien*” – FRAPH (Frente para o Avanço e o Progresso do Haiti).

O documento denunciava a participação de policiais haitianos demitidos na Operação Bagdá, lançada em 30 de setembro de 2004, e de partidários armados do ex-presidente, que exigiam o seu retorno ao poder. Anos mais tarde, tal denúncia foi confirmada pelo General Augusto Heleno no livro *Missão Haiti: A visão dos force commanders* (2019), organizado pelo antropólogo Celso Castro e pela cientista política Adriana Marques.

O relatório também apontou que os ex-militares haitianos se recusavam a depor as armas e que eram os responsáveis pela insegurança e violência em várias localidades do norte, oeste e centro do país, fazendo da população civil dessas regiões seus reféns. O jornal ainda lembrou a ineficácia das missões anteriores no Haiti questionando se com a MINUSTAH seria diferente:

La MINUSTAH est la sixième mission internationale à être déployée en Haïti dans l'espace d'une décennie. Il succède à la MINUHA, la MANUH, la MINUH, la MIPONUH et la MICAH. Presque toutes ces missions ont eu pour mandat de « sécuriser et stabiliser Haïti. La MINUSTAH peut-elle réussir là où les missions précédentes avaient échoué?⁴⁷

O *Le Nouvelliste* também apresentou, em 05 de março de 2005, a seguinte manchete: “*La PNH et la Minustah planchent sur un plan*”⁴⁸ (“PNH e MINUSTAH estão trabalhando em um plano”):

La PNH et la MINUSTAH planchent sur un plan. Publié le 2005-05-03 | Le Nouvelliste: La PNH et la MINUSTAH planchent actuellement sur un plan qui viserait à combattre le phénomène du kidnapping qui gagne du terrain dans la région métropolitaine de Port-au-Prince. Une réunion au sommet doit se tenir ce mardi et le Conseil des ministres de mercredi sera en partie consacré au phénomène.⁴⁹

47 “A MINUSTAH é a sexta missão internacional a ser enviada ao Haiti no espaço de uma década. Ele sucede MINUHA, MANUH, MINUH, MIPONUH e MICAH. Quase todas essas missões foram designadas para “proteger e estabilizar o Haiti.” A MINUSTAH pode ter sucesso onde as missões anteriores falharam?” (tradução do autor).

48 Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/17581/la-pnh-et-la-minustah-planchent-sur-un-plan>>. Acesso em: 30/07/2020.

49 “A PNH e a MINUSTAH estão atualmente trabalhando em um plano que visa combater o fenômeno do sequestro que está ganhando espaço na região metropolitana de Porto Príncipe. Uma reunião de cúpula será realizada na terça-feira e o Conselho de Ministros na quarta-feira será parcialmente dedicado ao fenômeno.” (tradução do autor).

A mesma nota jornalística mostrou que, além da mídia, outros setores da sociedade haitiana clamavam por mais segurança. O setor empresarial demonstrava preocupação com o ressurgimento de casos de sequestro em Porto Príncipe. Essa situação não incentivava o investimento e a criação de empregos no país, argumentavam os empregadores, conforme a matéria.

Na edição do *Le Nouvelliste* de 11 de março de 2005, o jornalista Hérold Jean-François publicou uma matéria intitulada: “*Quand la MINUSTAH déstabilise*”⁵⁰ (“Quando a MINUSTAH desestabiliza”), com severas críticas direcionadas ao representante especial das Nações Unidas, Juan Gabriel Valdès, que teria divulgado uma nota à imprensa internacional afirmando que “a MINUSTAH não apenas poderia limitar as idas e vindas da PNH, mas também poderia usar suas armas contra esta”, afirmação que gerou revolta nos haitianos.

Neste episódio, o periódico apontou que o então comandante da MINUSTAH, general Heleno, não tinha muita noção de sua missão:

Le chef militaire de la MINUSTAH, le général Augusto Heleno Pereira, n'a pas lui non plus une perception conforme de sa mission, si l'on s'en tient aux termes de référence de la MINUSTAH. Les Brésiliens qui sont à leur première mission du genre ont comme consigne de ne pas ramener un seul cadavre au Brésil, comme de ne provoquer aucun mort en Haïti. Cette notion de zéro mort est tout à l'honneur du Système des Nations Unies à partir d'une certaine vision américaine de la guerre nouvelle. cadavre au Brésil, comme de ne provoquer aucun mort en Haïti. Cette notion de zéro mort est tout à l'honneur du Système des Nations Unies à partir d'une certaine vision américaine de la guerre nouvelle.⁵¹

A matéria afirmou que os soldados brasileiros estavam em sua primeira missão, e que eram instruídos a não trazer um único cadáver de volta ao Brasil, bem como a não causar mortes no Haiti. O *Le Nouvelliste* apontou ainda que essa política de morte zero servia para dar crédito ao Sistema das Nações Unidas, de acordo com a visão americana da nova guerra. Tal política, segundo o diário, teria sido confirmada pelas palavras do próprio General Heleno: “Queremos intervir sem que haja vítimas para evitar a síndrome vietnamita”,

50Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/16631/quand-la-minustah-destabilise>>. Acesso em: 30/07/2020.

51 “O chefe militar da MINUSTAH, General Augusto Heleno Pereira, também não tem uma percepção consistente de sua missão, se nos ativermos aos termos de referência da MINUSTAH. Os brasileiros que estão em sua primeira missão são instruídos a não trazer um único cadáver de volta ao Brasil, nem causar qualquer morte no Haiti. Essa noção de zero mortes é um crédito do Sistema das Nações Unidas com base em certa visão americana da nova guerra” (tradução do autor).

referindo-se à reprovação da opinião pública nos Estados Unidos durante a guerra do Vietnam. De acordo com a matéria:

Le Brésil de Lula ne doit pas être perçu comme une force impérialiste, ce qui peut aussi se traduire sur le terrain par une lecture biaisée de la situation où les troupes donnent l'accolade dans des manifestations avec des bandits dont les armes sont plus qu'évidentes.⁵²

No início de 2005 as críticas em torno da ausência de ações mais efetivas por parte da Força de Paz no combate à violência ainda eram muito presentes, como noticiou o *Le Nouvelliste*: “*La MINUSTAH a échoué*”⁵³ (“A MINUSTAH falhou”), matéria de 23 de março de 2005. Nela, foram emitidas as impressões registradas no relatório de investigação do Departamento de Direitos Humanos da Faculdade de Direito da Universidade de Harvard e da ONG brasileira Justiça Global, que avaliaram o papel da MINUSTAH, de acordo com seu mandato prescrito na resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

O relatório divulgado pelo jornal afirmou que a Missão de Estabilização das Nações Unidas, sob o comando do Brasil, “pouco fez” para estabilizar o país e reduzir as violações dos direitos humanos. Apontou também a ineficiência da MINUSTAH em outras áreas: “*Le rôle de la MINUSTAH a été très mauvais dans les domaines de désarmement et de démobilisation des troupes, du processus démocratique et de sauvegarde des droits de l'homme*”, a déclaré à l'AFP James Cavallaro, coordonnateur du rapport.”⁵⁴

Em resposta às críticas, a MINUSTAH lançou uma série de operações militares, conforme divulgado pelo *Le Nouvelliste*, em 08 de junho de 2005, na matéria “*La MINUSTAH lance une série d'opérations militaires*”⁵⁵ (“A MINUSTAH lança uma série de operações militares”), que tiveram início no dia 6 de junho de 2005. As ações foram direcionadas às regiões da capital conhecidas por abrigar criminosos armados, entre elas os bairros de Cité Militaire e Pélé, que foram completamente cercados por um grande cordão de isolamento das forças do contingente brasileiro, constituído por mais de 150 homens. Estes

52“O Brasil de Lula não deve ser visto como uma força imperialista, o que também pode ser traduzido no terreno por uma leitura tendenciosa da situação em que as tropas se abraçam em manifestações com bandidos cujas armas são mais que óbvias” (tradução do autor).

53Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/16889/la-minustah-a-echoue>>. Acesso em: 02/08/2020.

54“O papel da MINUSTAH tem sido muito ruim nas áreas de desarmamento e desmobilização de tropas, no processo democrático e na salvaguarda dos direitos humanos”, disse à AFP James Cavallaro, coordenador do relatório” (tradução do autor).

55Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/m/public/index.php/article/85605/la-minustah-lance-l-operation-bonjour>>. Acesso em: 02/08/2020.

efetuaram patrulhas neste setor apoiados por veículos blindados, resultando na neutralização de grupos armados.

Além do emprego do aparato bélico, o Batalhão Brasileiro de Força de Paz também fez uso das informações colhidas entre os populares. A reportagem destacou que a colaboração ativa dos moradores de Cité Militaire aos soldados brasileiros levou à rápida prisão de vários bandidos:

Ils ont pris sous le feu des criminels armés qu'ils ont pu neutraliser. Par ailleurs, les populations des quartiers défavorisés ony manifesté leur satisfaction de voir les troupes de la MINUSTAH se déployer dans une zone où les criminels les privent de leurs droits fondamentaux.⁵⁶

A reportagem também noticiou que as populações dos distritos desfavorecidos expressaram sua satisfação ao ver as tropas da MINUSTAH se destacando em uma área onde os criminosos os privavam de seus direitos fundamentais.

Em 17 de junho de 2005, o *AlterPresse* publicou matéria intitulada “*Haiti Sécurité: Un bilan de stabilisation peu flatteur pour la force onusienne*”⁵⁷ (“Segurança do Haiti: um recorde de estabilização nada lisonjeiro para a força da ONU”). Nela, o jornal denunciou que a comunidade internacional, após confiar a direção militar da força da ONU ao Brasil, não parecia estar preocupada com o fortalecimento de uma força policial haitiana que efetivamente assumisse a missão de segurança pública no Haiti.

O *AlterPresse* apontou que um setor dessa comunidade internacional torcia para que houvesse um eventual fracasso da participação brasileira no Haiti, em razão das reivindicações do Brasil de fazer parte do seleto grupo de países membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU.

Em relação ao desarmamento, o periódico lembrou a insistência do general brasileiro Augusto Heleno na necessidade de empreender ações de desarmamento de grupos portadores de armas ilegais. O jornal também afirmou que após um ano do início da missão, os resultados da operação de desarmamento ainda não haviam sido exitosos, mesmo com as iniciativas isoladas do governo brasileiro, que não foram aprovadas, como em organizar um jogo de futebol com a Seleção Brasileira no qual se cobraria de entrada no estádio a entrega

⁵⁶“Eles prenderam criminosos armados sob fogo e foram capazes de neutralizá-los. Além disso, as populações de bairros desfavorecidos expressaram sua satisfação ao ver as tropas da MINUSTAH se posicionando em uma área onde os criminosos as privam de seus direitos fundamentais” (tradução do autor).

⁵⁷Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article2683#.X3KQ4Wh>>. Acesso em: 30/07/2020.

de uma arma de fogo. Tal sugestão que foi refutada por vários setores da sociedade civil haitiana.

Concernente às gangues armadas, as iniciativas brasileiras também foram inócuas, fato observado durante diversas manifestações públicas, que contava com inúmeros elementos armados. Nessa mesma matéria, o *AlterPresse* sublinhou que durante os dezesseis meses de intervenção, os grupos armados, incluindo ex-soldados haitianos, realizaram vários atos de terror, incluindo a queima de mercados e edifícios públicos, empresas, comércios e residências, assassinatos, estupros, furtos de veículos, sequestro de pessoas, entre outros crimes. Em relação aos sequestros, os casos aumentaram exponencialmente, principalmente na capital haitiana.

O *AlterPresse* divulgou que, de acordo com o relatório da Rede Nacional de Defesa dos Direitos Humanos (RNDDH) de 15 Junho de 2005, foram expressivos os números da violência, sendo que desde março de 2004 foram mortas 1.031 pessoas, entre elas 73 policiais e quatro mantenedores da paz da MINUSTAH.

Quanto aos ferimentos à bala, de acordo com o jornal o documento indicou que em menos de um ano a organização Médicos Sem Fronteira tratou mais de seiscentas vítimas. O relatório também contabilizou a fuga de mais de quinhentos detentos da Penitenciária Nacional, realizada em 19 de fevereiro de 2005.

Em 7 de julho de 2005, surgiu uma notícia do *AlterPresse* intitulada “*Haïti - Violence : La ActionAid vivement préoccupée*”⁵⁸ (“Haiti - Violência: ActionAid profundamente preocupada”), na qual a ActionAid⁵⁹ (Organização não governamental internacional de combate à pobreza em todo o mundo) teria enviado uma nota conclamando às Nações Unidas a execução de seu programa de desarmamento efetivo e imediato, que deveria ser posto em prática, em comum acordo, com a sociedade civil haitiana, em prol de um plano de segurança que fornecesse treinamento e apoio à Polícia Nacional Haitiana, objetivando proporcionar paz e segurança à população.

No relatório publicado, a ActionAid informou que registrou pelo menos seis casos de sequestro por dia em Porto Príncipe, vitimando crianças e idosos. A ONG e o governo brasileiro apelaram aos doadores internacionais que liberassem o mais rápido possível os fundos prometidos ao Haiti. Em 5 de julho, a organização humanitária Médicos Sem

58Disponível em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article2782#.X3O_ZGhKjIU>. Acesso em: 30/07/2020.

59Disponível em: <<https://actionaid.org>>. Acesso em: 30/07/2020.

Fronteiras (MSF) lamentou o fato de que a população civil continuava a ser a principal vítima da violência em Porto Príncipe.

Outro fato que foi relatado diz respeito ao sequestro do funcionário haitiano pertencente ao Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), que foi encontrado morto em Carrefour, ao sul de Porto Príncipe. Além deste caso, outro funcionário da Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha foi sequestrado, sendo resgatado pelo batalhão brasileiro, no Distrito de Bel-Air, região central de Porto Príncipe.

Atendendo aos clamores populares e após sofrer pressão da mídia e de setores da sociedade civil e de Organizações não governamentais estrangeiras, a MINUSTAH, com a participação efetiva dos militares brasileiros, desencadeou uma operação de grande envergadura no bairro de Bel Air, setor assistido pelo Brabatt.

Outra matéria do *AlterPresse*, intitulada “*Haiti: Des casques bleus découvrent à Bel Air ‘plusieurs cachettes pour garder des otages’*”⁶⁰ (“Haiti: capacetes azuis descobrem em Bel Air ‘vários esconderijos para manter reféns’”), de 29 de junho de 2005, publicou que o coronel Jorge Schmid Celato, chefe do setor de comunicações do Batalhão Brasileiro, da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti, divulgou uma ação bem sucedida executada pelo BRABATT, que libertou no bairro de Bel Air a jovem Nadine Modéi. A operação também resultou na morte de seis haitianos, em cinco feridos e na prisão de treze suspeitos de envolvimento em atos criminosos.

Em conjunto com as operações de cunho militar desenvolvidas pelos soldados brasileiros, também foi prestada assistência humanitária. O *Le Nouvelliste* publicou em 26 de julho de 2005 a notícia referente às ações humanitárias desenvolvidas no bairro de Bel-Air, intitulada “*Opération à caractère humanitaire de la Minustah au Bel-Air*”⁶¹ (“Operação humanitária da MINUSTAH em Bel-Air”), divulgando os trabalhos desenvolvidos pela tropa brasileira para ajudar a população carente:

Les Casques Bleus de la Brigade brésilienne ont mené, samedi, des opérations à caractère humanitaire au Bel-Air pour venir en aide à la population. Lors de cette opération, les résidents de ce bidonville ont reçu de la nourriture et bénéficié de soins médicaux. Les soldats brésiliens de la Mission des Nations Unies de stabilisation ont également procédé au nettoyage de certaines rues du Bel-Air.⁶²

60Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article2739#.X3PCO2hKjIU>>. Acesso em: 30/07/2020.

61Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/19387/operation-a-caractere-humanitaire-de-la-minustah-au-bel-air>>. Acesso em: 30/07/2020.

62“Os capacetes azuis da Brigada Brasileira realizaram operações humanitárias no sábado em Bel-Air, para ajudar a população. Durante esta operação, os moradores desta comunidade receberam comida e cuidados

Ainda em relação às operações realizadas no bairro de Bel-Air, o jornal *Le Nouvelliste* publicou a matéria “*Opération de la MINUSTAH à Solino et Ti Chéri*”⁶³(“Operação da MINUSTAH em Solino e Ti Chéri”) em 05 de agosto de 2005, destacando as atividades desenvolvidas pelo Batalhão Brasileiro de Força de Paz nos respectivos bairros. Nessa ação, cinquenta soldados brasileiros enfrentaram grupos armados instalados na região, tendo conseguido apreender diversas armas e munições.

O periódico também salientou que durante essa operação a tropa brasileira libertou três vítimas de sequestro, além de deter oito suspeitos que estavam nas imediações das instalações utilizadas como cárcere pelos criminosos. Nesta oportunidade, a matéria jornalística destacou que os soldados brasileiros foram calorosamente aplaudidos pela população após libertar uma mulher que era refém:

La troupe brésilienne l'a accompagnée jusqu'au Fort National où elle a téléphoné à son mari qui est venu la récupérer. Elle est la 3e personne victime de kidnapping à avoir été libérée par les Brésiliens. Les soldats brésiliens ont procédé à l'arrestation de huit (8) suspects dont quatre (4) retrouvés à proximité de la zone de captivité et quatre (4) dans une cache dirigée par le chef de gang de Solino, le nommé Ti-About. Au cours de cette opération où les militaires brésiliens ont procédé à des fouilles au niveau de Solino, la troupe a été chaudement applaudie par la population en disant: "Vive la MINUSTAH!"⁶⁴

A publicação destacou que no encerramento da operação, o prefeito de Porto Príncipe, acompanhado pelo coronel brasileiro, Adilson Mangiavacchi, e pelo deputado haitiano Philnéus Dorcéant, realizaram uma visita a Bel-Air com o objetivo constatar se as ações militares do Batalhão Brasileiro proporcionaram um clima de segurança após as ações de combate contra as gangues armadas que atuavam indiscriminadamente na região.

Além da atuação do componente militar brasileiro, organizações humanitárias também contribuíram com especialistas em direitos humanos e assuntos civis, além da CIVPOL (Polícia Civil), e dos oficiais da PNH, que desenvolveram atividades religiosas,

médicos. Os soldados brasileiros da Missão de Estabilização das Nações Unidas também limparam algumas ruas de Bel-Air” (tradução do autor).

63Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/19704/operation-de-la-minustah-a-solino-et-ti-cheri>>. Acesso em: 03/08/2020.

64 “A tropa brasileira a acompanhou até o Forte Nacional, onde ela telefonou para o marido que veio buscá-la. Ela é a terceira pessoa sequestrada a ser libertada pelos brasileiros. Soldados brasileiros prenderam oito (8) suspeitos, incluindo quatro (4) encontrados perto da área de cativo e quatro (4) em um esconderijo administrado pelo líder da gangue de Solino, chamado Ti-About. Durante esta operação em que soldados brasileiros realizaram buscas em Solino, as tropas foram calorosamente aplaudidas pela população, dizendo: ‘Viva a MINUSTAH!’” (tradução do autor).

assistência médica, salão de cabeleireiro e torneios de futebol, com a presença maciça da população local. A matéria reconheceu a efetividade das ações:

Les actions concrètes des branches humanitaires de l'ONU et des organisations non gouvernementales au Bel-Air doivent s'offrir en exemple aux autres zones qui résistent encore aux efforts de la MINUSTAH d'établir la paix en Haïti.⁶⁵

Em outubro de 2005, após meses de operação nos bairros mais violentos da capital haitiana, o general Heleno transmitiu o comando das tropas ao general Urano Teixeira da Matta Bacellar, que prometeu fazer do Cité Soleil uma prioridade, conforme publicado em 30 de agosto de 2005 pelo *Le Nouvelliste*.

Mal assumira o comando das tropas da ONU, o general Urano já enfrentava um dos mais graves problemas da missão, relacionado aos militares jordanianos, que foram acusados de assédio sexual às mulheres haitianas, como noticiado pelo *Le Nouvelliste* em matéria intitulada “*Harcèlement sexuel de soldats de la MINUSTAH*”⁶⁶ (“Assédio sexual de soldados da MINUSTAH”), de 28 de novembro de 2005. “Os soldados da MINUSTAH estão aproveitando as operações de busca na área para tocar as mulheres”, noticiou a reportagem.

Além das acusações de assédio sexual, os capacetes azuis também foram denunciados por ONGs norte-americanas por violações de direitos humanos durante as operações de segurança empreendidas no bairro de Cité Soleil, conforme publicado pelo *AlterPresse*, em 18 de novembro de 2005: “*Haïti: Les casques bleus accusés de violation de droits humains*”⁶⁷ (“Haiti: capacetes azuis acusados de violações dos direitos humanos”).

As ONGs também acusaram os militares de provocar em 2004 um massacre de sessenta pessoas em Cité Soleil. A denúncia foi apresentada à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), da Organização dos Estados Americanos (OEA), contra o Brasil, que tinha o comando militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti. Na petição que foi tornada pública, em 15 de novembro de 2005, as ONGs afirmaram que possuíam vídeos e testemunhas que comprovariam o assassinato de 63 civis, incluindo mulheres e crianças, crimes supostamente cometidos por militares da Força de Paz, em julho de 2004.

65“As ações concretas dos ramos humanitários das Nações Unidas e das organizações não governamentais em Bel-Air devem oferecer um exemplo para outras áreas que ainda resistem aos esforços da MINUSTAH para estabelecer a paz no Haiti. intensificar ações humanitárias nesta área”(tradução do autor).

66Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/23047/harcelement-sexuel-de-soldats-de-la-minustah>>. Acesso em: 03/08/2020.

67Disponível em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article3609#.X6HRmlBv_IV>. Acesso em 03/08/2020.

No entanto, o jornal *Le Nouvelliste*, na mesma matéria do dia 28 de novembro de 2005, informou que o general Bacellar, comandante da MINUSTAH, refutou categoricamente essas acusações, e que em nota publicada no dia 17 de novembro no site do Itamaraty, o governo brasileiro declarou que, ao contrário do que foi acusado pelas ONGs, houve no Haiti “uma diminuição sistemática e substancial de assassinatos e massacres, bem como uma melhora na segurança”.

A mesma notícia do *Le Nouvelliste* divulgou que a chancelaria brasileira também informou que a denúncia das ONGs americanas não foi transmitida à sua missão junto à OEA e que a tramitação de um processo dessa natureza poderia levar dezoito meses até que o Brasil fosse notificado.

No mesmo período, 138 militares brasileiros foram agraciados pela ONU com medalhas em reconhecimento aos bons trabalhos desenvolvidos no Haiti, em especial nas regiões de Bel-Air e no centro de Porto Príncipe.

Pra finalizar, a matéria ainda informou que o comandante do Batalhão Brasileiro, coronel Mangiavacchi, afirmou que a população de Bel-Air foi grande parceira dos militares brasileiros na conquista dessa medalha, que serviu também para renovar o compromisso de seus homens com o respeito aos direitos dos haitianos.

No dia 05 de janeiro de 2006, as críticas em relação à ineficiência das forças de paz ressurgiram em notícia publicada pelo *Le Nouvelliste*. O periódico apontou que a MINUSTAH havia sido acusada de negligência por líderes políticos e membros da sociedade civil haitiana, em virtude da insegurança em Porto Príncipe.

A matéria intitulada “*Haiti ONU violences insécurité: La MINUSTAH accusée de laxisme et de tolérance*”⁶⁸ (“Haiti ONU violência e insegurança: A MINUSTAH acusada de negligência e tolerância”) expôs as queixas de políticos e empresários, como do candidato ao senado, senhor Myrlande Manigat, que afirmava: “a situação da segurança não melhorou no país desde a implantação da MINUSTAH”. Nessa mesma ocasião também é registrado o questionamento do industrial e candidato André Apaid acerca da política de segurança da missão de paz. De acordo com suas críticas, a MINUSTAH servia como pano de fundo para as ações de bandos armados controlados por setores políticos.

Já o diretor da Polícia Nacional Haitiana (PNH), Mario Andrésol, conforme essa mesma matéria jornalística, reconheceu que as operações conjuntas feitas com os capacetes

68Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/24306/la-minustah-accusee-de-laxisme-et-de-tolerance>>. Acesso em: 03/08/2020.

azuis às vezes eram produtivas; no entanto, destacou: "Não estamos pedindo que eles lutem por nós, mas que nos forneçam os meios e nos apoiem onde somos fracos".

Em relação à violência, após completar dois anos da presença das tropas da ONU, os haitianos ainda eram vítimas de sequestros, como noticiou o *Le Nouvelliste* em 01 de junho de 2006: “*Une vingtaine d'enlèvements en mai, selon la MINUSTAH*”⁶⁹(“Vinte sequestros em maio, segundo a MINUSTAH”). No entanto, a porta-voz das Nações Unidas, Sophie Boutaud de Lacombe, noticiou que apesar das vinte pessoas sequestradas em maio, o número estava diminuindo gradativamente se comparado às 38 vítimas de janeiro. Em fevereiro, haviam sido quatorze vítimas; em março, vinte, e em abril, também quatorze.

A mesma matéria ainda noticiou que apesar da violência e dos sequestros frequentes, a MINUSTAH anunciava a partida de mil soldados jordanianos, como parte de um plano de redução das forças de paz destacadas no país. Informou também que duzentos soldados brasileiros chegaram a Porto Príncipe, seguindo o sistema de rotação parcial dos contingentes brasileiros da força da ONU.

As críticas em relação à natureza exclusivamente militar da missão de paz, do mesmo modo que foram expostas pelo general Heleno na matéria do *Le Nouvelliste* de 06 de junho de 2006, intitulada “*La MINUSTAH sur la sellette*”⁷⁰(“MINUSTAH no assento quente”), também foram reforçadas no dia 20 de junho pelo mesmo jornal, com o seguinte título: “*Réorientation de la MINUSTAH*”⁷¹(“Reorientação da MINUSTAH”).

Nesta oportunidade, o presidente do Senado do Haiti, Joseph Lambert, sugeriu uma redefinição do mandato da missão. O periódico publicou uma entrevista deste político com o diretor das divisões europeia e americana do Departamento de Manutenção da Paz da ONU, Weiserod-Weber Wolfgang, na qual o parlamentar sublinhou a necessidade iminente da substituição do aparato bélico por equipamentos de trabalho, como parte dos esforços para fomentar o desenvolvimento no país:

La nécessité de remplacer les chars de guerre, les fusils... en engins de travail dans le cadre des efforts à entreprendre pour développer le pays, considéré comme le plus pauvre du continent américain. Sans vouloir interférer dans les affaires de l'Exécutif,

69Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/30186/une-vingtaine-denlevements-en-mai-selon-la-minustah>>. Acesso em: 04/08/2020.

70Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/18359/la-minustah-sur-la-sellette>>. Acesso em: 04/08/2020.

71Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/30823/reorientation-de-la-minustah>>. Acesso em: 04/08/2020.

je souhaite qu'une réorientation de la force onusienne soit exigée au moment du renouvellement de son mandat.⁷²

O noticiário lembrou que o presidente haitiano René Préval já havia mencionado "a necessidade de transformar a força da ONU em uma missão a serviço do desenvolvimento", do mesmo modo que o chefe de governo, Jacques-Edouard Alexis. O periódico lembrou ainda que o senador Lambert já havia rogado ao chefe da Manutenção da paz da ONU no Haiti maiores investimentos nas áreas de infraestrutura rodoviária, saúde, educação e criação de empregos, para reduzir o êxodo rural.

Em meio ao ambiente violento em que se encontrava o Haiti, principalmente em razão dos inúmeros sequestros, o *Le Nouvelliste* publicou em 17 de julho de 2006 a matéria intitulada “*Haïti/Brésil/Insécurité: Eventuel retrait du Brésil de la MINUSTAH*”⁷³ (“Haiti/Brasilinsegurança: Possível retirada do Brasil da MINUSTAH”). Nela, apresentava uma resolução adotada pelo Congresso Nacional brasileiro, de 15 de julho de 2006, referente a um possível repatriamento de cidadãos brasileiros residentes no Haiti, assim como a um fortalecimento da segurança do corpo diplomático brasileiro em Porto Príncipe.

Conforme a agência Reuters, fonte da notícia do *Le Nouvelliste*, tal preocupação se deu em virtude da acentuada deterioração da segurança na capital haitiana. A nota também apresentou a intenção dos parlamentares brasileiros, que, preocupados com o agravamento do conflito civil, exigiam o envio de uma força-tarefa composta por um destacamento de Fuzileiros Navais e de uma equipe da Força Aérea Brasileira a Porto Príncipe, que seriam responsáveis também por repatriar cidadãos sul-americanos.

O *Le Nouvelliste* apontou que muito antes da proposta de aplicação dessas medidas, os senadores brasileiros já se opunham claramente à estratégia militar aplicada pelo presidente Lula no Haiti. Com discursos críticos, os parlamentares alertavam o governo para a necessidade de uma melhor gestão das tropas brasileiras empregadas na MINUSTAH.

A matéria ainda lembrou que além de ter o comando da missão, o Brasil possuía um batalhão composto por 1.200 militares, distribuídos em diferentes áreas do país, que iam de Bel-Air, área mais violenta da capital, até Cité Soleil. Nessa região os soldados brasileiros substituíram as tropas jordanianas, criticadas por sua passividade diante da escalada de

72 “A necessidade de substituir os tanques de guerra, os fuzis em máquinas de trabalho no quadro dos esforços a empreender para o desenvolvimento do país, considerado um dos mais pobres do continente americano... Sem querer interferir nos assuntos do Executivo, gostaria que fosse necessária uma reorientação da força da ONU no momento da renovação do seu mandato” (tradução do autor).

73Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/32053/eventuel-retrait-du-bresil-de-la-minustah>>. Acesso em: 04/08/2020.

violência que vitimou vinte pessoas, além de três soldados brasileiros, que foram feridos enquanto estavam em patrulha neste setor.

Ainda em relação às denúncias de falta de iniciativa das tropas em combater a violência, o *AlterPresse* publicou: “*Haïti: l’insécurité et ses liaisons dangereuses*”⁷⁴ (“Haiti: insegurança e suas conexões perigosas”). A matéria publicada em 18 de agosto de 2006 acusou a MINUSTAH de estabelecer um acordo com os chefes de gangues, o que impossibilitaria qualquer chance de êxito da política de "tolerância zero" e de combate à insegurança, uma vez que as autoridades negociavam deliberadamente com líderes de gangues, assassinos, sequestradores e estupradores.

A matéria também afirmou que Brasil e Chile estariam frustrados por terem acreditado que um dia poderiam deter as gangues e restaurar a lei e a ordem utilizando apenas o diálogo. Do mesmo modo, o *AlterPresse* afirmou que a MINUSTAH colaborou com esses líderes de gangues usando-os como "agentes comunitários" e muitas vezes associando a violência por eles cometida à pobreza:

Combien de fois avons-nous entendu Augusto Héléno Ribiero Pereira, ancien commandant brésilien de la MINUSTAH, déclarer en l'air que la force de l'ONU n'était pas une force de répression et que «l'insécurité est un héritage de l'injustice sociale qui a régné en Haïti pendant des siècles.»⁷⁵

O texto também afirmou que não havia coordenação entre a MINUSTAH e PNH no combate às gangues, setores da máfia e traficantes, e que o Conselho de Segurança da ONU solicitava às autoridades haitianas, em particular, à Polícia Nacional do Haiti (PNH), e à MINUSTAH, que estabelecessem uma coordenação mais afinada para combater o crime e a violência, especialmente em áreas urbanas.

No final de 2006, especificamente durante o mês de novembro, e durante as três primeiras semanas de dezembro, bandidos armados haviam praticamente assumido o controle da capital haitiana, aos olhos e ao conhecimento da MINUSTAH, e das autoridades governamentais haitianas. Em consequência, toda a sociedade se sentiu abandonada a si mesma. Apesar disso, a MINUSTAH não deu respostas proporcionais a essa situação, como afirmou a nota jornalística.

74Disponível em: https://www.alterpresse.org/spip.php?article5076#.X7lq6LNv_IU. Acesso em: 04/08/2020.

75 “Quantas vezes já ouvimos Augusto Heleno Ribeiro Pereira, ex-comandante brasileiro da MINUSTAH, declarar no ar que a força da ONU não era uma força de repressão e que “a insegurança é um legado da injustiça social que reinou no Haiti durante séculos” (tradução do autor).

2.2.A CONSOLIDAÇÃO

2.2.1. Pouco sucesso no combate à violência?

O início de 2007 foi marcado pelo anúncio na mídia haitiana da conquista de territórios tomados por milícias que atuavam em Porto Príncipe. Nessas operações a participação brasileira foi bastante expressiva, com destaque para a tomada do bairro de Cite Soleil, onde foram empregados 34 veículos blindados e 700 militares, dentre os quais 450 brasileiros.

Na matéria de Wooldy Loudior⁷⁶, publicada em 8 de fevereiro de 2007 e intitulada “*Haiti: la MINUSTAH au cœur des débats, proche de la fin de son mandat*”⁷⁷ (“Haiti: a MINUSTAH no centro dos debates, perto do final do mandato”), o autor fez quatro questionamentos: o mandato da MINUSTAH deve ser prorrogado? caso não fosse, o que deveria ser feito em relação ao Haiti? seria criada a Guarda Nacional ou as Forças Armadas do Haiti seriam remobilizadas? quanto tempo a MINUSTAH ainda ficaria no país?

Estas questões eram debatidas pela sociedade haitiana à medida que se chegava à data prevista para o encerramento da missão da ONU, em 15 de fevereiro de 2007. Loudior defendeu que alguns setores da sociedade haitiana exigiam a saída imediata da missão, que naquele momento era composta por 7.200 integrantes. Tal reivindicação, segundo o autor, se baseava na constatação de que a missão de paz era considerada “inútil” e “cara demais” para o país, mesmo tendo a aprovação do governo haitiano, que a considerava necessária no combate aos bandidos e gangues armadas que aterrorizavam a população.

De acordo com o texto, em 2006 houve uma forte onda de sequestros, que afetaram principalmente estudantes de diferentes escolas e universidades, desencadeando movimentos e protestos exigindo que o governo haitiano não negociasse mais com os bandidos e, em vez disso, tomasse medidas mais enérgicas para coibir estas ações, assim como a retirada da MINUSTAH, que, segundo eles, não fazia nada para ajudar a população a enfrentar o clima de terror e insegurança.

A manchete anunciava que já no início de 2007 a insegurança havia caído consideravelmente no país, levando em consideração que em dezembro de 2006 foram registradas 129 vítimas de violência, das quais 64 casos de sequestro, enquanto que em

⁷⁶Wooldy Edson Loudior Especialista em estudos migratórios, caribenhos e haitianos. Professor e pesquisador da Pontificia Universidad Javeriana (Instituto de Estudios Sociales y Culturales).

⁷⁷Disponível em: <<http://www.alterpresse.org/spip.php?article5664#.YC3C5GhKjIU>>. Acesso em : 02/05/2021.

janeiro de 2007 foram 41 vítimas de violência, sendo 39 pessoas sequestradas, o que proporcionou relativa paz à população em determinados bairros. No entanto, algumas áreas da Capital ainda eram controladas por grupos armados, apesar das ações conjuntas da MINUSTAH e da PNH nas áreas "sem lei" localizadas em Porto Príncipe, desde o final de dezembro de 2006.

Naquela oportunidade, a MINUSTAH anunciou que aumentaria a frequência de suas operações em bairros perigosos, como Martissant (ao sul), Cité Soleil (ao norte), com o objetivo de neutralizar os bandidos. A matéria destacou as operações realizadas em 22 de dezembro de 2006, em Bois-Neuf, e Cité Soleil, esta última, desencadeada por militares do Batalhão de Força de Paz Brasileiro. De acordo com o periódico, as tropas agiram de forma “espetacular” para recuperar um de seus veículos blindados que havia sido apreendido na véspera por uma gangue armada que atuava naquela região.

As operações continuaram durante todo o mês de janeiro de 2007, como em 24 de janeiro, quando 250 soldados da MINUSTAH e vinte veículos blindados entraram em Boston, outro bairro de Cité Soleil, para assumir o controle do Edifício Azul, uma casa que servia como fortaleza para bandidos armados e que depois foi usada como base do Batalhão Brasileiro naquela região. Entretanto, mesmo com as intervenções dos capacetes azuis em pleno andamento, Louidor destacou que cidadãos e setores da sociedade haitiana denunciavam as operações realizadas "sem discernimento", pois moradores que nada tinham a ver com bandidos e gangues armadas foram vítimas de violência praticada por soldados da MINUSTAH em intervenções militares oportunistas, que não estavam preocupadas em prover segurança à população, mas em obter uma prorrogação do mandato.

Por fim, o autor reforçou que o governo haitiano e as autoridades locais deviam tomar decisões importantes para assumir e garantir a segurança da população, e que caberia à comunidade internacional enfrentar o desafio de acompanhar o Estado haitiano e ajudá-lo a assumir e resolver os problemas (inclusive a insegurança) que castigavam o país, respeitando ao mesmo tempo a soberania do Haiti. Louidor acrescentou que o povo haitiano se sentia dividido:

Le peuple haïtien se sent de plus en plus tirillé entre une certaine incapacité de ses dirigeants à gouverner et la volonté de certains pays et organisations de la communauté internationale de le maintenir dépendant, alors que l'opinion publique n'est toujours pas informée des réflexions et initiatives visant à une sortie autonome de cette situation.⁷⁸

78“O povo haitiano se sente cada vez mais dividido entre uma certa incapacidade de governar de seus líderes e a vontade de certos países e organizações da comunidade internacional de mantê-los dependentes, enquanto a

Em meio aos esforços contínuos da MINUSTAH para estabelecer padrões mínimos de segurança à população, o *AlterPresse*, na edição de 27 de dezembro de 2007, divulgou a seguinte matéria: “*Haiti: La MINUSTAH annonce plusieurs opérations hebdomadaires contre les gangs armés*”⁷⁹ (“Haiti: MINUSTAH anuncia várias operações semanais contra gangues armadas”). O texto publicou um comunicado da ONU que informava que as tropas iriam intensificar suas operações para erradicar as atividades criminosas das gangues armadas que aterrorizavam vários bairros de Porto Príncipe, principalmente em Cité Soleil.

O periódico também informou que uma ação ofensiva, da mesma natureza, realizada dias antes permitiu que as tropas recuperassem pontos estratégicos na entrada de Cité Soleil, após o comandante brasileiro emitir ordens para que fosse feita a captura dos líderes das gangues, com a intenção de coibir as atividades criminosas em Porto Príncipe.

Au cours des mois de novembre et décembre 2006, la police et la Mission des Nations Unies pour la stabilisation en Haïti (MINUSTAH) sont devenues plus actives dans la lutte contre le banditisme; leurs actions font des victimes, ce qui ne signifie en aucun cas que toutes les victimes seraient des criminels », lit-on dans ce rapport, dont une copie est parvenue à l'agence en ligne *AlterPresse*.⁸⁰

As operações foram deflagradas em resposta aos atos criminosos que causaram um surto de violência na capital haitiana, após uma breve calmaria, registrada desde o final de 2006, quando medidas de segurança foram tomadas pelas autoridades competentes. No entanto, o jornal informou que um relatório da Comissão Episcopal Nacional da Igreja Católica, Justiça e Paz (JILAP), de 23 de janeiro de 2007, relatou que 539 pessoas morreram devido à violência armada em Porto Príncipe durante o ano de 2006.

A matéria “*Haiti: Arrestation de 31 présumés criminels à Martissant en 2 jours, selon la force onusienne*”⁸¹ (“Haiti: prisão de 31 suspeitos de crimes em Martissant em 2 dias segundo a força da ONU”), publicada pelo *AlterPresse*, anunciava que as operações conjuntas feitas pelos capacetes azuis e por agentes da Polícia Nacional do Haiti, realizadas em 12 de fevereiro de 2007, resultaram em diversas prisões em Martissant, um subúrbio ao sul de Porto

opinião pública ainda não está informada das reflexões e iniciativas voltadas para uma saída autônoma desta situação.” (tradução do autor).

79Disponível em : <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article6796#.X7iSls1KjIU>>. Acesso em: 04/08/2020.

80 “Durante os meses de novembro e dezembro 2006, a polícia e a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) tornaram-se mais ativas na luta contra o banditismo; suas ações causam vítimas, o que de forma alguma significa que todas as vítimas sejam bandidos, lê-se neste relatório, cuja cópia chegou à agência online *AlterPresse*” (tradução do autor).

81Disponível em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article5675#.X7iF_s1KjIU>. Acesso em: 04/08/2020.

Príncipe. O jornal enfatizou que as ações foram realizadas sem disparos e sem vítimas, possibilitando uma aparente calma conforme relatado por moradores. No entanto, o medo ainda persistia: “os moradores dos subúrbios do sul ainda tentam voltar para suas casas antes das 18h, por medo de não suscitar ataques de bandidos”, conforme relato do *AlterPresse*.

Em 2007, as acusações referentes às intenções imperialistas, representadas pela Força de Paz da ONU, ressurgiram na pauta jornalística haitiana, como na matéria publicada em 5 de setembro de 2007, pelo *AlterPresse*, “*Haiti: Des associations considèrent la MINUSTAH comme un colis encombrant*”⁸² (“Haiti: Associações consideram a MINUSTAH como um pacote volumoso”). A publicação questionava as declarações dos Ministros da Defesa do Brasil, Bolívia, Equador e Uruguai, que alegaram que a MINUSTAH lutava contra a dominação imperialista.

A questão apresentada era: como a poderosa força das instituições financeiras internacionais e a arrogante interferência estrangeira podia interferir, através das Nações Unidas, nos assuntos internos de outro país?

O Movimento Democrático Popular (MODEP), “*Tèt Kole Ti Peyizan Ayisyen* – Movimento Campesino de Reforma Agrária, e a Plataforma Interamericana para os Direitos Humanos, Democracia e Desenvolvimento (PIDHDD) não se manifestaram contra a promoção da segurança e da paz internacionais, nem desfavoráveis à cooperação entre os países. No entanto, “não admitiam e não apoiavam nada que viesse de encontro aos interesses da Nação Haitiana, contra sua história, contra sua dignidade, contra seu próprio desenvolvimento e o de seus filhos e filhas”, conforme declaração das lideranças dos movimentos sociais. As entidades também relembrou o insucesso de outras missões internacionais no Haiti:

Le Mouvement Démocratique Populaire (MODEP), “*Tèt Kole Ti Peyizan Ayisyen*” et la Plate-forme interaméricaine des Droits Humains, Démocratie et Développement (PIDHDD) vous rappellent que, de 1993 à 2004, plusieurs missions onusiennes ont déjà séjourné en Haïti. Cependant, aucune d’entre elles n’a jamais contribué au développement du pays. Au contraire, les multiples actes qu’elles ont jusqu’à date posés, n’ont fait que plonger le pays dans l’insécurité, le sous-développement et l’ignorance. Les organisations signataires de cette lettre tiennent à vous faire remarquer que, par ces actes, les Nations Unies ne font que violer la Constitution haïtienne, sa Charte qui devrait être pourtant son boussole, et tout particulièrement le droit du peuple haïtien à prendre son destin en main et à apprendre à gérer ses problèmes comme le font beaucoup d’autres peuples.⁸³

82Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article6374#.X3PjFmhKjIU>>. Acesso em: 04/08/2020.

83 “O Movimento Democrático Popular (MODEP), “*Tèt Kole Ti Peyizan Ayisyen*” e a Plataforma Interamericana para Direitos Humanos, Democracia e Desenvolvimento (PIDHDD) lembram que, de 1993 a 2004, várias missões da ONU já estiveram no Haiti. Porém, nenhum deles jamais contribuiu para o

A matéria intitulada “*L'insécurité remonte, la MINUSTAH se défend*”⁸⁴(“Insegurança aumenta, MINUSTAH se defende”), publicada pelo *Le Nouvelliste* em 26 outubro de 2007, noticiou a entrevista coletiva concedida à imprensa por Fred Blaise, porta-voz da UNPOL (United Nations Police – United Nations), ramo das Nações Unidas que engloba as ações policiais das operações de paz. Blaise defendia que a MINUSTAH tinha o controle efetivo da criminalidade e que o Haiti já se encontrava em um nível de segurança considerado tolerável, uma vez que nenhum país do mundo possuía segurança total.

O porta-voz argumentou que “as estatísticas contradiziam o que as pessoas pensavam sobre os sequestros”, acrescentando que foram registrados dez casos de sequestros na capital haitiana durante as primeiras três semanas de outubro, o que resultou em uma redução se comparado ao mês anterior, sendo onze casos em setembro, contra trinta em agosto. Fred Blaise, durante a entrevista coletiva semanal da MINUSTAH, pediu à imprensa que não exagerasse nas notícias relacionadas à violência para não assustar a população.

Quando questionado pelos jornalistas sobre as recentes ações criminosas ocorridas no centro de Porto Príncipe, o porta-voz respondeu: “Estes são casos de pequenos delitos e que os bandidos estão encurralados e não podem formar gangues”.

Ainda, no que diz respeito aos crimes cometidos em Porto Príncipe, o diretor da PNH, Mario Andrésol, afirmou que acreditava que a polícia seria capaz de enfrentar os bandidos que aterrorizavam os comerciantes. Segundo ele, os comerciantes aplaudiam as ações das forças de segurança e exigiam ao mesmo tempo uma presença permanente das tropas na capital.

O chefe da PNH disse que contava com a colaboração do prefeito para acabar com as ações orquestradas pelas gangues armadas. “Cabe também à administração municipal se encarregar da gestão dos mercados públicos, que muitas vezes alimentam incidentes no centro da cidade”, afirmou Andrésol, conforme a mesma matéria.

desenvolvimento do país. Pelo contrário, os múltiplos atos que praticaram até agora apenas mergulharam o país na insegurança, no subdesenvolvimento e na ignorância. As organizações signatárias desta carta desejam salientar que, por meio desses atos, as Nações Unidas apenas violam a Constituição haitiana, sua Carta que, no entanto, deveria ser sua bússola e, especialmente, o direito do povo haitiano de assumir seu destino. e aprender a administrar seus problemas como muitas outras pessoas fazem” (tradução do autor).

84Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/public/article/50276/linsecurite-remonte-la-minustah-se-defend>>. Acesso em: 06/08/2020.

O *Le Nouvelliste* postou em 22 de janeiro de 2008 a reportagem intitulada “*La MINUSTAH est là pour longtemps*”!⁸⁵ (“A MINUSTAH está aqui há muito tempo!”), relatando que após quase quatro anos da missão a segurança no Haiti ainda era bastante frágil, apesar dos sinais de melhora. De acordo com as declarações do chefe da MINUSTAH, Hédi Annabi, qualquer hipótese de interrupção na missão era descartada, sendo necessário renovar o mandato sem a retirada do efetivo militar composto por mais de nove mil capacetes azuis.

Enquanto a MINUSTAH ainda era duramente criticada, mesmo após ter empreendido ações exitosas para tentar conter a onda de violência que assolava o país, no Brasil as posições contrárias à participação brasileira na missão de paz da ONU ecoavam na mídia haitiana, reforçando ainda mais os discursos que exigiam a retirada imediata dos exércitos multinacionais do solo haitiano.

A matéria intitulada “*Haïti-Brésil: Parallèlement à la visite de Lula, 73 organisations brésiliennes rappellent leur position contre l’occupation militaire d’Haïti*”⁸⁶ (“Haiti – Brasil: concomitantemente à visita de Lula ao Haiti, 73 organizações brasileiras lembraram sua posição contra a ocupação militar do Haiti”), publicada em 29 de maio de 2008 pelo *AlterPresse*, divulgou um manifesto contrário à ocupação militar da nação haitiana:

L’occupation militaire de la nation haïtienne signifie par elle-même, la négation de tous les principes fondamentaux du droit international public. Entre autres, le droit à la souveraineté nationale au sein du cadre transnational de réciprocité et de solidarité. Il arrive que l’occupation militaire de la MINUSTAH, sous prétexte de promouvoir la stabilisation, s’est muée en présence opprimante et donc spoliatrice. Le peuple sans assistance et opprimé d’Haïti n’a pas besoin de troupes militaires, d’intervention belliqueuse ou de police des mœurs, mais bien d’être exonéré de l’illégal et illégitime endettement externe maintenu au seul bénéfice du système financier spéculatif international.⁸⁷

O periódico também lembrou que além da dívida econômica, existia também a dívida histórica, pois 45% da dívida externa paga pelo povo haitiano foi contraída durante as ditaduras da família Duvalier. Outras exigências eram de que o Haiti necessitava de apoio

85Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/53447/la-minustah-est-la-pour-longtemps>>. Acesso em: 06/08/2020.

86Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article7298#.X3vgGmhKjiU>>. Acesso em: 06/08/2020.

87 “A ocupação militar da nação haitiana significa, por si só, a negação de todos os princípios fundamentais do direito internacional público. Entre outros, o direito à soberania nacional no quadro transnacional de reciprocidade e solidariedade. Ocasionalmente, a ocupação militar da MINUSTAH, a pretexto de promover a estabilização, tornou-se uma presença opressora e, portanto, saqueadora. O povo oprimido e desassistido do Haiti não precisa de tropas militares, intervenção beligerante ou polícia da moralidade, mas para ser isento da dívida externa ilegal e ilegítima mantida em benefício exclusivo do sistema financeiro especulativo internacional” (tradução do autor).

técnico para sua agricultura, ajuda médica para a população e de projetos sociais de saúde, saneamento, educação e pleno emprego, que estimulassem em curto prazo sua emancipação.

2.2.2. Alguns êxitos

No entanto, mesmo diante de severas críticas, o jornal afirmou que o documento reconhecia que nos últimos anos algumas presenças internacionais foram proveitosas e importantes para o Haiti e que estimularam o seu desenvolvimento e a tentativa de emancipação. Neste sentido, o texto enfatizou que a presença da MINUSTAH não resolveu os óbices relacionados à saúde, educação, alimentação, pois nenhum tipo de intervenção militar pode ajudar a resolver tais demandas. Contudo, uma ressalva foi feita em relação ao Brasil: a matéria afirmou que iniciativas brasileiras, que estavam fora do escopo da MINUSTAH, foram bastante efetivas:

Pourtant, Haïti vient à être aussi objet, ces dernières années, de présences internationales positives importantes pour son développement et son émancipation nécessaire. Nous pouvons mentionner seulement quelques missions intégrées par des brésiliens, en 2005 et 2007. Tant la Mission Internationale d'appui et de solidarité à Haïti (avec la participation non moins importante de Jubilé Sud) que celle de 2007, appuyée par le Conseil Fédéral de l'Ordre des Avocats du Brésil, ont fourni un diagnostic social accablant, marqué par la misère extrême, les maladies, la faim et le chômage.⁸⁸

A matéria dizia ainda que a opressão militarizada da ONU e todas as consequências violentas que ela proporcionava substituíram a solidariedade, o apoio econômico, ambiental e técnico à população haitiana e que a comunidade internacional não podia ignorar tamanhos abusos que desconsideravam as necessidades e interesses financeiros globais dos haitianos, mantendo-os em situação de extrema pobreza e fome.

De acordo com o *Le Nouvelliste* o manifesto lembrou que o passado do Haiti foi formado por um povo especial, que durante a sua história foi vítima de opressão e que lutou muito para ser o autor de sua própria independência.

Em relação à nossa hipótese de que a repercussão na mídia haitiana das ações do Brasil na MINUSTAH estava mais ligada à imagem que o governo brasileiro buscou

⁸⁸“No entanto, o Haiti também passou a ser objeto, nos últimos anos, de presenças internacionais positivas importantes para seu desenvolvimento e sua necessária emancipação. Podemos citar apenas algumas missões integradas por brasileiros, em 2005 e 2007. Tanto a Missão Internacional de Apoio e Solidariedade no Haiti (com a participação igualmente importante da ONG Jubileu Sul) quanto a de 2007, apoiada pelo Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil Associação, forneceu um diagnóstico social contundente, marcado pela extrema pobreza, doença, fome e desemprego” (tradução do autor).

construir, relacionadas às ações humanitárias e de reconstrução da infraestrutura, do que aos ditames estabelecidos pelas Nações Unidas ao Brasil, através da MINUSTAH, destaca-se uma matéria publicada em 29 de janeiro de 2009, publicada pelo jornal *Le Nouvelliste*, intitulada "*La MINUSTAH participe à des actions de développement qui sortent de sa mission*"⁸⁹ ("A MINUSTAH participa de ações de desenvolvimento que vão além de sua missão"). Essa matéria divulgou que o Brasil utilizou a BRAENGCOY – Brazilian Engineering Company (Companhia de Engenharia de Força de Paz), na reconstrução e melhoria da malha viária haitiana.

O periódico também publicou a afirmativa de Alain Leroy, secretário-geral adjunto das Nações Unidas (ONU) para o Haiti, de que a MINUSTAH participava de ações de desenvolvimento que iam muito além de sua missão, em ações efetivas. De acordo com Leroy, desde a implantação no país, a missão já havia desenvolvido 569 projetos de impacto rápido, no valor total de US \$ 6,5 milhões, além da reconstrução de escolas, tribunais e delegacias em todo o território haitiano. Cabe ressaltar que a única fração militar composta exclusivamente por elementos de engenharia era a BRAENGCOY, com um efetivo de aproximadamente 120 profissionais.⁹⁰

O secretário também observou que, através dos efetivos da engenharia brasileira, a MINUSTAH trabalhava no campo da infraestrutura rodoviária. No entanto, Alain Leroy fez uma ressalva em relação à MINUSTAH: "A sua missão é estabilizar o país, ajudar no seu fortalecimento institucional, facilitar o diálogo entre os actores políticos e criar condições favoráveis ao seu desenvolvimento".

Além dos trabalhos de infraestrutura e de malha rodoviária, também foram iniciados pela Engenharia do Exército Brasileiro, através do Instituto Militar de Engenharia (IME), estudos topográficos com vistas à construção de uma hidrelétrica, cujo financiamento seria feito pelo governo brasileiro, no valor de 150 milhões de dólares.

De acordo com os planejamentos, a usina teria 32 megawatts, suficientes para gerar energia para 500 mil pessoas, além do lago que seria formado pela barragem, que possibilitaria a irrigação de terras agricultáveis, conforme publicado pelo *AlterPresse*⁹¹ em 15 de dezembro de 2009.

89Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/66756/la-minustah-participe-a-des-actions-de-developpement-qui-sortent-de-sa-mission>>. Acesso em: 06/08/2020.

90Disponível em: <http://www.eb.mil.br/web/haiti/noticias-braengcoy/-/asset_publisher/uIeNJ9eDHugv/content/penultimo-contbras-no-haiti-apresenta-os-resultados/8032597>. Acesso em: 08/08/2020.

91Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article9090#.X3zwP2hKjIU>>. Acesso em: 08/08/2020.

Em relação às medidas de segurança que estavam sendo adotadas no Haiti, em matéria publicada pelo *Le Nouvelliste* em 29 de janeiro de 2009, no título “*La MINUSTAH appuie le gouvernement haïtien*”⁹² (“A MINUSTAH apoia o governo haitiano”). O jornal publicou as declarações do porta-voz da força de paz, coronel Fernando Ferrera, que detalharam, à miúdo, as atividades da MINUSTAH e da UNPOL, afirmando que o objetivo primordial dos capacetes azuis era dar apoio à Polícia Nacional do Haiti em seus esforços para proporcionar um ambiente seguro que trouxesse a paz. Ferrera declarou ainda que foram realizados por mês em média 122 postos de controle, 565 pontos fixos, 12.600 patrulhas terrestres, sendo 7.472 patrulhas motorizadas e 5.134 patrulhas a pé, ações realizadas em conjunto com a PNH e a UNPOL.

2.2.3. Tempo demais

Contudo, mesmo com a apresentação de números demonstrando que as forças de paz estavam engajadas nas operações de segurança, as críticas em relação à intervenção militar no país permaneciam bastante frequentes. É o caso da matéria do *Le Nouvelliste* intitulada “*La commission réclame le retrait de la MINUSTAH*”⁹³ (“Comissão apela para a retirada da MINUSTAH”), de 18 de setembro de 2009. Esse texto apresentou as conclusões de uma comissão internacional formada por representantes franceses, argelinos, americanos e haitianos, que pediu a retirada dos capacetes azuis do Haiti. De acordo com o texto, a equipe constatou que a presença de soldados da ONU retirava a soberania nacional do país e, ao mesmo tempo, fortalecia a dependência econômica e o desequilíbrio social.

Outras observações denunciavam que a presença de soldados da ONU estava longe de ser justificada, e a missão deveria deixar o Haiti no final de seu mandato, em outubro de 2009. De acordo com os membros da comissão, a Carta da ONU, em seu artigo 7º, mencionava uma série de situações que poderiam justificar a presença dos soldados da ONU em um país, em particular “genocídio e guerra civil”, sendo que no Haiti não existiam tais problemas, e que a presença de forças militares estrangeiras era injustificável. A Comissão também constatou que uma das metas da MINUSTAH era a estabilização da paz, objetivo não alcançado até aquele momento:

92Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/73316/la-minustah-appuie-le-gouvernement-haitien>>. Acesso em: 08/08/2020.

93Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/74358/la-commission-reclame-le-retrait-de-la-minustah>>. Acesso em: 08/08/2020.

L'un des objectifs de la MINUSTAH est de stabiliser le pays. Pourtant, constatent les membres de cette commission, elle a passé outre cet objectif. "Après une rencontre, mercredi, avec les hauts responsables des forces onusiennes sur les objectifs de cette mission en Haïti, nous avons pu constater que les buts fixés ne sont pas vraiment atteints", fait remarquer Robert Fabert, représentant de l'Association des travailleurs et peuples des Caraïbes (ATPC) qui fait aussi partie de cette commission.⁹⁴

Além das alegações de que as demandas de segurança não haviam sido atendidas, outras denúncias foram trazidas à tona, como a de Robert Fabert, representante da Associação dos Trabalhadores e Povos do Caribe (ATPC), que observou que os militares da ONU eram acusados de vários atos, incluindo a colaboração para o desmantelamento do Estado haitiano. Além de Fabert, outros representantes de várias associações sindicais acusaram os soldados da ONU de estupro, detenções arbitrárias e sequestros, entre outras atividades ilícitas:

O sindicalista Júlio Turra, representante brasileiro no evento, declarou que durante a reunião, os altos funcionários da missão negavam todas as acusações. Todavia, para vários casos, temos evidências, alegou o brasileiro. Turra ainda complementou: "Esta reunião, que teve como objetivo investigar a realidade da classe trabalhadora do país, resultou em um relatório que provou que a MINUSTAH era uma força de ocupação que merecia ser expulsa".

Com base nos vários temas tratados, com o apoio do comitê de monitoramento, composto por representantes das associações sindicais haitianas, foi proposta uma audiência com o secretário das Nações Unidas, Ban-Ki-Moon, e representantes dos Estados membro para apresentar o apelo dos movimentos internacionais de trabalhadores para que a ONU retirasse as tropas do Haiti.

Mesmo após receber severas críticas relacionadas à violência sexual cometida pelos capacetes azuis, além das posições contrárias à presença das tropas internacionais em território haitiano e das alegações de que o aparato militar retirava a soberania do país, o Conselho de Segurança da ONU concedeu, no dia 13 de outubro de 2009, a renovação do mandato da Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti por mais um ano, até 15 de outubro de 2010.

A resolução foi aprovada por unanimidade, o que garantiu ao Conselho de Segurança das Nações Unidas manterem no Haiti um efetivo de 6.940 capacetes azuis, além de mais

94“Um dos objetivos da MINUSTAH é estabilizar o país. No entanto, observem os membros desta comissão, ela ignorou esse objetivo. ‘Depois de uma reunião na quarta-feira com altos funcionários das forças da ONU sobre os objetivos desta missão no Haiti, pudemos ver que as metas estabelecidas não foram realmente alcançadas’, disse Robert Fabert, representante da Associação dos Trabalhadores e Povos do Caribe (ATPC), que também faz parte desta comissão. Em vez disso, os soldados da ONU são acusados de vários atos” (tradução do autor).

2.211 policiais, que foram empregados na assistência técnica à Polícia Nacional do Haiti e no apoio ao governo para combater o crime e a violência no país, conforme alegou a ONU.

Nos termos da resolução, o Conselho solicitou à Missão que apoiasse o processo político em andamento no país. Outro pedido feito pela ONU foi para que os Estados vizinhos e os países da região entrassem em coordenação com a MINUSTAH para fortalecer a colaboração com o governo haitiano, a fim de coibir o tráfico transfronteiriço de seres humanos, o tráfico de drogas e o tráfico de armas.

Em relação à parceria MINUSTAH e governo haitiano, a ONU reforçou que pretendia estabelecer laços mais estreitos com as autoridades nacionais, objetivando promover e defender os direitos humanos, proteger os direitos de mulheres e crianças, além de fornecer treinamento em direitos humanos aos membros da polícia e servidores prisionais. Conforme matéria publicada no *Le Nouvelliste* de 14 de outubro de 2009: “*Un nouveau mandat à la MINUSTAH*”⁹⁵ (“Um novo mandato para a MINUSTAH”).

2. 3 TERREMOTO E EPIDEMIA DE CÓLERA

2.3.1 Cada vez mais fartos

No início de 2010 a situação no Haiti não era nada favorável à MINUSTAH. Manifestavam-se diversas críticas de diferentes segmentos da sociedade haitiana e da comunidade internacional em relação à ineficiência da Força de Paz, além das acusações de abusos sexuais cometidos por militares integrantes da missão. Além disso, também havia denúncias sobre as prováveis intenções imperialistas dos interventores, principalmente do Brasil. No entanto, o pior estava por vir.

Em 12 de janeiro de 2010, um grande terremoto devastou o Haiti, atingindo principalmente a região metropolitana de Porto Príncipe. A infraestrutura que já era bastante frágil no país ruiu. A princípio, o governo haitiano estimou 316 mil mortos, depois revisou para 220 mil, número de vítimas que a ONU adotou como oficial.

Na catástrofe, morreram 21 brasileiros, entre eles a médica Zilda Arns, fundadora da pastoral da criança. As perdas de funcionários civis da ONU também foram grandes. Em 16 de janeiro de 2010, o *Le Nouvelliste* publicou “*Haiti-Séisme: Edmond Mulet reprend la*

⁹⁵Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/75137/un-nouveau-mandat-a-la-minustah>>. Acesso em: 09/07/2021.

direction de la MINUSTAH”⁹⁶ (“Terremoto no Haiti: Edmond Mulet assume a administração da Minustah, Hédi Annabi ainda está desaparecido”). A matéria noticiou que o Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki Moon, havia despachado para Porto Príncipe seu ex-representante no Haiti, Edmond Mulet, número dois na hierarquia da estrutura de operações de manutenção da paz da Nações Unidas, para assumir o controle da MINUSTAH.

Três dias após o terremoto, as informações transmitidas pelo porta-voz do Secretário-Geral das Nações Unidas, Martin Nesirky, registraram 37 mortos e 330 desaparecidos. Entre eles estavam os dois principais funcionários da missão: o representante especial do Secretário-Geral, Hédi Annabi, e seu vice Luiz Carlos da Costa. Os hotéis localizados nos bairros de Christopher e Montana, onde os funcionários da ONU trabalhavam e moravam, foram destruídos durante o terremoto. Além disso, um prédio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) também desabou.

O abalo sísmico devastou as edificações do país, inclusive a precária estrutura carcerária, que também desmoronou, possibilitando a fuga de inúmeros criminosos, o que obrigou a MINUSTAH e o Batalhão Brasileiro de Força de Paz a começar do zero a sua luta contra as gangues de Porto Príncipe.

Neste contexto, de mais absoluto caos, a porta-voz da ONU em Genebra, Corinne Momal-Vanian, afirmou que todas as atividades de segurança voltadas à prisão de criminosos e líderes de gangues que haviam sido desenvolvidas pelo Batalhão Brasileiro nas áreas mais conturbadas da capital foram perdidas. No entanto, a porta voz garantiu que a situação era estável, apesar de alguns incidentes isolados, acrescentando que segurança sempre foi um problema em certas áreas de Porto Príncipe.

Após os sérios prejuízos na estrutura de suporte da ONU, que ruiu com o terremoto, o jornal *AlterPresse* publicou a matéria, em 19 de janeiro de 2010, intitulada: “*Haiti-Séisme : Stratégie de chaos pour une invasion*”⁹⁷ (“Haiti-Terremoto: Estratégia do Caos para uma Invasão”), na qual o autor José Pedro Vivas defendeu que o terremoto do dia 12 de janeiro de 2010 foi um excelente pretexto para justificar mais uma invasão realizada através das forças armadas americanas, sem a intermediação das Nações Unidas. Além disso, embora reconhecendo que o Brasil prestava bons serviços ao Haiti, também teceu críticas:

96Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/77853/haiti-seisme-edmond-mulet-reprend-la-direction-de-la-minustah>>. Acesso em: 08/08/2020.

97Disponível em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article9196#.YSJHSt9v_IU>. Acesso em: 26/05/2020.

El terremoto que arrasó Puerto Príncipe el 12 de enero pasado ofrece una pretexto inmejorable para justificar la enésima invasión y ocupación militar del Haití, ya ocupado desde 2004, pero ahora directamente por los principales promotores de esa ocupación, sin intermediarios. Motivos, políticos y estratégicos, no faltan. De paso, serviría para escarmentar al principal intermediario de la actual ocupación, Brasil, que a pesar de los buenos servicios prestados en Haití no se ha portado de la misma forma en relación al reciente golpe de Estado en Honduras.⁹⁸

No texto também estava claro o receio de uma nova ocupação militar, não humanitária, dos norte-americanos, em razão de diversos elementos indicativos, tais como: 1) atritos com o então ocupante, “Missão de Paz da ONU”, principalmente com o Brasil, que detinha o comando militar e maior efetivo de tropas; 2) sinais de possíveis prejuízos que a ação militar estadunidense pudesse causar à ajuda humanitária, ocasionando uma situação ainda mais caótica; 3) divulgação de uma campanha midiática pejorativa retratando apenas a imagem de caos e violência, para convencer a opinião pública de que a única opção seria a ocupação militar.

Vivas justificou tal receio dizendo que a situação humanitária no Haiti se agravava devido à falta de coordenação nos resgates das vítimas que estavam sob a incumbência da ONU, mas que aparentemente haviam sido anuladas pelas ações dos Estados Unidos, que ocuparam, desde o início, o aeroporto da capital haitiana, um dos pontos-chave para a coordenação das tarefas de resgate.

Sem a liderança da ONU e com um Estado haitiano falido, não sobrava ninguém que pudesse direcionar com eficiência os esforços de resgate, deixando a cargo das ONGs a tarefa de administrar os recursos internacionais que seriam empregados na execução de muitas das tarefas que deveriam ser feitas pelo governo haitiano. Além disso, as ações de resgate não eram uma prioridade para o governo americano, devido ao envio de 3.500 soldados da 82ª Divisão Aerotransportada de Fort Bragg, cuja missão era obscura, conforme a explicação da Secretária de Estado Hillary Clinton, que assegurou que as forças dos EUA permaneceriam no Haiti "hoje, amanhã e previsivelmente no futuro".

José Vivas argumentou que o governo americano criou atritos diplomáticos com o Brasil, país que comandava a MINUSTAH, indicando que a participação dos EUA no Haiti ia

98 “El terremoto que asoló a Puerto Príncipe el 12 del año pasado ofrece un pretexto increíble para justificar la enésima invasión y ocupación militar de Haití, que está ocupada desde 2004, pero ahora directamente por los principales impulsores de esta ocupación, sin intermediarios. Motivos, políticos y estratégicos, no hay culpa. En paso, serviría para burlarse del principal intermediario de la actual ocupación, Brasil, que, a pesar de los buenos servicios prestados en Haití, no se ha comportado de la misma manera en relación al reciente golpe de Estado en Honduras.” (tradução do autor).

muito além da ajuda humanitária. O autor ainda comentou que até aquela data o Brasil havia cumprido com eficiência o papel que lhe foi atribuído:

Las fricciones diplomáticas con otros países, especialmente Brasil, que está al mando de las tropas de la ONU en Haití, no tardaron en manifestarse, lo que parece indicar también que la “misión” norteamericana en Haití va mucho más allá de lo puramente humanitario. Hasta hoy Brasil había cumplido diligentemente con el papel que le fue designado en Haití. Sus tropas se dedicaban a controlar y, en ocasiones, aterrorizar a la población haitiana, especialmente a los más pobres, de una forma que ya habían perfeccionado en las favelas de Brasil.⁹⁹

O autor destacou ainda, que o jornalista Kim Ives, do jornal Haiti Liberté, em uma entrevista afirmou que a “suposta missão de paz da ONU no Haiti”, liderada pelos brasileiros, era extremamente mal vista pela população haitiana:

Como informa en una entrevista el periodista Kim Ives, de Haiti Liberté, la presunta misión de la paz de la ONU en Haití, liderada por brasileños, “es extremadamente mal vista [por la población haitiana]. La gente está harta y cansada de que se estén gastando millones en ella, de observar como los muchachos se la pasan dando vueltas por todas partes dentro de tanques gigantescos y apuntándoles con los fusiles. Y es que, como sabes, esta es una fuerza cuya misión es la de someter al país.¹⁰⁰

Outra consideração que foi feita na matéria dizia que era de se esperar que os EUA entrassem em conflito com o Brasil, pois a intenção dos primeiros era assumir um papel militar no país, suposição reforçada com palavras do Secretário-Geral da ONU, Ban Ki-moon, proferidas em 14 de janeiro de 2010: “O conflito não demorou a chegar, seria absolutamente desejável que todas essas forças fossem coordenadas pelo comandante da MINUSTAH”.

Contudo, o governo dos EUA não aceitou essa proposta, argumentando que suas forças iriam trabalhar em conjunto com a liderança da MINUSTAH, e nada mais: "Atuaremos sob o comando dos EUA em apoio à missão da ONU, em nome do governo e do povo haitiano", teria declarado Hillary Clinton, ainda conforme a matéria.

99 “Os atritos diplomáticos com outros países, especialmente o Brasil, que comanda as tropas da ONU no Haiti, não demoraram a se manifestar, o que também parece indicar que a “missão” dos Estados Unidos no Haiti vai muito além do puramente humanitário. Até hoje, o Brasil cumpriu com diligência o papel que lhe foi atribuído no Haiti. Suas tropas se dedicaram a controlar e, às vezes, aterrorizar a população haitiana, principalmente a mais pobre, de uma forma que já haviam aperfeiçoado nas favelas do Brasil”. (tradução do autor).

100 “Como relata em entrevista o jornalista Kim Ives, do Haiti Liberté, a suposta missão de paz da ONU no Haiti, liderada por brasileiros, ‘é extremamente mal vista pela população haitiana’. As pessoas estão fartas e cansadas disso, milhões estão sendo gastos nela, vendo os meninos andarem por toda parte dentro de tanques gigantescos e apontando seus rifles para eles. E, como você sabe, esta é uma força cuja missão é subjugar o país”. (tradução do autor).

No entanto, reclamações em relação à coordenação anunciada pelos americanos foram demonstradas através da reação do então ministro da Defesa brasileiro, Nelson Jobim, ao criticar a forma como os EUA ocuparam o aeroporto de Porto Príncipe. Segundo ele, a decisão foi tomada pelos americanos sem que nenhuma consulta fosse feita aos países membros da MINUSTAH:

Como esa “coordinación” está funcionando se puede deducir de la reacción del ministro de defensa de Brasil, Nelson Jobim, criticando el control “unilateral” de EEUU sobre el aeropuerto de Puerto Príncipe, que según él se tomó sin que otros países fueran consultados, y que estaría entorpeciendo el aterrizaje de aviones de la FAB (Fuerza Aérea Brasileña) cargados de personal y mantenimientos. Como indica el diario brasileño Folha de São Paulo, esa situación “ha causado un pequeño problema diplomático entre Brasil y EEUU. Además de entorpecer el aterrizaje de los aviones de la FAB, los brasileños se quejan de que el control norteamericano habría impedido el acceso de la MINUSTAH (Misión de paz de la ONU en el Haití, liderada por brasileños) al local el aeropuerto”¹⁰¹

A matéria também reportou que os pilotos da FAB reclamavam que o controle de tráfego aéreo dos Estados Unidos, no aeroporto da capital haitiana, teria impedido o acesso da MINUSTAH à pista de pouso, fato que contrastava com as palavras de Hillary Clinton dirigidas ao ministro Jobim, que asseguravam que as forças armadas dos EUA desempenhavam funções essencialmente humanitárias, sem interferir na segurança pública do país. No entanto, as tais funções humanitárias foram comandadas não por agências civis do governo americano, mas pelo Pentágono, através do SOUTHCOM (Comando Sul dos Estados Unidos), cuja principal missão é conduzir operações militares e promover a cooperação de segurança para atingir os objetivos estratégicos dos Estados Unidos.

José Vivas denunciou também que a ajuda humanitária não pôde chegar às vítimas em razão de uma intenção deliberada dos militares americanos de provocar um estado de caos e violência para justificar o aparato bélico empregado, e que suprimentos médicos vitais, alimentos, produtos químicos, purificadores de água e veículos estavam se acumulando no aeroporto de Porto Príncipe.

Vivas explicou que em consequência disso, a mídia internacional registrou moradores da capital Porto Príncipe clamando por socorro dias após a catástrofe. A matéria

101“O modo como essa "coordenação" está funcionando pode ser medida de acordo com a reação do ministro da Defesa brasileiro, Nelson Jobim, ao criticar o controle "unilateral" dos Estados Unidos sobre o aeroporto de Porto Príncipe, que segundo ele foi tomado sem que outros países fossem consultados, e que estaria dificultando o pouso de aviões da FAB (Força Aérea Brasileira) carregados de pessoal e de manutenção. Como indica o jornal brasileiro Folha de S. Paulo: esta situação “gerou um pequeno problema diplomático entre o Brasil e os Estados Unidos, pois os EUA teriam impedido o acesso da MINUSTAH (missão de paz da ONU no Haiti, comandada por brasileiros) ao aeroporto local”. (tradução do autor).

também apresentou a justificativa dada pelo secretário de defesa dos Estados Unidos de que “razões de segurança” estariam impedindo a distribuição da ajuda humanitária. O autor também externou a suspeita de que a ocupação americana do aeroporto foi iniciada logo após o desembarque de 30 médicos cubanos que foram enviados para ajudar os quase 300 compatriotas que já estavam no Haiti há mais de um ano.

Para findar, a matéria reforçou a suspeita de que os meios de comunicação americanos retrataram o Haiti como um barril de pólvora prestes a explodir para pretexto uma macabra estratégia de caos que justificaria uma invasão e ocupação nada humanitária.

Apesar das dificuldades geradas pelo desacerto entre EUA e MINUSTAH, o governo brasileiro agiu com celeridade para socorrer as vítimas do furacão, com a chegada ao aeroporto Aeroporto Internacional Toussaint Louverture de um Boeing 767 da Força Aérea Brasileira com uma carga de 120 barracas, que atenderiam 700 desabrigados. Como foi noticiado na matéria do jornal *Le Nouvelliste*: “Les remous de l’actualité du samedi 15 au lundi 17 octobre 2016.”¹⁰²

Além disso, a mesma matéria ainda informou que a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), do Ministério das Relações Exteriores, tinha doado 250 mil dólares ao Programa Mundial de Alimentos (PMA), destinado ao Haiti. (“A turbulência das notícias de sábado, 15 a segunda-feira, 17 de outubro de 2016”),

2.3.2 Um legado insalubre e exigências de retirada

O Haiti ainda não havia se recuperado do traumático terremoto, quando veio à tona o pior legado da MINUSTAH. Em outubro de 2010 crises de diarreia aguda e vômitos começaram a acometer moradores da zona rural da região de Mirebalais, região central do país, distante 55 km de Porto Príncipe. Conforme publicado na matéria “*Rép. Dominicaine-Choléra: Trois nouveaux décès en une semaine*”¹⁰³ (“Rep. Dominicana-Cólera: Três novas mortes em uma semana”) de 17 de junho de 2011 do *AlterPresse*:

Le cholera est apparu sur l’île en octobre 2010 et s’est propagé depuis une base de casques bleus située à Mirebalais (est d’Haiti). En huit mois, plus de 5 mille 400

102Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/164407/les-remous-de-lactualite-du-samedi-15-au-lundi-17-octobre-2016>>. Acesso em: 02/06/2021.

103Disponível em: <<http://www.alterpresse.org/spip.php?article11182#.YSWcxI5KjIU>>. Acesso em: 02/10/2020.

personnes ont péri du côté d’Haïti où l’épidémie présente actuellement une recrudescence.¹⁰⁴

Em novembro de 2010 a população haitiana já protestava contra os capacetes azuis, acusando-os de serem culpados por introduzir a cólera no país, que em apenas um mês já havia matado 1186 pessoas, como noticiado pelo *AlterPresse*, em 20 de novembro de 2010: “*Haiti-Choléra/MINUSTAH : Les casques bleus indésirables*”¹⁰⁵ (“Haiti-Cólera/MINUSTAH: Os capacetes azuis indesejáveis”). Nas manifestações, os populares cobravam a saída imediata da Missão de Paz.

Após as experiências traumáticas do terremoto e do surto de cólera, as notícias acerca da segurança voltaram à tona nas manchetes jornalísticas, como na publicação do *Le Nouvelliste*, com o título “*La MINUSTAH doit reprendre à zéro sa lutte contre les gangs en Haïti*”¹⁰⁶ (“MINUSTAH deve começar do zero a luta contra gangues no Haiti”), postada em 12 de fevereiro de 2012.

Em 3 de fevereiro de 2012, o *Alterpresse* publicou a matéria “*Haïti-MINUSTAH: Un retrait total exigé de la présidente brésilienne Dilma Roussef*”¹⁰⁷ (“Haiti-MINUSTAH: Exigida retirada total da presidente Dilma Roussef”), noticiando que em sua visita oficial ao Haiti a presidenta brasileira havia recebido uma carta aberta do movimento chamado *Mobilizasyon Pou Dedomaje Viktim Kolera komodevik* (Coletivo de Mobilização pela Indenização às Vítimas do Cólera)¹⁰⁸, que exigia a retirada imediata dos capacetes azuis e, em particular, das tropas brasileiras, em sinal de respeito à soberania nacional dos povos.

Diversas organizações brasileiras também assinaram o manifesto, tais como: o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), a Central Sindical e Popular Conlutas (CSP-Conlutas), além da a Brigada Popular de Minas Gerais, entre outras, que se posicionaram contra a participação do Brasil na MINUSTAH. O movimento reforçou que o dinheiro que mantinha os militares na missão poderia ser revertido em educação, saúde e

104 “A cólera apareceu na ilha em outubro de 2010 e se espalhou de uma base pacificadora em Mirebalais (leste do Haiti). Em oito meses, mais de 5 mil 400 pessoas morreram no Haiti, onde a epidemia está aumentando” (tradução do autor).

105Disponível em: <<http://www.alterpresse.org/spip.php?article10276#.YRR2h4hKjIU>>. Acesso em: 05/02/2020.

106Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/78268/la-minustah-doit-reprendre-a-zero-sa-lutte-contre-les-gangs-en-haiti>>. Acesso em: 02/05/2021

107Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article12321#.YRboAUBv_IV>. Acesso em: 02/05/2021.

108Criado em setembro de 2011, o Le Komodevik reúne organizações sindicais, populares e estudantis. Ele organiza várias atividades de mobilização contra a presença da Minustah e pleiteia a indenização das vítimas do cólera.

habitação para o povo haitiano. A carta publicada pelo *AlterPresse* ainda denunciou inúmeros casos envolvendo a MINUSTAH que alarmaram a opinião pública haitiana:

La lettre évoque à l'attention de la présidente brésilienne plusieurs cas qui ont alarmé l'opinion publique haïtienne : la pendaison du jeune Gérald Jean Gilles au Cap-Haïtien en août 2010, la violation de l'espace universitaire de la faculté d'ethnologie suivie de l'arrestation de l'étudiant Mathieu Junior le 24 mai 2010, le passage à tabac de 3 jeunes par des brésiliens et retrouvés à Titanyen (au nord de la capitale) le 14 décembre 2010 et le viol du jeune Johnny Jean par des soldats uruguayens à Port-salut (Sud).¹⁰⁹

O manifesto foi entregue após a presidente Dilma anunciar em 1º de fevereiro de 2012 a retirada de 300 militares, entre os 2.200 soldados brasileiros pertencentes à MINUSTAH. O Komodevik ainda apontou que as tropas brasileiras estavam sendo usadas em defesa dos interesses das corporações transnacionais que exploravam incansavelmente os trabalhadores do Haiti.

Mesmo após as severas críticas, o periódico informou que Dilma Rousseff defendeu que a Minustah era uma missão de paz de cooperação e amizade.

Em 15 de março de 2012, também no *Le Nouvelliste*, foi publicada uma importante matéria sob o título "*Insécurité/Gouvernement démissionnaire La MINUSTAH maintenant préoccupée*"¹¹⁰ ("Insegurança/ Governo resignado A MINUSTAH agora preocupada"), informando que em 2012 o chefe civil da MINUSTAH, Mariano Fernández Amunátegui, manifestou preocupação com o aumento da insegurança no país. Ainda segundo a matéria, Fernández Amunátegui discordou das afirmações do presidente haitiano Michel Martelly, que havia dito "que tudo estava calmo e estável no país". Amunátegui apontou situação contrária, defendendo inclusive que a ausência de um governo estaria na raiz da situação: "Quando não há governo, a violência e a insegurança aumentam, e isso diminui o crescimento econômico".

No entanto, Mariano Fernandez reforçou que "a população haitiana podia contar com a MINUSTAH para sua segurança". O secretário ainda garantiu que a missão iria cooperar, por mais um mandato com a Polícia Nacional Haitiana para combater a insegurança e a violência em algumas áreas do Haiti. A Rede Nacional de Defesa dos Direitos Humanos

109“A carta chama a atenção do presidente brasileiro vários casos que têm alarmado a opinião pública haitiana: o enforcamento do jovem Gerald Jean Gilles em Cap-Haitien em agosto de 2010, a violação do espaço universitário da faculdade de etnologia seguida da prisão de o estudante Mathieu Junior em 24 de maio de 2010, o espancamento de três jovens por brasileiros e encontrado em Titanyen (norte da capital) em 14 de dezembro de 2010 e o estupro do jovem Johnny Jean por soldados uruguaiois em Port-salut (Sul)”(tradução do autor).

110Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/103453/la-minustah-maintenant-preoccupee>>. Acesso em: 02/05/2021.

(RNDDH) teria apontado que no período de 1º de janeiro a 14 de março de 2012 ocorreram 147 homicídios, dos quais 130 foram ocasionados por armas de fogo.

Nessa mesma matéria, o secretário observou ainda que a comunidade internacional estava preocupada não apenas com o agravamento da violência, mas também com os baixos índices do desempenho econômico do país. De acordo com as explicações de Amunátegui, as previsões estatísticas da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL) previam um crescimento de 10% para o Haiti. No entanto, após vários meses sem governo, o crescimento real do país foi de apenas 4,5%. Para o ano de 2012, as projeções estimavam uma taxa de crescimento de 8%.

Em meio a um clima tenso ocasionado pela falta de segurança, em 27 de junho de 2012, o jornal *Haiti en Marche* afirmou que militares brasileiros haviam invadido a Faculdade de Letras de Porto Príncipe no dia 18 daquele mês. O periódico apresentou as palavras do reitor da Universidade Estadual do Haiti (EUH), Jean Vernet Henry:

C'est une provocation car, en plus du fait que l'espace universitaire reste et demeure inviolable, rien ne justifiait la présence des casques bleus de l'ONU dans les parages de ladite faculté, vu que la Fasch se situe au bout d'une ruelle d'une zone résidentielle. C'est une provocation que nous ne pouvons accepter, a-t-il fait savoir, redisant que la présence des casques bleus est inacceptable dans un espace universitaire.¹¹¹

Jean Henry pediu que os alunos mantivessem a calma e não cedessem às provocações dos soldados brasileiros. O jornal *Haiti en Marche* ainda informou que o coordenador da Faculdade de Ciências Humanas exigiu esclarecimentos através de um comunicado à ONU sobre as três tentativas dos mantenedores da paz de penetrarem o espaço inviolável da universidade, perturbando os exames intercalares e uma assembleia mista que estava em curso, conforme publicado na matéria “*Tentative de soldats brésiliens de violer l'espace de la faculté des sciences humaines*”¹¹² (“Tentativa dos soldados brasileiros de violar o espaço da faculdade de ciências humanas”).

111“Esta é uma provocação porque, para além do facto de o espaço universitário permanecer inviolável, nada justifica a presença de forças de paz da ONU nas proximidades do referido corpo docente, uma vez que o Fasch está localizado no final de um beco numa zona residencial. É uma provocação que não podemos aceitar” (tradução do autor).

112Disponível

<https://haitienmarche.com/index.php?option=com_content&view=article&id=6980:tentative-de-soldats-bresiliens-de-violer-lespace-de-la-faculte-des-sciences-humaines&catid=15&Itemid=280>. Acesso

em:

em:

23/02/2021.

Mesmo após as inúmeras reclamações sobre a falta de segurança e de atitudes impróprias dos capacetes azuis publicadas pela imprensa haitiana, no dia 07 de setembro de 2012 o *Le Nouvelliste*¹¹³ publicou a matéria “*Ban Ki moon recommande le renouvellement du mandat de la MINUSTAH*”¹¹⁴ (“Ban Ki Moon recomenda a renovação do mandato da MINUSTAH”), segundo a qual o secretário-geral das Nações Unidas teria apresentado no dia 31 de agosto um relatório sobre a situação no Haiti nos últimos seis meses ao Conselho de Segurança.

De acordo como jornal, o secretário defendeu a renovação do mandato da Missão Paz por mais um ano. A defesa da permanência era pautada, sobretudo, na incapacidade de a Polícia Nacional do Haiti garantir a segurança da população, acreditando que os militares e a polícia da ONU desempenhavam um papel essencial na manutenção da segurança e na estabilidade do país: “A Polícia Nacional continua ganhando eficiência, mas ainda não é capaz de garantir totalmente a segurança interna em todo o país”, teria afirmado Ban Ki Moon, segundo o *Le Nouvelliste*.

Durante o período abrangido pelo relatório, Ban Ki Moon teria argumentado que a situação de segurança havia permanecido relativamente estável, embora pontuada por distúrbios civis esporádicos motivados principalmente pelas demandas socioeconômicas e pela instabilidade causada por elementos das extintas Forças Armadas Haitianas.

Contudo, de acordo com o jornal, o relatório mostrou um forte aumento no número de homicídios ocorridos nos últimos seis meses, com uma média de 99 assassinatos por mês de março a julho 2012, em comparação às 75 mortes no mesmo período de 2011. O mês de julho, considerado o mais violento desde o terremoto de 12 de janeiro de 2012, registrou um pico de 134 assassinatos. De março a julho de 2010, segundo o relatório, o número de sequestros caiu para uma média de dez por mês, em comparação com catorze casos durante o período correspondente do ano anterior.

O *Le Nouvelliste* também publicou que, segundo o relatório, a violência ainda estava concentrada em grandes áreas urbanas, principalmente na região metropolitana da capital Porto Príncipe e nas cidades densamente povoadas ao seu redor. No período analisado, 65% dos homicídios cometidos no Haiti ocorreram na capital, sendo que de 85% a 90% se deram

113Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/108822/ban-ki-moon-recommande-le-renouvellement-du-mandat-de-la-minustah>>. Acesso em: 10/08/2020.

114Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/108822/ban-ki-moon-recommande-le-renouvellement-du-mandat-de-la-minustah>>. Acesso em: 10/08/2020.

em bairros sensíveis, como Bel Air, Fort National e Martissant, Cité Soleil, Carrefour e Croix-des-Bouquets, regiões que estavam sob a responsabilidade das tropas brasileiras.

Os dados levantados pela MINUSTAH e PNH demonstravam que as guerrilhas continuavam promovendo a insegurança nessas áreas, cometendo crimes de toda a sorte, sequestros, roubos, tráfico de drogas e de armas, extorsão, até lutando pelo controle de território. Apesar da onda de violência que assolava a capital, o Secretário-Geral da ONU, ainda de acordo com a mesma matéria, teria relatado que as tropas da ONU ocuparam as dez regiões do país que estavam sob domínio de membros das antigas forças armadas.

Em 16 de outubro de 2013, o jornal *Haiti Liberté* publicou matéria intitulada “*Comment la délégation internationale fait pression sur les responsables de l'ONU pour qu'ils mettent fin à l'occupation: la MINUSTAH envisage désormais un retrait possible après 2016, selon un responsable*”¹¹⁵ (“Como a delegação internacional pressiona os funcionários da ONU para acabar com a ocupação: a MINUSTAH agora vê uma possível retirada após 2016, afirma responsável”). Nela, são apresentadas as críticas da coordenadora do comitê anti-MINUSTAH brasileiro, Barbara Coralles, que tinha afiliados em toda a América Latina, América do Norte e Europa.

Coralles afirmava que em 2004 o presidente George Bush propôs ao presidente Lula o comando das tropas da ONU no Haiti por apenas seis meses. No entanto, naquele momento, já haviam se passado mais de 10 anos. Neste contexto, a coordenadora brasileira questionava o motivo de a soberania do povo haitiano ainda estar sendo pisoteada.

Além de Coralles, a senadora haitiana Moïse Jean-Charles, segundo essa mesma matéria, destacou que o povo do Haiti, por meio de seus representantes eleitos, rejeitava veementemente a presença de tropas da ONU. Para ela, isso seria uma violação flagrante da Constituição haitiana e do Capítulo 7 da Carta da ONU. Ela também enfatizaria que o Haiti não estava em guerra, e que não existia qualquer motivo que justificasse a manutenção das tropas das Nações Unidas estacionadas em seu país:

Nous ne sommes pas en guerre. Comment pouvons-nous avoir des troupes des Nations Unies stationnées en Haïti ? Dans une résolution du Sénat, nous avons demandé le retrait de la MINUSTAH du pays et nous avons dit clairement : après le 28 mai 2014, la MINUSTAH doit quitter Haïti. C'est une forme de colonialisme moderne. Cela entrave notre autodétermination.¹¹⁶

115Disponível em: <<https://haitiliberte.com/as-international-delegation-pressures-un-officials-to-end-occupation-minustah-now-sees-possible-withdrawal-after-2016-official-says/>>. Acesso em: 17/08/2020.

116“Não estamos em guerra. Como podemos ter tropas das Nações Unidas estacionadas no Haiti? Em uma resolução do Senado, pedimos a retirada da MINUSTAH do país e dissemos claramente: depois de 28 de maio

A senadora ainda teria informado que havia uma resolução do Senado haitiano pedindo a retirada imediata da MINUSTAH, e que a intervenção da ONU era uma forma de colonialismo moderno que obstruía a autodeterminação do povo haitiano.

Em 2014, segmentos da sociedade haitiana que condenavam a presença das tropas da ONU no país dialogavam com representantes da sociedade brasileira, que também não apoiavam a intervenção de militares brasileiros no Haiti. A matéria intitulada “*Moïse Jean-Charles à l’assaut de la MINUSTAH*”¹¹⁷ (“Moïse Jean-Charles investindo contra a MINUSTAH”) relatou as denúncias e escândalos envolvendo a missão da ONU, além de cobrir a viagem do senador haitiano ao Brasil para unir forças na luta pela retirada dos vários contingentes no Haiti.

A notícia relatou também que o senador Moïse Jean-Charles havia se reunido com a representante do Partido dos Trabalhadores, Bárbara Corrales, entre outros políticos e representantes da sociedade brasileira contrários à participação do Brasil na MINUSTAH. De acordo com o jornal, o senador haitiano afirmava que centenas de estudantes do Brasil também defendiam a retirada das tropas nacionais da força de paz.

Ainda segundo o jornal, o presidente da Comissão de Assuntos Sociais da Câmara dos Deputados do Brasil teria assegurado ao senador haitiano que convenceria seus pares a exigir a retirada imediata das tropas brasileiras do Haiti. Esta proposta também era defendida pelo senador Eduardo Suplicy e pela senadora Ana Rita, presidente da Comissão de Direitos Humanos do Senado Brasileiro.

2.3.3 Avolumam-se as exigências de retirada das tropas (apesar do reconhecimento de certo auxílio por parte delas)

Em meio às críticas e reivindicações que exigiam a retirada imediata das tropas da ONU estabelecidas no Haiti, o jornal *AlterPresse* publicou em 29 de maio de 2014 a seguinte manchete: “*Haïti-Politique: Les 10 ans de la MINUSTAH, un échec, selon le Pati kan pèp la*”¹¹⁸ (“Haiti-Política: Os 10 anos da MINUSTAH, um fracasso, segundo o Pati kan pèp La”).

de 2014, a MINUSTAH deve estar fora do Haiti. É uma forma de colonialismo moderno. Está obstruindo nossa autodeterminação” (tradução do autor).

117Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/public/article/116302/moise-jean-charles-a-lassaut-de-la-minustah>>. Acesso em: 17/08/2020.

118Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article16510#.X7muS81KjIX>>. Acesso em: 08/08/2020.

A manchete discorreu sobre um relatório do Partido Político do Campo do Povo (Pati kan pèp La), que observava ter sido a MINUSTAH um verdadeiro fracasso, que durante os dez anos de ocupação não teria havido progresso significativo algum em relação à estabilidade e segurança do Haiti.

Ainda de acordo com o jornal, o porta-voz do partido, Camile Chamers, teria afirmado que a quantidade de drogas circulando em território haitiano havia aumentado, apesar da presença da força da ONU, o que constituía uma violação da Constituição haitiana. Chamers teria denunciado também que a MINUSTAH não contribuiu para a redução das violações dos direitos humanos:

"La MINUSTAH n'a pas essayé de réduire les violations des droits humains. Au contraire, cela a aggravé la situation, comme en témoignent les nombreux actes de viols des casques bleus contre des jeunes, l'apparition d'enlèvements et de choléra", s'est défendu sénateur.¹¹⁹

Segundo o texto, o partido político teria acusado os soldados da Força de Paz da ONU de serem os responsáveis pela introdução do vibrião da cólera no Haiti, conforme já havia sido comprovado pelas investigações científicas, e que a MINUSTAH nada fez para combater a doença. Além do mais, o dinheiro disponibilizado pela ONU permitiu apenas o apoio a 9% da população infectada, o que foi insuficiente para impedir as mais de oito mil mortes e a infecção de 700 mil pessoas. Em consequência, o Pati kan pèp reivindicou uma reparação e indenização imediata para as famílias de vítimas da cólera.

Outro ponto negativo elencado pelo partido, conforme o jornal, dizia respeito às eleições de 2010 e 2011, que foram controladas por estrangeiros. De acordo com o Pati kan pèp la, estas teriam sido as piores eleições realizadas desde a década de 1990:

Les élections de 2010-2011, contrôlées et manipulées de l'extérieur, ont été les pires depuis celles tenues en 1990, critique Pati kan pèp la. Ces élections, tenues sous la présidence de René Garcia Préval et permettant l'ascension du candidat Joseph Michel Martelly à la présidence du pays, ont montré un très faible taux de participation de l'électorat haitien, soit 17%.¹²⁰

119““A MINUSTAH não ajudou a reduzir as violações dos direitos humanos. Pelo contrário, fê-los piorar, como testemunham os numerosos atos de estupro de soldados da paz contra jovens, o aparecimento de sequestros e da cólera”, argumentou o senador” (tradução do autor).

120““As eleições de 2010-2011, controladas e manipuladas de fora, foram as piores desde as realizadas em 1990, crítica Pati kan pèp la. Estas eleições, realizadas sob a presidência de René Garcia Préval e permitindo a ascensão do candidato Joseph Michel Martelly à presidência do país, acusaram uma baixíssima taxa de participação do eleitorado haitiano, ou seja, 17%” (tradução do autor).

Além dos pontos negativos, o relatório apontou que a maioria da população haitiana rejeitava a presença da força da ONU, e que a considerava como a continuação da ocupação americana de 1915, com os mesmos mecanismos de controle e supervisão. O partido disse ao jornal que a Força da ONU ocupava todos os espaços estratégicos do país e também controlava as classes políticas com a intenção de perpetuar sua dominação. O Pati kan pèp la ainda sublinhou que a MINUSTAH desprezava os clamores do senado haitiano que várias vezes exigiu a sua saída.

Ainda nesta mesma matéria, o partido também contestava as justificativas da ONU, amparadas no capítulo 7, que justificavam a intervenção militar. A alegação era a de que no Haiti não havia guerra civil, genocídio e nem crimes contra a humanidade, os três elementos que legitimariam uma intervenção armada em qualquer país do mundo. No Haiti nada disso haveria.

O Pati kan pèp, conforme o jornal, encorajava todas as forças progressistas a lutarem pela saída da MINUSTAH alegando que esta força intervencionista não respeitava a soberania nacional. Com isso, o partido conclamava às organizações nacionais e internacionais, organizações de direitos humanos, parlamentares e cidadãos a continuarem exigindo a partida da ONU:

Le Pati kan pèp la encourage toutes les forces progressistes à lutter pour le départ de la Minustah, une force qui ne respecte pas la souveraineté nationale devant être basée, selon cette organisation politique, sur des intérêts stratégiques du pays. Des organisations nationales et internationales, des organismes de défense des droits humains, parlementaires, citoyennes et citoyens continuent d'exiger le retrait de la Minustah.¹²¹

Rebatendo as críticas de opositores da participação das tropas brasileiras na MINUSTAH, o governo brasileiro enviou ao Haiti o então ministro da Defesa, Celso Amorim, que manifestou o interesse do Brasil em fortalecer a infraestrutura de defesa do Haiti. Como parte da visita, o ministro brasileiro se reuniu com as mais altas autoridades do país, incluindo o Presidente da República, Michel Martelly, e com o Ministro das Relações Exteriores do Haiti, Duly Brutus, entre outras personalidades.

Como consequência das conversações diplomáticas, a participação brasileira se tornou mais presente, como informado na matéria do *Le Nouvelliste* intitulado “Brazil

121“O Pati kan pèp incentiva todas as forças progressistas a lutarem pela saída da MINUSTAH, uma força que não respeita a soberania nacional por se basear, segundo esta organização política, nos interesses estratégicos do país. Organizações nacionais e internacionais, organizações de direitos humanos, parlamentares, cidadãos e cidadãos continuam a exigir a retirada da MINUSTAH” (tradução do autor).

supports the institutional enhancement military engineering in Haiti”¹²² (“Brasil apoia a engenharia militar de aprimoramento institucional no Haiti”) e publicado em 29 de maio de 2014, noticiando a visita ao Haiti do ministro da Defesa brasileiro.

De acordo com o jornal, as reuniões tiveram como objetivo principal o fortalecimento dos laços de cooperação entre os dois países. Em relação aos projetos da engenharia militar, Celso Amorim assinou um acordo com o chanceler Duly Brutus firmando os detalhes da cooperação técnica e científica para fortalecer as forças militares do Haiti, em especial o Corpo de Engenheiros Militares. Este receberia treinamento destinado ao alto comando e aos oficiais intermediários, que integrariam a futura corporação. Além das instruções, também estava prevista a compra de equipamentos de engenharia. Após a assinatura do acordo, o ministro Celso Amorim declarou:

La République d'Haïti connaît une période d'espoir après des années de troubles et de misère. Dans le cadre de cette coopération, nous convenons de la mise en œuvre de ce projet en Haïti pour soutenir les efforts de reconstruction du pays, nous avons également noté lors de notre visite les progrès réalisés par le gouvernement haïtien pour améliorer le climat de sécurité et de maintien de la paix en Haïti.¹²³

Por sua vez, o ministro Brutus afirmou que as atividades firmadas neste acordo faziam parte dos compromissos assumidos pelo presidente Martelly durante as eleições e reiterados pelo primeiro-ministro Laurent Lamothe em sua política de governo. A nota jornalística também destacou que o Brasil estava comprometido em ajudar o governo e o povo do Haiti a abrir caminhos para o desenvolvimento sustentável e autônomo. Além disso, também reconheceu que o Brasil foi o primeiro país a contribuir com o Fundo de Reconstrução do Haiti após o desastre de 12 de janeiro de 2010:

Une aide d'urgence supplémentaire de 350 millions de dollars a été décaissée après la tragédie du 12 janvier dans des domaines tels que l'agriculture, les infrastructures, l'éducation, l'environnement, la sécurité et la culture. Haïti reçoit un soutien massif des autorités brésiliennes qui tentent très efficacement de démontrer leur engagement envers le pays.¹²⁴

122Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/132034/brazil-supports-the-institutional-enhancement-military-engineering-in-haiti>>. Acesso em: 21/08/2020.

123“A República do Haiti está passando por um período de esperança significativa após anos de turbulência e miséria. Como parte dessa cooperação, concordamos com a implementação deste projeto no Haiti para apoiar os esforços de reconstrução do país, também observamos durante nossa visita o progresso feito pelo governo haitiano para melhorar o clima de segurança e manutenção da paz no Haiti” (tradução do autor).

124“Mais 350 milhões de dólares em ajuda de emergência foram desembolsados após a tragédia de 12 de janeiro em áreas como agricultura, infraestrutura, educação, meio ambiente, segurança e cultura. O Haiti recebe apoio maciço das autoridades brasileiras que estão tentando, de maneira muito significativa, demonstrar seu compromisso com o país” (tradução do autor).

Embora o foco da missão fosse a segurança, as tropas brasileiras, segundo o jornal, teriam dedicado parte considerável de seu esforço aos trabalhos humanitários. Os militares brasileiros teriam realizado Ações Cívico-Sociais (ACISOS), iniciativas que estavam fora dos planejamentos da ONU no Haiti.

Como reportado pelo *Le Nouvelliste* em 3 de julho de 2014, a matéria sob o título “*Opération des unités de la MINUSTAH et de la PNH à Cité Soleil*”¹²⁵ (“Operação das unidades MINUSTAH e PNH no Cité Soleil”) noticiou a participação dos efetivos brasileiros representados pelo Batalhão de Infantaria e pela Companhia de Engenharia, em conjunto com a PNH, de várias intervenções em Bellecourt, uma comunidade vulnerável da capital Porto Príncipe, objetivando combater as atividades de quadrilhas, prender criminosos procurados e ajudar o governo do Haiti a fortalecer o Estado de Direito.

O jornal também informou que em apoio às ações da Polícia Nacional e das Nações Unidas, os capacetes azuis fizeram um cordão de segurança em torno de Bellecourt, possibilitando à PNH realizar buscas e executar mandados judiciais em locais específicos, ações que foram desdobradas em 48 horas de patrulhas conjuntas ininterruptas, envolvendo militares e policiais da PNH.

Além das operações policiais militares, 1.300 habitantes locais tiveram acesso aos serviços prestados pelos militares brasileiros, incluindo atendimento médico, distribuição de água e kits odontológicos, sessões de cabeleireiro e entretenimento para crianças.

2.4. TÉRMINO E RETIRADA

2.4.1 Algumas despedidas

Em 2015, a ONU já sinalizava que o término da missão estava próximo. No dia 11 de março de 2015, o jornalista Patrick Saint Pré, do jornal *Le Nouvelliste*, publicou a matéria “*Des contingents de la MINUSTAH plient bagages*”¹²⁶ (“Missão de Manutenção da Paz – ONU: Contingentes da MINUSTAH fazem as malas”).

O texto noticiou que os militares argentinos e equatorianos estavam se despedindo da missão. O efetivo dos argentinos, que era de 561, já havia sido reduzido para setenta

125Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/lenouvelliste/article/132985/Operation-des-unites-de-la-MINUSTAH-et-de-la-PNH-a-Cite-soleil.html>>. Acesso em: 21/08/2020.

126Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/public/article/142345/des-contingents-de-la-minustah-pliant-bagages>>. Acesso em: 21/08/2020.

profissionais, grupo constituído por médicos e enfermeiros, que continuaram trabalhando no hospital, em uma estrutura leve e portátil. Os militares do Equador deixaram definitivamente o Haiti em 21 de abril daquele ano.

De acordo com o jornal, as decisões de retirada isolaram o Brasil, país que detinha o comando da MINUSTAH e também o único governo que não tinha previsão de reduções drásticas em seu pessoal militar, à época com 1.343 militares. O recorte jornalístico ainda sublinhou que o Ministério da Defesa do Brasil havia dito à imprensa chilena, *La Tercera*, que "o Brasil tinha um compromisso de longo prazo no Haiti", demonstrando que o envolvimento do governo brasileiro ia além da missão da ONU.

Em 17 de março de 2016, na matéria “*La Force d’occupation - MINUSTAH - en deuil!*”¹²⁷ (“A Força de ocupação - MINUSTAH - em luto!”) do periódico *Haiti Liberté*, o jornalista haitiano Thomas Peralte discorreu sobre a morte do comandante brasileiro da MINUSTAH, General José Luiz Jaborandy Jr, que faleceu em decorrência de um ataque cardíaco durante uma viagem de avião de Miami para o Brasil, na noite de 30 de agosto de 2015. A matéria questionou se a causa do infarto fulminante do comandante brasileiro não teria sido as eleições de 9 de agosto, durante as quais a MINUSTAH havia tomado uma postura completamente recuada.

A matéria também apresentou as condolências do Secretário-Geral da ONU Ban Ki-Moon, que emitiu as seguintes palavras: "O Secretário-Geral agradece ao General Jaborandy por sua liderança e sua dedicação em favor de Paz”,

A Embaixadora dos Estados Unidos no Haiti, Pamela White, também teria proferido palavras de conforto e reconhecimento pelos serviços prestados à ONU e ao Haiti, conforme publicado no jornal:

C'est avec une profonde tristesse que j'ai appris le décès du lieutenant-général José Luiz Jaborandy Jr. [...] Il était un partisan extrêmement important et efficace dans la coordination des efforts de la communauté internationale pour apporter stabilité et développement à Haïti. Le personnel de l'ambassade des États-Unis et moi-même tenions le général Jaborandy en très haute estime, sachant qu'on pouvait compter sur lui pour obtenir des conseils avisés et un soutien solide dans nos efforts conjoints. Sa mort est une grande perte pour le Brésil, pour Haïti et pour moi personnellement. Nous présentons nos sincères condoléances aux Nations Unies qui ont perdu un grand dirigeant, aux nombreux amis du général Jaborandy à travers le monde, et en particulier à sa famille, qui a subi ce terrible choc. qu'il repose en en paix.¹²⁸

127Disponível em: <<https://haitiliberte.com/la-force-doccupation-minustah-en-deuil-2/>>. Acesso em: 21/08/2020.

128 “É com profunda tristeza que soube da morte do Tenente General José Luiz Jaborandy Jr. [...] Ele foi um apoiador extremamente importante e eficaz na coordenação dos esforços da comunidade internacional para trazer estabilidade e desenvolvimento ao Haiti. A equipe da Embaixada dos Estados Unidos, e eu pessoalmente,

A Chefe civil da MINUSTAH, Sandra Honoré, afirmou que o general faria muita falta para todos aqueles que trabalharam com ele pela estabilidade do Haiti:

Depuis sa prise de fonction, le 15 mars 2014, le Lieutenant Général Jaborandy Jr. a beaucoup travaillé pour consolider la sécurité en Haïti. Il va beaucoup manquer à tous ceux qui ont travaillé avec lui sans relâche et avec abnégation pour la stabilité d'Haïti.¹²⁹

No mesmo texto, o periódico lembrou que além do Gen Jaborandy, outro comandante brasileiro havia falecido no cargo:

C'est le deuxième commandant de cette force qui a trouvé la mort dans des conditions qui ne sont pas totalement claires. Nous faisons référence au général Bacellar Urano Texeira Da Matta, 58 ans, qui avait été retrouvé mort dans la matinée du 7 janvier 2006 dans ses appartements à l'hôtel Montana à Port-au-Prince. Selon la thèse officielle, le général se serait suicidé d'une balle à la tête.¹³⁰

Para Peralte, a morte do general Bacellar ocorreu em um momento bastante crítico da intervenção, em virtude das exigências de setores da burguesia haitiana por mais segurança, além das críticas ao trabalho da força de paz da ONU, que era acusada de "tolerância" ou mesmo "cumplicidade" com certos grupos armados, em virtude da recusa deste general de agir com mais energia nas intervenções em Cité Soleil. Peralte também fomentou que havia rumores de que não foi suicídio, e sim um assassinato em uma situação de grande estresse ao qual general estaria sendo submetido para permanecer fiel ao capítulo 6 da Carta das Nações Unidas, que defendia preservar a paz, e não impô-la.

Passados cinco anos do fatídico terremoto de 2010 que devastou o país, as nações amigas do Haiti e instituições internacionais reverenciaram a memória dos mortos e

tínhamos a mais alta consideração pelo General Jaborandy, sabendo que poderíamos contar com ele para buscar conselhos salutares e forte apoio em nossos esforços conjuntos. Sua morte é uma grande perda para o Brasil, para o Haiti e para mim pessoalmente. Apresentamos as nossas sinceras condolências às Nações Unidas, que perdeu um grande líder, aos muitos amigos do General Jaborandy em todo o mundo e, especialmente, à sua família, que sofreu este terrível choque. Que ele descanse em paz” (tradução do autor).

129 “Desde que assumiu o cargo em 15 de março de 2014, o Tenente-General Jaborandy Jr. tem trabalhado muito para consolidar a segurança no Haiti. Ele fará muita falta para todos aqueles que trabalharam com ele incansavelmente e abnegadamente pela estabilidade do Haiti” (tradução feita pelo autor).

130 “É o segundo comandante desta força que morreu em condições que não são totalmente claras. Estamos nos referindo ao General Bacellar Urano Texeira Da Matta, 58, que foi encontrado morto na manhã de 7 de janeiro de 2006 em seus apartamentos no Hotel Montana em Porto Príncipe. Segundo a tese oficial, o general suicidou-se com uma bala na cabeça” (tradução feita pelo autor).

desaparecidos e exigiram que o governo haitiano resolvesse a crise política e mantivesse o apego à democracia.

Uma matéria de 13 de janeiro de 2015 do *AlterPresse* intitulada: “*Haiti-Séisme/5 ans: Entre solidarité internationale, mémoire et préoccupations démocratiques*”¹³¹ (“Haiti-Terremoto/5 anos: Entre a solidariedade internacional, a memória e as preocupações democráticas”) anunciava que o governo do Brasil havia rendido homenagens aos dezoito brasileiros que foram vítimas do terremoto, e pediu ao governo haitiano que mantivesse sólida a democracia e as instituições democráticas do país, convocando o povo haitiano a se manter unido em torno de um projeto de consolidação para que o país se tornasse próspero e democrático.

O governo brasileiro ainda pediu celeridade na retomada dos esforços em benefício da nação haitiana “à luz das regras democráticas, da constituição e da soberania nacional”. No entanto, o *AlterPresse* questionou se era viável falar em democracia em um contexto em que não havia soberania nacional, em razão da presença estrangeira em solo haitiano:

Le Brésil invite à trouver une "formule qui permettra la reprise rapide des efforts au bénéfice de la nation haïtienne" à la lueur des règles démocratiques, la constitution et la souveraineté nationale. Peut-on parler de souveraineté nationale avec la présence des forces militaires internationales sur le sol haïtien? ¹³²

2.4.2 A montanha e o rato

Após onze anos da chegada das tropas internacionais ao Haiti, a paz ainda não havia sido consolidada, a violência continuava a assolar o país. As gangues tão combatidas pelas tropas brasileiras no início da missão ainda aterrorizavam a população nas áreas que já haviam sido pacificadas. Estas, após o terremoto de 2010, com a fuga dos criminosos do Presídio Nacional que ruiu com o abalo sísmico, ainda eram o principal desafio da ONU no Haiti. Outro problema era a falta de controle na circulação de armas de fogo no país.

Em 26 de fevereiro de 2015, a matéria do *AlterPresse* com o título “*Haiti-Insécurité: La circulation non-contrôlée d’armes à feu est alarmante, selon Jilap et Pohdh*”¹³³ (“Haiti-Insegurança: A circulação descontrolada de armas de fogo é alarmante, segundo Jilap e

131Disponível em: <<http://www.alterpresse.org/spip.php?article17577#.YSEFmY5KjIU>>. Acesso em: 21/08/2020.

132“O Brasil pede que se encontre uma “fórmula que permita a rápida retomada dos esforços em benefício da nação haitiana” à luz das regras democráticas, da constituição e da soberania nacional. Podemos falar de soberania nacional com a presença de forças militares internacionais em solo” (tradução do autor).

133Disponível em: <<https://www.alterpresse.org/spip.php?article17633#.X7rep81KjIU>>. Acesso em: 21/08/2020.

Pohdh”)publicou os protestos do secretário executivo da Plataforma das Organizações Haitianas para a Defesa dos Direitos Humanos (POHDH), Antonal Mortimé.

Para ele, as mortes causadas por armas de fogo estavam em ascensão e não havia nenhum tipo de controle de armamento em vigor no Haiti. Essa informação foi confirmada pelos dados disponibilizados pelo Diretor-Geral da Polícia Nacional do Haiti, Godson Orélus, que informou circular ilegalmente no país em torno de 250 a 260 mil armas de fogo ilegais. A responsabilidade pelo descontrole ele atribui não só ao Estado, mas também a

[...] quelques potentats de la communauté internationale qui ont aussi leur part de responsabilité dans la situation d’insécurité qui sévit dans le pays à cause d’une absence de contrôle de la circulation des armes, indique le défenseur des droits humains. Le contrôle des frontières terrestres, maritimes et aériennes, la circulation des individus et des armes, la régularisation des compagnies de sécurité sont, entre autres, nécessaires pour remédier à ce phénomène.¹³⁴

Por sua vez, Rovelson Apollon, coordenador nacional de observação da Comissão Episcopal Justiça e Paz da Igreja Católica (Jilap), chamou a atenção, conforme essa mesma matéria, para os casos de sequestro e violência armada, principalmente entre gangues, que ressurgiram por causa da impotência da polícia. O jornal também noticiou que duas pessoas morreram nos bairros de Simon e Pelé (Cité Soleil), em Porto Príncipe, incluindo uma menina de 6 anos, vítimas de uma gangue chamada Baz.

Outros dados sobre a violência foram noticiados em 20 de março de 2015 pelo *AlterPresse*, na matéria "*Haiti-Insécurité: Environ 138 décès par balles entre janvier et mars, selon un bilan provisoire de JILAP : comment envisager les élections dans un tel climat de violences?*" ("Haiti-Insegurança: cerca de 138 mortes por arma de fogo entre janeiro e março, de acordo com um relatório provisório do JILAP: como imaginar as eleições nesse clima de violência?").

O periódico divulgou o levantamento da Comissão Episcopal de Justiça e Paz (JILAP) da Igreja Católica no Haiti, que informou que 1.136 pessoas foram vítimas de violência, sendo 942 pessoas alvejadas por disparos de armas de fogo em 2014 nos bairros de Cité Soleil, Simon Pelé e La Saline, entre outras áreas da região metropolitana de Porto Príncipe. Diante dos números expressivos da violência no Haiti, o Conselho de Segurança da

134 “[...] alguns potentados da comunidade internacional que também têm sua parcela de responsabilidade na situação de insegurança no país devido à falta de controle do fluxo de armas. O controle das fronteiras terrestres, marítimas e aéreas, a movimentação de indivíduos e armas, a regularização das empresas de segurança são, entre outras coisas, necessárias para remediar este fenômeno” (tradução do autor).

ONU decidiu em 08 de agosto de 2015 prorrogar o mandato da MINUSTAH por mais um ano.

Logo após o anúncio da prorrogação do mandato, o jornalista Jean Pharès Jérôme publicou, em 09 de outubro de 2015, no periódico *Le Nouvelliste*, uma matéria que trazia em seu título a seguinte indagação: “*Le mandat de la MINUSTAH renouvelé, faut-il s’en réjouir ?*” (“O mandato renovado da MINUSTAH, devemos celebrá-lo?”).

De acordo com Jérôme, a renovação do mandato da Missão de Paz da ONU não foi nenhuma novidade, muito menos uma surpresa, pois desde 2005 isso já havia se tornado um ritual, uma simples formalidade. No entanto, após onze anos de criação da Força de Paz, a estabilização do Haiti estava longe de ser uma realidade.

Contudo, o jornalista admitiu que a MINUSTAH ajudou a dismantelar algumas gangues que aterrorizaram a população e enfatizou que a maior parte do trabalho ainda precisava ser feito. Acrescentou ainda que as instituições haitianas não estavam devidamente fortalecidas para enfrentar a violência que assolava a sociedade haitiana, e que não havia previsão de quando os capacetes azuis solucionariam o problema, ou se a questão era passível de solução.

Em relação aos gastos, Jérôme afirmou que de 2004 até o dia 09 de outubro de 2015 não se tinha ideia de quanto dinheiro havia sido investido na MINUSTAH, e que a situação no Haiti ainda era bastante delicada:

On ne sait pas combien de temps il faudra à la Minustah pour y arriver si ce n’est pas une mission impossible. De 2004 à nos jours, on ne sait pas combien d’argent a été investi dans la Minustah. On ne sait pas combien de soldats et de policiers étrangers ont foulé notre sol. On ne sait pas combien d’experts de tout genre que notre instabilité a créés. Beaucoup de questions restent sans réponse. Une chose est cependant certaine: Haïti persiste dans l’instabilité politique alors que l’insécurité y reste un problème majeur. Pourtant, le débarquement de la Minustah en 2004 suscitait de grands espoirs. Certains pensaient que la communauté internationale allait en profiter pour corriger les erreurs commises après le coup d’Etat de 1991. 11 ans après, la montagne semble avoir accouché d’une souris. Eclaboussée par le scandale provoqué par la propagation du choléra en Haïti et des accusations de viol sur des mineurs et des femmes haïtiennes, la mission onusienne paraît être comme un élément du problème haïtien qu’un élément de solution.¹³⁵

135“Não sabemos quanto tempo a Minustah vai levar para chegar lá se não for uma missão impossível. De 2004 até os dias atuais, não se sabe quanto dinheiro foi investido na Minustah. Não se sabe quantos soldados e policiais estrangeiros pisaram em nosso solo. Não se sabe quantos especialistas de todos os tipos que nossa instabilidade criou. Muitas perguntas permanecem sem resposta. Uma coisa é certa, porém: o Haiti persiste em instabilidade política, enquanto a insegurança continua sendo um grande problema. No entanto, o desembarque da Minustah em 2004 trouxe grandes esperanças. Alguns pensaram que a comunidade internacional aproveitaria a oportunidade para corrigir os erros cometidos após o golpe de 1991. Onze anos depois, a montanha parece ter dado à luz um rato. Manchada pelo escândalo causado pela disseminação da cólera no Haiti e por acusações de

2.4.3 Ainda por cima um furacão

Em 04 de outubro de 2016, após a ONU decidir sobre a sua retirada definitiva, o país foi devastado pelo furacão Matthew. A notícia do jornalista Louis-Joseph Olivier, publicada pelo *Le Nouvelliste* em 06 de outubro de 2016, “*Matthew: La MINUSTAH promet son soutien à l'État haïtien*”¹³⁶ (“Matthew: MINUSTAH promete apoio ao Estado haitiano”), afirmava que a chefe da missão, Sandra Honoré, apoiaria as autoridades haitianas em seus esforços para avaliar a extensão dos danos causados pelo furacão Matthew, que afetou seriamente a região sul do Haiti, em particular os departamentos de Grand'Anse e Sul.

Ainda segundo o jornalista, o governo haitiano estimou que pelo menos 350.000 pessoas precisavam de assistência humanitária imediata, e que os números iriam aumentar à medida que as avaliações fossem concluídas. As autoridades também informaram que mais de 15.600 pessoas foram evacuadas e quase 1.900 casas foram inundadas.

O acesso e a comunicação em áreas mais afetadas continuavam extremamente limitados. O Programa Mundial de Alimentos, a Organização Mundial de Saúde e a UNICEF - United Nations International Children's Emergency Fund (Fundo Internacional de Emergência das Nações Unidas para a Infância), bem como as ONGs parceiras, garantiram seu apoio às principais necessidades de abrigo, acesso à água, saneamento e ajuda alimentar, afirmou Honoré, conforme a matéria.

No ano seguinte ao furacão, as intenções das Nações Unidas de extinguir a MINUSTAH voltaram a ser postas em prática. Isso foi o que noticiou uma matéria de 02 de fevereiro de 2017 do *Le Nouvelliste*,¹³⁷ na matéria: *Nomination de Mme Page comme représentante spéciale adjointe du Secrétaire général (État de droit) à la MINUSTAH*, (Nomeação da Sra. Page como Representante Especial Adjunta do Secretário-Geral - Estado de Direito - na MINUSTAH), em que o Subsecretário-Geral das Operações de Manutenção da Paz das Nações Unidas, Hervé Ladsous, declarou que acreditava que o clima de segurança do país tinha melhorado significativamente e que já se poderia dar início à retirada gradual das tropas da ONU. Contudo, Ladsous salientou que cabia ao Conselho de Segurança decidir sobre a

estupro de menores e mulheres haitianas, a missão da ONU parece ser parte do problema haitiano e não da solução” (tradução do autor).

¹³⁶Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/164064/matthew-la-minustah-promet-son-soutien-a-letat-haitien>>. Acesso em: 23/08/2020.

¹³⁷Disponível em: <[https://lenouvelliste.com/article/168034/Nomination%20de%20Mme%20Page%20comme%20repr%C3%A9sentante%20sp%C3%A9ciale%20adjointe%20du%20Secr%C3%A9taire%20g%C3%A9n%C3%A9ral%20\(%C3%89tat%20de%20droit\)%20%C3%A0%20la%20MINUSTAH](https://lenouvelliste.com/article/168034/Nomination%20de%20Mme%20Page%20comme%20repr%C3%A9sentante%20sp%C3%A9ciale%20adjointe%20du%20Secr%C3%A9taire%20g%C3%A9n%C3%A9ral%20(%C3%89tat%20de%20droit)%20%C3%A0%20la%20MINUSTAH)>. Acesso em: 23/08/2020.

retirada da MINUSTAH. O subsecretário-geral acrescentou que a situação da segurança no país estava relativamente aceitável naquele momento, se comparada aos anos anteriores.

Seguindo o cronograma de desmobilização gradual estabelecido por Hervé Ladsous, o Brasil também planejava a sua retirada, como foi apontado pelo jornal *Haiti en Marche*, que noticiou “*Le Brésil envisage un retrait de ses casques bleus en Haïti*”¹³⁸ (“Brasil planeja retirar seus pacificadores do Haiti”).

A matéria publicou que o Ministro da Defesa brasileiro, Celso Amorim acreditava que a missão brasileira chegava ao fim após o estabelecimento da democracia e o aumento do crescimento econômico do Haiti:

Le Brésil met fin à 13 ans de présence militaire en Haïti, qui débute après des troubles politiques qui conduiront au départ du pays du président constitutionnel Jean Bertrand Aristide. Le ministre brésilien de la Défense, Celso Amorim, estime que le bilan de la mission de 13 ans est "extrêmement positive" et qu'aujourd'hui, la mission brésilienne quitte, selon lui, un pays pacifié, stable et qui a pu organiser des élections libres et démocratiques, en toute sécurité.¹³⁹

O *Haiti en Marche* afirmou que, com essa decisão, Amorim assumia uma nova estratégia em relação ao Haiti. Isso porque, quando chefe da diplomacia brasileira no mandato do presidente Lula, o ministro havia sido favorável ao engajamento militar do Brasil, convencendo na época o seu presidente. O jornal ainda afirmou que o novo ministro da Defesa brasileiro, mesmo antes de assumir o cargo, já pedia a retirada das forças de paz brasileiras do Haiti.

O texto também citou as palavras de Amorim para justificar a retirada das tropas brasileiras do território haitiano:

Mais même les meilleures choses, dit-il, ont une fin. Au plan international, l'heure est au désengagement militaire et du point de vue économique, la croissance brésilienne s'essouffle. Et puis même si le pays (Haïti) est loin d'être un havre de paix, il est désormais doté d'un président avec la perspective que les institutions retrouvent un fonctionnement normal.¹⁴⁰

138Disponível em:

<https://haitienmarche.com/index.php?option=com_content&view=article&id=9213:1773&catid=18&Itemid=268>. Acesso em 23/08/2020.

139“O Brasil encerra 13 anos de presença militar no Haiti, que começaram após uma agitação política que levará à saída do país do presidente constitucional Jean Bertrand Aristide. O ministro da Defesa do Brasil, Raul Jungmann, considera que os resultados da missão de 13 anos são ‘extremamente positivos’ e que hoje a missão brasileira sai, segundo ele, de um país pacífico, estável e capaz de se organizar eleições livres e democráticas, em total segurança” (tradução do autor).

140“até mesmo as melhores coisas chegam ao fim. Internacionalmente, chegou a hora do desligamento militar e, do ponto de vista econômico, o crescimento brasileiro está perdendo força. E mesmo que o país (Haiti) esteja

O periódico ainda afirmou que a tropa brasileira, com o maior contingente, suportava o peso da desconfiança, em virtude da intolerância dos haitianos em relação à MINUSTAH. Eles não se esqueciam de que foram os soldados do Nepal que levaram a epidemia de cólera ao Haiti:

Surtout, la Minustah est de moins en moins bien tolérée par les Haïtiens, qui n'ont pas oublié que c'est avec les soldats étrangers que le choléra a fait sa réapparition sur l'île. Or les soldats brésiliens, qui apportent le plus fort contingent, font les frais de cette défiance. Cette décision de Celso Amorim ne devrait donc pas être trop contestée.¹⁴¹

2.5. PARA ALÉM DA MINUSTAH

Paralelamente às atividades militares desenvolvidas no Haiti, o Brasil contribuiu com investimentos em diversas áreas, como noticiado em 14 de novembro de 2012, pelo periódico *Haiti en Marche*, em “*Le Brésil investit 1 million de dollars dans le renforcement sanitaire en Haïti*” (“Brasil investe 1 milhão de dólares no fortalecimento da saúde no Haiti”).

Os investimentos anunciados faziam parte do projeto Tripartite Brasil-Cuba-Haiti, que objetivava fortalecer o sistema de saúde pública do Haiti:

Dans le cadre du projet Tripartite Brésil-Cuba-Haïti, pour le renforcement du système de santé publique en Haïti, le Brésil a annoncé que 13 professionnels haïtiens spécialisés en prévention et contrôle de maladies transmissibles, ont été sélectionnés et embauchés. Un investissement d'un million de dollars américains est prévu dans le projet, afin de permettre la mise en œuvre et le déploiement de la surveillance épidémiologique dans les 10 départements, durant les 12 prochains mois. Au Brésil, le projet est coiffé par le Ministère de la Santé et des partenaires comme la Fondation Oswaldo Cruz et les universités fédérales de Rio Grande do Sul (UFRGS) et Santa Catarina (UFSC).¹⁴²

longe de ser um refúgio de paz, agora tem um presidente com a perspectiva de que as instituições voltem ao normal funcionamento” (tradução do autor).

141 “Acima de tudo, a Minustah é cada vez menos tolerada pelos haitianos, que não se esquecem de que foi com os soldados estrangeiros que a cólera reapareceu na ilha. Mas os soldados brasileiros, que trazem o maior contingente, suportam o peso dessa desconfiança. Esta decisão de Celso Amorim não deve, portanto, ser demasiado contestada” (tradução do autor).

142 “Como parte do projeto Tripartite Brasil-Cuba-Haiti, para fortalecer o sistema de saúde pública do Haiti, o Brasil anunciou que treze profissionais haitianos especializados na prevenção e controle de doenças transmissíveis foram selecionados e contratados. Está previsto um investimento de um milhão de dólares no projeto, para permitir a implantação da vigilância epidemiológica nos dez departamentos, durante os próximos doze meses. No Brasil, o projeto é liderado pelo Ministério da Saúde e tem parceiros como a Fundação Oswaldo Cruz e as universidades federais do Rio Grande do Sul (UFRGS) e de Santa Catarina (UFSC)” (tradução do autor).

O treinamento era teórico e prático intensivo ofertado aos profissionais selecionados, com duração de 120 horas, focado no tratamento de nove doenças prioritárias: sarampo, rubéola, síndrome da rubéola congênita (SRC), poliomielite, difteria, tétano, coqueluche, hepatite B e meningite, todas evitáveis por vacinação.

Os profissionais foram pagos com os fundos do Projeto. Este pessoal foi empregado para coordenar diversas ações essenciais de vigilância sanitária, realizar pesquisas semanais ou diárias de doenças imunopreveníveis, investigar casos suspeitos, identificar áreas com baixa cobertura vacinal, investir esforços no aumento da cobertura no Haiti e treinar outros profissionais de saúde.

Para facilitar a implantação da vigilância epidemiológica, o governo brasileiro havia adquirido *laptops*, impressoras, telefones celulares e onze veículos, totalizando um investimento de US \$ 240 mil. O orçamento para atividades de apoio logístico era de US \$ 600.000, por um período de 12 meses.

Para colocar os planos em prática, o Brasil pretendia distribuir os epidemiologistas nos dez departamentos do Haiti na Diretoria de Epidemiologia, Laboratório e Pesquisa, e na Diretoria do Programa Ampliado de Imunização do Ministério da Saúde haitiano.

Na oportunidade, o Embaixador do Brasil no Haiti, José Luiz Machado e Costa, destacou que a importância da estratégia estaria na produção de informações de saúde válidas e confiáveis, condições necessárias para o funcionamento do sistema de saúde de um país. Essas informações se tornariam úteis na detecção precoce de epidemias e no planejamento de ações de prevenção e controle.

La production d'informations sanitaires valides et fiables est une des conditions nécessaires pour le fonctionnement du système de santé d'un pays. Ces informations deviennent, en effet, utiles pour détecter précocement l'apparition des épidémies et pour planifier des actions de prévention et contrôle des maladies.¹⁴³

O periódico anunciou também que a cooperação estava apoiando o Programa Ampliado de Imunização no Haiti, responsável pela campanha nacional de vacinação contra sarampo, rubéola e poliomielite, que havia ocorrido naquele ano. O Ministério da Saúde do Brasil também havia doado 8,7 milhões de doses da vacina ao programa de vacinação do Haiti. Também havia a previsão da construção de três hospitais de referência, que atuariam

143“A produção de informações de saúde válidas e confiáveis é uma das condições necessárias para o funcionamento do sistema de saúde de um país. Essas informações tornam-se úteis para a detecção precoce do aparecimento de epidemias e para o planejamento de ações de prevenção e controle de doenças.” (tradução do autor).

em articulação com a rede de assistência médica básica, e também de um Centro para pessoas com deficiência.

Em reconhecimento aos esforços brasileiros e cubanos, o Dr. Rock Magloire, Diretor de Epidemiologia do Ministério da Saúde Haitiano, agradeceu a cooperação tripartite e ressaltou que, além da capacitação dos profissionais, a doação de veículos foi fundamental para a execução das atividades de vigilância epidemiológica.

Outra iniciativa do governo brasileiro voltada à melhoria da saúde pública haitiana e também para remediar os danos causados pela epidemia de cólera que assolou o país, o Brasil fez uma doação de dois milhões de dólares ao Haiti, como noticiado pelo *Haiti en Marche*: “*Le Brésil offre en plus un don de deux millions de dollars à Haïti*”¹⁴⁴ (“O Brasil também oferece doação de dois milhões de dólares ao Haiti”). Tal doação foi empregada na compra de medicamentos e equipamentos médicos para hospitais de acolhimento e tratamento de pacientes com cólera. Além da doação, dois epidemiologistas brasileiros também foram enviados ao país somar esforços no combate à epidemia.

Além dos esforços direcionados à melhoria do sistema de saúde haitiano, o governo brasileiro também ajudou na implementação de projetos comunitários, como divulgado pelo *Haiti en Marche* em 10 de setembro de 2010: “*Le Brésil fait don de 50 000 dollars à FAO-Haïti*”¹⁴⁵ (“Brasil doa US \$ 50.000 à FAO-Haiti”). A notícia divulgou a assinatura de um acordo entre a Embaixada brasileira no Haiti e a Representação da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) no Haiti.

O jornal salientou que aquele acordo não era o primeiro firmado entre as partes em prol do povo haitiano, informando que em 18 de agosto daquele ano o governo brasileiro já tinha contribuído com US \$ 2.000.000 para mitigar a tragédia humanitária provocada pelo terremoto que devastou a capital haitiana e seus arredores:

Le 18 aout dernier, au nom de son peuple, le gouvernement du Brésil a contribué à hauteur de 2 000 000 de dollars à l’initiative révisée du « Flash appeal » lancée après le séisme qui a ravagé la capitale haïtienne et ses environs pour mettre en œuvre un programme de multiplication artisanale de semences en Haïti.¹⁴⁶

144Disponível em:

<https://haitienmarche.com/index.php?option=com_content&view=article&id=9717:1269&catid=18&Itemid=268>. Acesso em: 05/05/2021.

145Disponível em:

http://mail.haitienmarche.com/index.php?option=com_content&view=article&id=9794:1192&catid=18&Itemid=268>. Acesso em: 05/05/2021.

146 “Em 18 de agosto, em nome de seu povo, o governo do Brasil contribuiu com US \$ 2.000.000 para a iniciativa revisada ‘Flash Appeal’ lançada após o terremoto que devastou a capital haitiana e seus arredores para colocar a implementação de um programa de multiplicação artesanal de sementes no Haiti” (tradução do autor).

Parte da doação foi utilizada na implantação de um programa focado na melhoria do nível de nutrição, produtividade agrícola, qualidade de vida das populações rurais e na multiplicação artesanal de sementes no Haiti.

Em novembro de 2011, para amenizar o problema da fome no Haiti, os governos do Brasil e da Espanha cumpriram a promessa feita na Cúpula Ibero-americana de 2008 de que forneceria ajuda alimentar ao Haiti, Cuba e Honduras. Nesses esforços, quinze mil toneladas de arroz foram doadas e transportadas pelos dois países através do Programa Alimentar Mundial (PMA).

Na operação, o Brasil foi responsável pela compra do arroz, enquanto a Espanha cuidou do transporte do Rio Grande do Sul até a capital haitiana, bem como das despesas de desembarque e distribuição. O custo total da operação foi de R\$ 21 milhões, divididos entre Brasil (16 milhões) e Espanha (5 milhões). A operação humanitária conjunta Brasília e Madri também envolveu outra entrega ao Haiti de 400 toneladas de leite em pó e 350 toneladas de sementes.

A notícia também reportou que o Brasil tinha planos de contribuir para o processo de desenvolvimento alimentar sustentável do Haiti por meio de diversas ações de cooperação técnica, a maioria delas voltada para a transferência de tecnologia e assistência técnica rural, principalmente relacionada à agricultura de subsistência:

Au course de l'année 2009, l'Agence Brésilienne de Coopération (ABC), en collaboration avec un ensemble d'institutions gouvernementales brésiliennes et haïtiennes, envisage la mise en oeuvre d'un programme stratégique de coopération dans les domaines de l'agriculture et de la sécurité alimentaire, afin de contribuer aux efforts d'augmentation de la production nationale, dont l'objectif sera, à moyen terme, d'assurer la souveraineté alimentaire du pays.¹⁴⁷

A Agência Brasileira de Cooperação (ABC), em colaboração com um conjunto de instituições governamentais brasileiras e haitianas, implantou um programa de cooperação estratégica nas áreas de agricultura e segurança alimentar, a fim de contribuir para a esforços que visavam aumentar a produção haitiana e cujo objetivo era garantir a soberania alimentar do país, conforme publicado na matéria do jornal *Le Nouvelliste* de 03 de novembro de

147“Ao longo do ano de 2009, a Agência Brasileira de Cooperação (ABC), em colaboração com um conjunto de instituições governamentais brasileiras e haitianas, estuda a implantação de um programa de cooperação estratégica nas áreas de agricultura e segurança alimentar, a fim de contribuir para a esforços para aumentar a produção nacional, cujo objetivo a médio prazo será garantir a soberania alimentar do país” (tradução do autor).

2011 chamada “*Brésil/Espagne: Don de 15.000 tonnes de riz à Haïït*”¹⁴⁸ (“Brasil / Espanha: Doação de 15.000 toneladas de arroz ao Haiti”).

Logo após o fatídico terremoto que devastou o Haiti, o presidente Lula, em visita oficial, anunciou a doação de cem milhões de dólares em apoio orçamentário ao governo haitiano, conforme publicado na matéria “Lula donne 100 millions de dollars en appui budgétaire”¹⁴⁹ (“Lula dá US \$ 100 milhões em apoio orçamentário”).

Além da doação, o jornal publicou que o presidente brasileiro insistiu na necessidade de que os líderes do país definissem suas próprias prioridades em relação à ajuda da comunidade internacional afirmando que o governo brasileiro faria tudo o que estivesse ao seu alcance para socorrer os haitianos:

Je voulais voir de mes propres yeux les dégâts causés par le séisme et réaffirmer au "camarade" Préval que le gouvernement brésilien fera tout ce qui est dans son pouvoir pour venir en aide aux haïtiens, a-t-il dit. C'est pour cela que nous avons fait don de 100 millions de dollars à Haïti. Ce fond ira directement dans le budget du pays. Les autorités décideront de son utilisation. Nous allons nous subordonner aux orientations des responsables.¹⁵⁰

O presidente Lula defendeu a autonomia das autoridades haitianas na gestão da ajuda e na definição das prioridades do país: “O Brasil não vai decidir como as coisas devem ser feitas no Haiti. Este país tem um governo legítimo e toda a ajuda do Brasil será por meio deste governo.”¹⁵¹

O presidente do Brasil também conversou com o presidente haitiano, René Préval, sobre a necessidade de limpar as ruas da capital e instalar centros de acomodação para os sem-teto prometendo colocar à disposição as tropas brasileiras participantes da Missão de Paz para a execução de tal tarefa. Além disso, Lula também pleiteou o cancelamento da dívida externa do Haiti, garantindo que seu país estará sempre ao lado do povo haitiano neste momento de grandes provações.

148Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/67971/bresilespagne-don-de-15000-tonnes-de-riz-a-haiti>>. Acesso em: 06/05/2021

149Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/78425/lula-donne-100-millions-de-dollars-en-appui-budgetaire>>. Acesso em: 07/05/2021

150“Quería ver com meus próprios olhos os danos causados pelo terremoto e reafirmar ao ‘camarada’ Préval que o governo brasileiro fará tudo o que estiver ao seu alcance para socorrer os haitianos, afirmou. É por isso que doamos cem milhões de dólares ao Haiti. Este fundo irá diretamente para o orçamento do país. As autoridades decidirão sobre seu uso. Vamos nos subordinar às orientações dos responsáveis” (tradução do autor).

151Texto original: "Le Brésil ne va pas décider comment les choses doivent se faire en Haïti. Ce pays a un gouvernement légitime et toute l'aide du Brésil se fera à travers ce gouvernement".

O *Le Nouvelliste* informou que este apoio orçamentário de 100 milhões de dólares chegou no momento em que René Préval expressava as suas intenções de gerir parte da ajuda internacional que o seu país recebera:

Nous connaissons mieux que quiconque le pays et le gouvernement se remet peu à peu. Il faut que nous ayons une partie de l'aide internationale sur forme d'appui budgétaire... Nous remercions la communauté internationale qui est généreusement venue en aide à Haïti après le 12 janvier. Toutefois, ce sont les ONG qui gèrent ces fonds alors que le gouvernement a besoin de l'argent pour fonctionner.¹⁵²

Préval agradeceu os doares internacionais que generosamente ajudaram o Haiti após o terremoto. No entanto, afirmou que as ONGs ficaram com os recursos arrecadados e que administravam esses fundos, enquanto o governo precisava urgentemente de dinheiro para funcionar.

No final da visita, foram rubricados dois acordos entre os dois Estados, oportunidade em que o Brasil se comprometeu a fortalecer o setor agrícola com o financiamento da compra de fertilizantes necessários à produção nacional. O segundo acordo focou na reconstrução da infraestrutura educacional, que foi 70% destruída pelo terremoto de 12 de janeiro.

Em relação ao grande número de haitianos que imigraram para o Brasil, o governo da presidente Dilma Roussef envidou esforços para legalizar a situação dos haitianos no Brasil, como foi divulgado em 02 de fevereiro de 2012 pelo canal de informações *Haiti Press Network*: “*Haïti-Brésil: 1200 visas brésiliens par année pour les Haïtiens*”¹⁵³ (“Haiti-Brasil: 1.200 vistos brasileiros por ano para haitianos”). A matéria divulgou que a presidente Dilma, durante sua visita ao Haiti, informou que o Brasil ofereceria 1.200 vistos por ano aos haitianos. “A ideia é ajudar o Haiti em seus esforços para se recuperar após o violento terremoto de 12 de janeiro de 2012”, disse Roussef, conforme o periódico.

A mesma matéria do *Haiti Press Network* noticiou que a presidente brasileira concederia 1.200 vistos em cinco anos, e lembrou ainda que em 2012 mais de quatro mil haitianos entraram ilegalmente no Brasil.

Nas áreas de segurança pública e defesa, Brasil e Equador concordaram em ajudar o Haiti a restaurar seu exército para substituir a Força de Paz da ONU implantada no Haiti

152“Conhecemos o país melhor do que ninguém e o governo está se recuperando aos poucos. Precisamos de parte da ajuda internacional na forma de apoio ao orçamento... Agradecemos à comunidade internacional que generosamente ajudou o Haiti depois de 12 de janeiro. No entanto, são as ONGs que administram esses fundos quando o governo precisa do dinheiro para funcionar”(tradução do autor).

153Disponível em: <<https://www.hpnhaiti.com/site/index.php/politique/5379-haiti-bresil-6-000-visas-aux-haitiens-par-le-bresil-jusqua-2016>>. Acesso em: 07/05/2021.

desde 2004 e que o Exército Brasileiro traria a sua experiência para ajudar nessa missão. Essa proposta foi confirmada na edição de 01 de agosto de 2012 do *Haiti Press Network*: “*O Haïti-armée: Le Brésil rejoint l'Equateur pour aider Haïti à mettre sur pied son armée*”¹⁵⁴(“Exército do Haiti: Brasil se junta ao Equador para ajudar o Haiti a montar seu exército”).

O anúncio estava de acordo com as aspirações do então presidente haitiano Michel Martelly, que desejava há quase um ano restaurar um exército, acreditando que os haitianos prefeririam ver seu país protegido por suas próprias tropas do que pelas forças da ONU. O presidente do Haiti cogitava criar uma força polivalente que ajudasse a enfrentar os desastres naturais, protegesse as fronteiras e fornecesse suporte em questões de segurança quando a polícia estivesse sobrecarregada.

No que tange aos processos eleitorais haitianos, o jornal Haiti Press Network em 09 de maio de 2013 noticiou que o Brasil contribuiria com um milhão de dólares para a realização das próximas eleições no Haiti, que estavam previstas para o final daquele ano. O texto também informou que o Embaixador do Brasil no Haiti, José Luiz Machado e Costa, e a Diretora Sênior do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Sophie De Caen, assinaram no dia 9 de abril de 2013 um acordo milionário dedicado ao financiamento do processo eleitoral no Haiti.

Naquela oportunidade, a embaixada brasileira no Haiti declarou: “é uma forma do povo brasileiro reforçar a solidariedade com um Haiti democrático e transparente”, conforme publicado na matéria: “*Haïti-Brsil-élections: le Brésil verse 1 million de dollars pour les prochaines élections*”¹⁵⁵(“Eleições Haiti-Brasil: Brasil destina US \$ 1 milhão para as próximas eleições”).

Dentro do conjunto de esforços diplomáticos do Brasil, o presidente Lula, acompanhado do chanceler Celso Amorim e de empresários brasileiros, assinou seis acordos de cooperação com o signatário haitiano René Préval, conforme noticiado na matéria: “*Brésil et Haïti signent six nouveaux accord*”¹⁵⁶(“Brasil e Haiti assinam seis novos acordos”), publicada no *Le Nouvelliste* em 30 de maio de 2008.

154Disponível em: <<https://www.hpnhaiti.com/site/index.php/politique/6770-haiti-armee-le-bresil-rejoint-lequateur-pour-aider-haiti-a-mettre-sur-son-pied-son-armee>>. Acesso em: 07/05/2021.

155Disponível em: <<https://www.hpnhaiti.com/site/index.php/politique/9397-haiti-bresil-electionsle-bresil-verse-1-millions-de-dollars-pour-les-prochaines-elections>>. Acesso em: 07/05/2021.

156Disponível em: <https://lenouvelliste.com/article/58116/bresil-et-haiti-signent-six-nouveaux-accords>. Acesso em: 07/05/2021.

O primeiro acordo dizia respeito à isenção recíproca de visto para os titulares de passaportes diplomáticos, oficiais ou de serviço. Tal medida desobrigou o visto de entrada por um período de estada não superior a 90 dias. O segundo acordo visou desenvolver atividades de cooperação em benefício do Haiti na área da educação, em particular na implementação de cantinas escolares e na formação profissional.

O terceiro convênio objetivou a prevenção da violência contra a mulher, principalmente nas regiões Sudeste, Noroeste e Oeste do Haiti. O quarto acordo tratava da produção sustentável de vegetais na região de Kenscoff (Oeste). Esse acordo também previa a instalação de uma estação experimental para melhor atender as demandas da produção de hortaliças e da criação de um banco de insumos agrícolas.

O quinto acordo dizia respeito ao desenvolvimento e à implantação de um programa estratégico de cooperação técnica, no período de 2008/2010, nas áreas de segurança alimentar e agricultura. Como parte desse acordo, uma missão técnica exploratória brasileira seria enviada ao Haiti para avaliar a situação agrícola e alimentar do país.

O último acordo era uma parceria tripartite firmada entre os governos haitiano e brasileiro, além do representante do Haiti no Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA). Nos termos desse acordo, o IICA se comprometeria a coordenar as ações de cooperação técnica entre o Haiti e Brasil. O acordo também permitiria a realização de pesquisas para a introdução de novas variedades de plantas no país.

Após a assinatura dos acordos o presidente brasileiro manifestou suas intenções em relação ao Haiti: "Ma visite aujourd'hui marque une nouvelle étape dans les rapports entre les deux pays et s'inscrit dans le cadre des efforts visant à créer des conditions dignes de vie pour tous les citoyens haïtiens, réduire les inégalités et réduire la pauvreté".¹⁵⁷

Em 2015, novamente as questões humanitárias voltaram à pauta de negociações entre Brasil e Haiti, conforme a matéria do jornal *Haiti Libre*: "*Haïti – Politique: Le Brésil accorde la résidence permanente à 43,781 haïtiens*"¹⁵⁸ ("Haiti – Política: O Brasil concede residência permanente a 43.781 haitianos), publicada em 12 de novembro de 2015.

O Le Nouvelliste divulgou que o governo brasileiro havia concedido residência permanente a 43.781 imigrantes haitianos que entraram no Brasil nos últimos cinco anos, mas que não podiam ser legalmente aceitos como refugiados.

157 "Minha visita hoje marca uma nova etapa nas relações entre os dois países e faz parte dos esforços para criar condições de vida dignas para todos os cidadãos haitianos, reduzir as desigualdades e reduzir a pobreza" (tradução do autor).

158Disponível em: <<https://www.haitilibre.com/article-15744-haiti-politique-le-bresil-accorde-la-residence-permanente-a-43-781-haitiens.html>>. Acesso em: 07/05/2021.

No que tange à melhoria da infraestrutura do Haiti, diversas obras que não faziam parte das tarefas determinadas pela ONU à MINUSTAH foram realizadas pela Companhia de Engenharia de Força de Paz Brasileira, conforme noticiado em 29 de janeiro de 2009 pelo jornal *Le Nouvelliste* na matéria intitulada: “*La MINUSTAH participe à des actions de développement qui sortent de sa mission*”¹⁵⁹ (“A MINUSTAH participa de ações de desenvolvimento que vão além de sua missão”).

O texto divulgou que o secretário-geral adjunto das Nações Unidas (ONU) Alain Leroy havia afirmado que a MINUSTAH participava de ações de desenvolvimento que iam além de sua missão. Leroy informou que desde a implantação no país, a Força de Paz já tinha participado de 569 projetos de impacto rápido, no valor total de US \$ 6,5 milhões, como na reconstrução de escolas, tribunais e delegacias.

Alain Leroy também observou que através da Companhia de Engenharia a MINUSTAH continuava trabalhando no campo da infraestrutura rodoviária no país. Esclareceu também que o mandato da missão era muito claro, e que a missão precípua era estabilizar o país:

Il a également fait remarquer qu'à travers ses compagnies d'ingénieurs, la Minustah continue à travailler dans le domaine des infrastructures routières en Haïti. "Pourtant, le mandat de la Minustah est très clair", a dit Alain Leroy. "Elle a pour mission de stabiliser le pays, aider à son renforcement institutionnel, faciliter le dialogue entre les acteurs politiques et créer des conditions favorables à son développement". Il a indiqué que l'année 2009 est difficile pour l'ensemble des pays de planète et elle l'est encore davantage pour les pays les moins avancés, mais il a souligné qu'Haïti a des atouts majeurs qu'elle doit exploiter pour faire face à cette crise.¹⁶⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Haiti, desde seu nascimento em 1804, foi objeto de grande admiração e inspirou diversos povos à época escravizados, em virtude do significado histórico representado por uma pátria surgida da luta pela liberdade de escravos africanos. Duzentos anos após este feito, este admirável país caribenho encontrava-se desestruturado política e socialmente devido a

159Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/66756/la-minustah-participe-a-des-actions-de-developpement-qui-sortent-de-sa-mission>>. Acesso em: 07/05/2021.

160“Ele igualmente destacou que, por meio de suas empresas de engenharia, a Minustah continua atuando na área de infraestrutura viária no Haiti. “Porém, o mandato da Minustah é muito claro”, afirmou Alain Leroy. “A sua missão é estabilizar o país, ajudar no seu fortalecimento institucional, facilitar o diálogo entre os atores políticos e criar condições favoráveis ao seu desenvolvimento”, afirmou. Indicou que o ano de 2009 é difícil para todos os países do planeta e ainda mais para os menos desenvolvidos, mas destacou que o Haiti possui grandes ativos que devem ser explorados para enfrentar esta crise” (tradução do autor).

inúmeras crises desde a sua independência da França. Em 2004, a história haitiana culminou em uma intervenção da ONU nas suas questões internas, mais uma entre tantas outras. Desde 1993, já ocorreram cinco missões de paz no país.

No entanto, as intervenções foram iniciadas bem antes disso, com a chegada de Cristóvão Colombo, tendo permanecido durante toda a história do país. Mesmo após os haitianos conquistarem a independência diante das tropas napoleônicas, em 1804, o que provocou espanto e revolta da França, pois esta perdera a pérola do Caribe para negrosescravizados. Logo uma série de invasões, ocupações, agressões e embargos ocorreram naquele território.

Apesar da história turbulenta, o Haiti seguiu seu curso. Enfrentando inúmeros problemas de toda sorte, tornou-se o país mais pobre das Américas. Diante desse histórico de infortúnios, a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH) iniciou seus trabalhos no país com a promessa de reconstruí-lo, tarefa que foi vista com muita suspeita pela imprensa haitiana em razão das diversas intromissões internacionais infrutíferas em seus assuntos internos.

A condição caótica do Haiti, após anos de crises políticas sucessivas, somadas às catástrofes naturais, que ameaçavam a vida de milhares de pessoas e que exigiram a soma de esforços internacionais, não apenas no âmbito militar, mas principalmente nas áreas social, técnica e cívica, foram os fatores motivadores da intercessão da ONU (SEITENFUS, 2014, p. 122).

No que se refere particularmente à participação brasileira, o governo do presidente Lula decidiu participar em 2004 da MINUSTAH enviando tropas das Forças Armadas ao território haitiano em prol da paz e do desenvolvimento daquela região. O Brasil, a partir daquele momento, dentro do contexto da missão, tornou-se presente na mídia haitiana.

A motivação precípua da participação do Brasil na MINUSTAH foi o anseio em conquistar um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, expectativa que não foi atendida ao término da missão. Além dessa pauta, outra que motivou a adesão brasileira à missão de paz foi a reivindicação da liderança regional do Brasil na América Latina, visto que os latino-americanos eram a maioria dos efetivos da força multinacional.

É preciso levar em consideração dentro desse contexto de projeção internacional e de representatividade regional que o Brasil não tinha meios coercitivos mais contundentes para alcançar seus objetivos. O que podia dispor era então da ajuda humanitária, bem como da similaridade cultural e desportiva para atingir suas metas, como foi no Haiti, com a conquista

de corações e mentes, alternativa que utilizou padrões operativos fora do escopo da missão de paz da qual fazia parte.

Em 2004, logo no início da intervenção, em razão do histórico de ocupações estrangeiras no Haiti, a imprensa haitiana viu com desconfiança a intromissão da ONU em seus assuntos internos. Diversas publicações problematizaram a questão colocando-a como mais uma manobra orquestrada pelos interesses imperialistas das grandes potências econômicas, em especial dos Estados Unidos, além das grandes corporações que necessitavam de mão de obra barata para o fabrico de bens de consumo, principalmente da indústria têxtil.

O Brasil, na fase inicial da missão, após ter aceitado o convite para comandar e fazer parte do efetivo militar da MINUSTAH, foi acusado pela imprensa haitiana de ter se colocado ao lado dos interesses imperialistas, para alcançar o tão desejado assento permanente no Conselho de Segurança da ONU.

Em relação à postura das tropas brasileiras, o jornal mais popular do Haiti o *Le Nouvelliste*, assim como a rede de informações alternativas *AlterPresse*, ambos afirmaram que o governo brasileiro havia recomendado uma conduta militar mais passiva para evitar que ocorressem mortes nas fileiras de suas tropas durante a ocupação, assim como para se precaver das críticas da opinião pública no Brasil. Afinal, caso ocorressem tais baixas, isso se transformaria em protestos contra a participação brasileira na MINUSTAH. O *Le Nouvelliste* apontou ainda que essa política de morte zero servia para dar crédito ao Sistema das Nações Unidas,

Na segunda fase da missão, ou fase de consolidação, a imagem do Brasil dentro do conjunto Minustah foi mais bem apresentada pela mídia haitiana. Tal êxito se deu em razão dos progressos conquistados nas operações de segurança empreendidas pelas tropas brasileiras em áreas de sua responsabilidade, com a participação efetiva da Polícia Nacional Haitiana (PNH), que trabalhou em conjunto com os boinas azuis na redução da violência nas comunidades, gerando benefícios para a sociedade.

Ainda a respeito do plano operacional, as notícias sugeriram que o principal diferencial da atuação brasileira residiu no patrulhamento intensivo e na pacificação de áreas urbanas de alta complexidade, no enfrentamento direto das gangues, na diminuição dos sequestros e na articulação com comunidades locais.

Outro diferencial importante das tropas brasileiras em relação ao restante da MINUSTAH, embora incipiente, foi a ênfase dada na necessidade de equilibrar iniciativas de segurança com projetos de desenvolvimento. Este *modus operandi* esteve em consonância

com a tradição diplomática brasileira, a qual defende que as operações de segurança estejam atreladas às iniciativas dessa natureza.

Neste contexto, as operações de segurança foram consolidadas com ações cívicas e de assistência humanitária, não inscritas nos ditames da ONU, mas executadas pelos militares brasileiros. Essas atividades, que muito se assemelharam às Ações Cívicas Sociais (ACISO), desenvolvidas pelo Exército Brasileiro em território nacional, ganharam observações positivas, principalmente nos jornais *Le Nouvelliste* e *AlterPresse*.

Contudo, muitas críticas persistiam. Um dos principais reclames ainda estava direcionado a uma possível leniência das Forças de Paz em enfrentar as gangues, as quais ainda ocupavam alguns bairros da capital Porto Príncipe. Mesmo após quase quatro anos de missão, as condições de segurança ainda eram bastante frágeis e as operações eram descritas pelos jornais como ações que não avançavam na prática, apesar dos ditos esforços apresentados nos relatórios que a MINUSTAH publicava rotineiramente nos periódicos haitianos.

Como no início da missão, as acusações referentes às intenções imperialistas escusas representadas pela Força de Paz da ONU ressurgiram na pauta jornalísticas haitiana sempre relacionadas aos Estados Unidos e à poderosa força das instituições financeiras internacionais.

Nessa segunda fase, além dos protestos internos que exigiam a retirada imediata da MINUSTAH, as posições contrárias à participação brasileira na missão de paz, manifestadas no Brasil por organizações não governamentais, partidos políticos e meio acadêmico, começaram a ecoar no Haiti através da imprensa local.

A missão também foi criticada por não resolver os óbices relacionados à saúde, educação e alimentação, pois, de acordo com os jornais, nenhum tipo de intervenção militar pode ajudar a resolver tais demandas. Contudo, uma ressalva foi feita: os periódicos afirmaram que as ações governamentais e a atuação dos militares brasileiros durante todo o tempo tiveram como o objetivo reduzir tais problemas, além de trabalhar na reconstrução e melhoria da malha viária haitiana, como registrado pelo jornal *Le Nouvelliste*: "La Minustah participe à des actions de développement qui sortent de sa mission"¹⁶¹ ("A Minustah participa de ações de desenvolvimento que vão além de sua missão").

Tais ações confirmaram a nossa hipótese de que a repercussão na mídia haitiana das ações do Brasil na MINUSTAH estava mais relacionada à imagem que o governo brasileiro

¹⁶¹Disponível em: <<https://lenouvelliste.com/article/66756/la-minustah-participe-a-des-actions-de-developpement-qui-sortent-de-sa-mission>>. Acesso em: 06/08/2020.

buscou construir, ligada às ações humanitárias e de reconstrução da infraestrutura, do que nas operações regradas pelas Nações Unidas.

Na terceira fase, devido ao terremoto que ocorreu em 12 de janeiro de 2010 e que gerou um grande impacto para o Haiti, observamos que a imagem da participação brasileira não manteve o mesmo conceito, pois não foram constatados avanços e nem grandes melhorias ao longo daquele ano.

Em virtude deste panorama, a mídia haitiana criticou a deficiência da coordenação entre o comando da MINUSTAH e as forças armadas estadunidenses nas atividades de resgate e atendimento às vítimas da catástrofe, além da falta de fundos para a assistência humanitária, que em sua maioria ficaram sob a gestão das organizações não governamentais. Os veículos de comunicação também denunciaram uma aparente lentidão na reconstrução do país, assim como a falta de abrigo às vítimas da tragédia, que estavam vivendo em acampamentos improvisados, mesmo após um ano do desastre.

A questão do declínio dos índices de segurança pública também foi apontada, tendo em vista que o sistema carcerário entrou em colapso devido ao desabamento, durante o terremoto, do principal presídio do país e à fuga de seus detentos, muitos dos quais haviam sido presos pelos militares brasileiros antes de janeiro de 2010.

O Haiti ainda não havia se recuperado do traumático terremoto, quando veio à tona o pior legado da MINUSTAH. Em outubro de 2010, uma epidemia de cólera acometeu moradores da zona rural da região de Mirebalais, região central do país, e logo se espalhou por todo o Haiti, afetando principalmente a capital Porto Príncipe. De acordo com os dados do Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA),¹⁶² 8.625 pessoas morreram em decorrência da doença trazida por militares nepalenses para o Haiti, além de outras 700 mil pessoas infectadas.

Outro problema grave que veio à tona foram os escândalos de violência sexual envolvendo militares do Uruguai e do Sri Lanka. Apesar das acusações terem sido direcionadas de maneira genérica às tropas da força de paz, a nacionalidade dos agressores foi descoberta durante as investigações, e nos canais pesquisados não foi encontrada nenhuma denúncia envolvendo soldados de nacionalidade brasileira.

Contudo, a imagem da missão foi maculada, tanto em relação à pandemia de cólera, quanto nos casos de violência sexual. Os jornais haitianos atribuíam aos comandantes

162Disponível em: <<https://www.unocha.org/story/haiti-cholera-vaccines-200000-people>>. Acesso em: 07/08/2020.

brasileiros da força de paz a responsabilidade, em certa medida, pelos danos causados à população local.

No entanto, os esforços do governo brasileiro para mitigar os danos causados à população pela epidemia de cólera também foram reconhecidos pela imprensa haitiana, que noticiou uma doação de dois milhões de dólares ao Haiti, dinheiro destinado à compra de medicamentos e equipamentos médicos para hospitais de acolhimento e tratamento de pacientes com cólera. Além da doação, também foi divulgado o envio de dois epidemiologistas brasileiros para somar esforços no combate à epidemia.

Passados dois anos do fatídico terremoto, o encerramento da missão já se mostrava bastante próximo, em decorrência do aumento da rejeição da população após a epidemia de cólera trazida pelos militares do Nepal, além dos casos de violência sexual atribuídos aos soldados da MINUSTAH. Além disso, a população também rejeitava a força da ONU por considerá-la como uma continuidade da ocupação americana de 1915, com as mesmas ferramentas de controle e supervisão. A imprensa acusava a força de paz de ocupar todos os espaços estratégicos do país e também controlar as classes políticas com a intenção de perpetuar sua dominação. A tropa brasileira, por ser o maior efetivo, suportava o peso dessa desconfiança.

Em 2015, os jornais divulgavam que praticamente todos os efetivos já haviam se retirado da missão, mesmo com o ligeiro aumento da criminalidade. Tal situação deixou praticamente isolado o Brasil, país que detinha o comando da MINUSTAH e também cujo único governo que não tinha previsão de reduções drásticas em seu pessoal militar, à época com 1.343 militares. A decisão brasileira de permanecer em solo haitiano, porém, foi fundamental no auxílio às vítimas do furacão Matthew em 2016. De acordo com o governo haitiano 350.000 pessoas precisaram de assistência humanitária imediata.

Em 2017, ainda que o Haiti estivesse longe de ser um refúgio de paz, o Brasil organizou a sua retirada do país após treze anos de participação na MINUSTAH. A decisão da retirada estava em acordo com o cronograma de desmobilização gradual estabelecido pela ONU, e foi concluída em abril daquele ano.

No geral, e no período analisado, todos os jornais foram bem críticos em relação à Missão de Paz, problematizando o discurso da MINUSTAH divulgado pelos canais de mídia. Por outro lado, a própria Missão admitia os problemas enfrentados. Contudo, eles não eram demonstrados nos mesmos detalhes que a mídia do país os apresentava.

Com relação à participação do Brasil, observamos que a área da segurança foi a que apresentou ganhos mais significativos, através de operações militares em conjunto com a

Polícia Nacional Haitiana. Neste esforço, grande parte das gangues foi combatida e desmantelada. Áreas com altos índices de criminalidade também foram pacificadas.

Fora da área militar, o Brasil firmou acordos diplomáticos e desenvolveu projetos ligados à geração de empregos e de melhoria de infraestrutura nas áreas de desenvolvimento e assistência humanitária. Também desenvolveu projetos e ações em áreas como produção, alimentação, saúde e educação. No entanto, após a retirada da MINUSTAH o Haiti foi deixado com inúmeros problemas, como a pobreza extrema, que condiciona a vida de muitos haitianos à criminalidade e à violência em virtude da falta de opções.

Os problemas encontrados no Haiti eram de muita complexidade, com necessidade de reformas mais profundas. No que diz respeito à política, as eleições mostraram-se de fundamental importância para aquele país. Outro aspecto que dificultou o processo de pacificação foi o antagonismo político haitiano, a insatisfação da população e os problemas institucionais do país, além da falta de infraestrutura e logística adequada para a realização de projetos permanentes.

Outro óbice encontrado diz respeito às ações e projetos da MINUSTAH que não levaram em consideração a realidade e a cultura haitiana, e que eram executados dentro um “padrão” ONU, muitas das vezes resultando em atitudes violentas por parte dos boinas azuis, que feriam os direitos humanos dos haitianos. Nesse aspecto, os militares brasileiros, se observados separadamente, fora do contexto das tropas multinacionais, foram mais bem sucedidos, angariando em certos momentos a simpatia da população em razão das similaridades culturais e da admiração dos haitianos pelo futebol e da postura diferenciada dos soldados brasileiros, em comparação com os outros militares de diferentes nacionalidades integrantes da MINUSTAH, que não eram muito empáticos e respeitosos com a população do Haiti, fato que também observei *in loco*, quando lá estive em 2008 como militar do Exército Brasileiro. Mesmo assim, encontramos duas denúncias publicadas pelos jornais haitianos relatando o uso de força indevida por parte dos militares brasileiros contra os habitantes locais.

A partir do desenho desse cenário, foi alcançado nosso objetivo de compreender através das lentes acadêmicas a imagem da participação brasileira repercutida pelos principais jornais haitianos. No entanto, por ser um trabalho multidisciplinar, envolvendo diversos questionamentos, reflexões teóricas, discussões e preocupações científicas em diversas áreas (História, Economia, Antropologia, Sociologia, Relações Internacionais), que trazem relevantes e originais contribuições em relação a aspectos

peculiares e essenciais para o entendimento do Haiti contemporâneo, muitos estudos ainda podem e precisam ser feitos a respeito dessa temática.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006.

BETHELL, Leslie. **História da América Latina: América Latina colonial, vol. I**. Tradução Maria Clara Cescato, 24. edição, São Paulo: Edusp & Brasília. 1990.

Brasil MINUSTAH. **A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões**. Centro de Paz do Brasil. 2014, p 44.

Bigatão, J. “**Manutenção da paz e resolução de conflitos: respostas das Nações Unidas aos conflitos armados intraestatais na década de 1990**”. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais. Programa San Tiago Dantas, Unesp/Unicamp/PUC-SP, São Paulo, 2009.

BIGATÃO, Juliana de Paula. **A Norma de Proteção de Civis nas Operações de Paz da ONU: os mandatos robustos da década de 2000.** São Paulo, 2017.

CASTRO, Celso. MARQUES, Adriana. **Missão no Haiti: A visão dos force commanders.** Rio de Janeiro. FGV. 2019.

DINIZ, Eugenio. **Peacekeeping and the evolution of foreign policy.** In: FISHEL, J.; SAENZ, A. (Ed.). **Capacity building for peacekeeping: the case of Haiti.** Washington, D.C. Center for Hemispheric Defense Studies. National Defense University Press. 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora FGV. 1996.

FISHEL John; SAENZ Andrés: **Capacity-building for peacekeeping: the case of Haiti** **Capacity-building for peacekeeping: the case of Haiti.** Washington, DC. Center for Hemispheric Defense Studies: National Defense University Press. 2007.

HAMANN, E.P. TEIXEIRA, C.A.R. **A participação do Brasil na MINUSTAH (2004-2017): percepções, lições e práticas relevantes para futuras missões.** Rio de Janeiro: Instituto Igarapé, 2017.

HIRST, Monica. **O Haiti e os desafios de uma reconstrução sustentável – um olhar sulamericano.** Curitiba: Revista Política Externa. Vol. 19, nº1. Jun/jul/Agos. 2010.

KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI.** São Paulo: Contexto, 2011, p. 165.

LE GOFF, J. **História e memória/Jacques Le Goff;** tradução Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LENS, Sidney. **A fabricação do império americano – Da revolução ao Vietnã: Uma história do imperialismo dos Estados Unidos.** Tradução de Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** In.: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111-153.

NICHOLLS, David. **From Dessalines to Duvalier: race, colour, and national independence in Haiti.** Ann Arbor: MPublishing University of Michigan Library. 2018.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (Orgs.). **Comunicação e História: Interfaces e novas abordagens.** Rio de Janeiro: Mauad X. 2008.

SEITENFUS, R. **Haiti: Dilemas e Fracassos Internacionais.** Ijuí: Unijuí. 2014.

VALLER FILHO, Wladimir. **O Brasil e a Crise Haitiana: A Cooperação Técnica como Instrumento de Solidariedade e de Ação Diplomática,** Brasília: FUNAG. 2007.

VOLDMAN, Danièle. **La place des mots, le poids des témoins.** In: Institut d'histoire du Temps Présent. Ecrire l'histoire du temps présent. Paris: CNRS Editions, 1993. p. 123-132.

KARNAL, Leandro. **A formação da nação: o início**. In: KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 39-70.

FONTES

About The Haitian Times (**The Haitian Times**). Disponível em: <https://haitiantimes.com/about-the-haitian-times>. Acesso em: 20 mai 2021.

AIMÉ, Marc Arthur Fils. Haïti dans la violence des chimères. (**AlterPresse**). 12 nov 2004. Disponível em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article1919#.X3JkyGhKjIU>. Acesso em: 25 jul 2020.

ANNABI, Hédi. Haiti-Séisme : Edmond Mulet reprend la direction de la MINUSTAH. 16 jan 2010. (**Le Nouvelliste**). Disponível em: <https://lenouvelliste.com/article/77853/haiti-seisme-edmond-mulet-reprend-la-direction-de-la-minustah>. Acesso em: 08 ago 2020.

FRANÇOIS, Hérold Jean. Quand la MINUSTAH déstabilise. (**Le Nouvelliste**). 11 mar 2005. Disponível em: <https://lenouvelliste.com/article/16631/quand-la-minustah-destabilise>. Acesso em: 30 jul 2020.

LEDAN, Jean. fils L'Onu en Haïti : synopsis. (**Le Nouvelliste**) 10 jun 2006. Disponível em: <https://lenouvelliste.com/article/177436/lonu-en-haiti-synopsis>. Acesso em: 05 fev. 2021.

MARS, Kettly. Délégation de l'Oea en Haïti – Pour l'histoire et pour la mémoire. (**AlterPresse**). 20 jun. 2019. Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article24450#.YC292WhKjIU>. Acesso em: 01 mar. 2021.

PÉAN, Leslie. Haïti-1915/100 ans: L'occupation américaine et les Volontaires de la Servitude Nihiliste (VSN). (**AlterPresse**) 8 jan. 2015. Disponível em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article17556#.YOWiuhKjIU>. Acesso em: 20 fev. 2021.

SERANT, Vario. Haïti / Presse : Regard sur la débâcle du 28 novembre 1980. (**AlterPresse**). 28 nov. 2008. Disponível em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article7913#.XsU3cGhKjIU>. Acesso em: 23 jun. 2020. . Acesso em: 13/05/2020.

LOUIDOR, Wooldy Edson. Haïti: La MINUSTAH en el corazón de los debates, cerca del fin de su mandato. 08 fev 2007. (**AlterPresse**). Disponível em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article5664#.YC3C5GhKjIU>. Acesso em 02 mai 2021.

VIVAS, José Luis. Haïti-Terremoto: Estrategia del caos para una invasión. 19 jan 2010. (**AlterPresse**). Disponível em: https://www.alterpresse.org/spip.php?article9196#.YSJHSt9v_IU. Acesso em: 01 jan 2021.

IVES, Kim. As International Delegation Pressures UN Officials to End Occupation: MINUSTAH Now Sees “Possible” Withdrawal after 2016, Official Says. 16 out 13. (Haïti Liberté). Disponível em: <https://haitiliberte.com/as-international-delegation-pressures-un-officials-to-end-occupation-minustah-now-sees-possible-withdrawal-after-2016-official-says/> Acesso em: 17 ago 2020

Ban Ki moon recommande le renouvellement du mandat de la Minustah. 07 set 2012. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/108822/ban-ki-moon-recommande-le-renouvellement-du-mandat-de-la-minustah>. Acesso em 10 ago 2020.

Brazil supports the institutional enhancement military engineering in Haiti. 06 jun 2014. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/132034/brazil-supports-the-institutional-enhancement-military-engineering-in-haiti>. Acesso em: 21 ago 2020.

Brésil/Espagne : Don de 15.000 tonnes de riz à Haïti. 03 nov 2009. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/67971/bresilespagne-don-de-15000-tonnes-de-riz-a-haiti>. Acesso em 06 mai 2021

Brésil et Haïti signent six nouveaux accords. 30 mai 2008. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/58116/bresil-et-haiti-signent-six-nouveaux-accords>. Acesso em: 07 mai 2021.

Des contingents de la Minustah plient bagages. 11 mar 2015. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/public/article/142345/des-contingents-de-la-minustah-pliant-bagages>. Acesso em: 21 ago 2020.

Haiti : Un mouvement paysan critique le gouvernement et rejette " l'occupation ". (**AlterPresse**). 28 jul 2004. Disponible em: https://www.alterpresse.org/spip.php?article1534#.XvFJVOdv_IU. Acesso em: 23/07/2020

Haiti-Brésil : un pas de plus dans la coopération. (**AlterPresse**). 21 dez 2004. Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article2017#.X3KBd2hKjIU>. Acesso em: 27 jul 2020.

Haïti : Une histoire de résistance et d'organisation populaire. (**AlterPresse**). 12 set 2004. Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article1673#.X3JeoWhKjIU>. Acesso em: 23 jul 2020.

Haïti-Séisme/5 ans : Entre solidarité internationale, mémoire et préoccupations démocratiques. 13 jan 2015. (**AlterPresse**). Disponible em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article17577#.YSEFmY5KjIU>. Acesso em: 21 ago 2020.

Haïti-Insécurité : La circulation non-contrôlée d'armes à feu est alarmante, selon Jilap et Pohdh. 26 jan 2015. (**AlterPresse**). Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article17633#.X7rep81KjIU>. Acesso em: 21 Ago 2020.

Haïti-Insécurité : Environ 138 décès par balles entre janvier et mars, selon un bilan provisoire de Jilap. Comment envisager les élections dans un tel climat de violences ? 20 mars 2015. (**AlterPresse**). Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article17948#.YSEK9o5KjIU>. Acesso em: 21 ago 2020.

Haiti / MINUSTAH : Quel bilan aujourd'hui ? (**AlterPresse**). 03 mar 2005. Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article2288#.X6CtfohKjIW>. Acesso em: 28 jul 2020.

Harcèlement sexuel de soldats de la MINUSTAH. (**Le Nouvelliste**). 28 nov 2005. Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/23047/harcèlement-sexuel-de-soldats-de-la-minustah>. Acesso em: 03 ago 2020.

Haïti : Les casques bleus accusés de violation de droits humains. (**AlterPresse**). 18 nov 2005. Disponible em: https://www.alterpresse.org/spip.php?article3609#.X6HRm1Bv_IV. Acesso em 03 ago 2020.

Haïti - Violence : La Action Aid vivement préoccupée. (**AlterPresse**). 07 jul 2005. Disponible em: https://www.alterpresse.org/spip.php?article2782#.X3O_ZGhKjIU. Acesso em: 30 jul 2020.

Haiti : Des casques bleus découvrent à Bel Air " plusieurs cachettes pour garder des otages ."(**AlterPresse**). 29 jun 2005. Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article2739#.X3PCO2hKjIU>. Acesso em: 30 jul 2020.

Haïti Sécurité : Un bilan de stabilisation peu flatteur pour la force onusienne. (**AlterPresse**). 17 jun 2005. Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article2683#.X3KQ4Wh>. Acesso em: 30 jul 2020.

Haïti/Brésil/Insécurité: Eventuel retrait du Brésil de la MINUSTAH. 17 jul 2006. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/32053/eventuel-retrait-du-bresil-de-la-minustah> Acesso em: 04 ago 2020.

Haïti : La MINUSTAH annonce plusieurs opérations hebdomadaires contre les gangs armés. 27 dez 2007. (**AlterPresse**). Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article6796#.X7iSls1KjIU>. Acesso em: 04 ago 2020.

Haïti : Arrestation de 31 présumés criminels à Martissant en 2 jours, selon la force onusienne. 12 fev 2007. (**AlterPresse**). Disponible em: https://www.alterpresse.org/spip.php?article5675#.X7iF_s1KjIU. Acesso em: 04 ago 2020.

Haiti : Des associations considèrent la MINUSTAH comme un colis encombrant Lettre publique aux Ministres de Défense des pays de l'Amérique du Sud. 05 set 2007. (**AlterPresse**). Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article6374#.X3PjFmhKjIU>. Acesso em: 04 ago 2020.

Haïti-Brésil : Parallèlement à la visite de Lula, 73 organisations brésiliennes rappellent leur position contre « l'occupation militaire » d'Haïti. 29 mai 2008. (**AlterPresse**). Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article7298#.X3vgGmhKjIU>. Acesso em: 06 ago 2020.

Haïti-Brésil: Une centrale hydroélectrique bientôt construite dans l'Artibonite. 15 dez 2009. (**AlterPresse**). Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article9090#.X3zwP2hKjIU>. Acesso em: 08 ago 2020.

Haïti-MINUSTAH : Un retrait total exigé de la présidente brésilienne Dilma Rouseff . 03 fev 2012. (**AlterPresse**). Disponible em: http://www.alterpresse.org/spip.php?article12321#.YRboAUBv_IV. Acesso em: 02 mai 2021.

Haïti-Politique : Les 10 ans de la Minustah, un échec, selon le Pati kan pèp la. 29 mai 2014. (AlterPresse). Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article16510#.X7muS81KjIX>. Acesso em: 08 ago 2020.

Haiti-Choléra/MINUSTAH : Les casques bleus indésirables. 20 nov 2010. (AlterPresse). Disponible em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article10276#.YRR2h4hKjIU>. Acesso em: 02 mai 2021.

Haiti-Brésil: 1200 visas brésiliens par année pour lès Haïtiens. 02 fev 2012. (Haiti Press Network). Disponible em: <https://www.hpnhaiti.com/site/index.php/politique/5379-haiti-bresil-6-000-visas-aux-haitiens-par-le-bresil-jusqua-2016>. Acesso em: 07 mai 2021.

Haïti-armée: Le Brésil rejoint l'Equateur pour aider Haïti à mettre sur pied son armée. 01 abr 2012. (Haiti Press Network). Disponible em: <https://www.hpnhaiti.com/site/index.php/politique/6770-haiti-armee-le-bresil-rejoint-lequateur-pour-aider-haiti-a-mettre-sur-son-pied-son-armee>. Acesso em: 07 mai 2021.

Haïti-Brésil-élections: Le Brésil verse 1 million de dollars pour les prochaines élections. 09 mai 2013. (Haiti Press Network). Disponible em: <https://www.hpnhaiti.com/site/index.php/politique/9397-haiti-bresil-electionsle-bresil-verse-1-millions-de-dollars-pour-les-prochaines-elections>. Acesso em: 07 mai 2021.

Haïti-Polique: Le Brésil accorde La résidence permanente à 43, 781 haïtiens. 12 nov 2015. (Haiti Libre). Disponible em: <https://www.haitilibre.com/article-15744-haiti-politique-le-bresil-accorde-la-residence-permanente-a-43-781-haitiens.html>. Acesso em: 07 mai 2021.

Harcèlement sexuel de soldats de la MINUSTAH. 28 nov 2015. (Le Nouvelliste). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/23047/harcèlement-sexuel-de-soldats-de-la-minustah>. Acesso em: 07 mai 2021.

La MINUSTAH accusée de laxisme et de tolérance. (Le Nouvelliste). 05 jan 2005. Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/24306/la-minustah-accusee-de-laxisme-et-de-tolerance>. Acesso em 03 ago 2020.

La commission réclame le retrait de la MINUSTAH. 18 set 2009. (Le Nouvelliste). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/74358/la-commission-reclame-le-retrait-de-la-minustah>. Acesso em: 08 ago 2020.

La MINUSTAH participe à des actions de développement qui sortent de sa mission". 29 jan 2009. (Le Nouvelliste). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/66756/la-minustah-participe-a-des-actions-de-developpement-qui-sortent-de-sa-mission>. Acesso em: 07 mai 2021.

La MINUSTAH a échoué".(Le Nouvelliste). 23 mar 2005. Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/16889/la-minustah-a-echoue>. Acesso em: 02 ago 2020.

La MINUSTAH lance l' Opération Bonjour. (Le Nouvelliste). 12 nov 2012. Disponible em: <https://lenouvelliste.com/m/public/index.php/article/85605/la-minustah-lance-l-operation-bonjour>. Acesso em: 02/08/2020.

La MINUSTAH est là pour longtemps! 22 jan 2008. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/53447/la-minustah-est-la-pour-longtemps>. Acesso em: 06/08/2020.

La MINUSTAH participe à des actions de développement qui sortent de sa mission". 29 jan 2009. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/66756/la-minustah-participe-a-des-actions-de-developpement-qui-sortent-de-sa-mission>. Acesso em: 06 ago2020.

La MINUSTAH appuie le gouvernement haïtien. 20 ago 2009. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/73316/la-minustah-appuie-le-gouvernement-haitien>. Acesso em: 08/08/2020.

La Minustah doit reprendre à zéro sa lutte contre les gangs en Haïti. 12 fev 12. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/78268/la-minustah-doit-reprendre-a-zero-sa-lutte-contre-les-gangs-en-haiti>. Acesso em: 02 mai 2021.

La Minustah maintenant préoccupée. 15 mar 2015. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/103453/la-minustah-maintenant-preoccupee>. Acesso em: 02 mai 2021.

La Minustah maintenant préoccupée. 15 mar 2012. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/103453/la-minustah-maintenant-preoccupee>. Acesso em: 02 mai 2021.

L'Amérique latine redoute un échec en Haïti. (**AlterPresse**). 19 nov 2004. Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article1935#.X3JjAWhKjIU>. Acesso em: 23 jul 2020.

La PNH et la MINUSTAH planchent sur un plan. (**Le Nouvelliste**). 03 mai 2005. Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/17581/la-pnh-et-la-minustah-planchent-sur-un-plan>. Acesso em: 28 jul 2020.

Le Brésil en faveur du maintien de l'attention sur Haiti, malgré la catastrophe dans le sud-est asiatique. (**AlterPresse**). 07 jan 2005. Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article2063#.X3KAlmhKjIU>. Acesso em: 27 jul 2020.

Le Brésil envisage un retrait de ses casques bleus en Haïti. (**Haïti en Marche**). Disponible em: https://haitienmarche.com/index.php?option=com_content&view=article&id=9213:1773&catid=18&Itemid=268. Acesso em 23 ago 2020.

Le Brésil investit 1 million de dollars dans le renforcement sanitaire en Haïti. 14 nov 2012. (**Haïti en Marche**). Disponible em: https://haitienmarche.com/index.php?option=com_content&view=article&id=6732:le-bresil-investit-1-million-de-dollars-dans-le-renforcement-sanitaire-en-haiti&catid=15&Itemid=280. Acesso em: 05 mai 2021.

Le Brésil offre en plus un don de deux millions de dollars à Haïti. (**Haïti en Marche**). Disponible em: https://haitienmarche.com/index.php?option=com_content&view=article&id=9717:1269&catid=18&Itemid=268. Acesso em: 05 mai 2021.

Le Brésil fait don de 50 000 dollars à FAO-Haïti. (**Haïti en Marche**). Disponible em: http://mail.haitienmarche.com/index.php?option=com_content&view=article&id=9794:1192&catid=18&Itemid=268. Acesso em: 05 mai 2021.

Lula donne 100 millions de dollars en appui budgétaire. 25 fev 2010. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/78425/lula-donne-100-millions-de-dollars-en-appui-budgetaire>. Acesso em: 07 mai 2021.

Les remous de l'actualité du samedi 15 au lundi 17 octobre 2016. 14 out 2016. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/164407/les-remous-de-lactualite-du-samedi-15-au-lundi-17-octobre-2016>. Acesso em: 02 jun 2021.

Lettre ouverte à l'Ambassadeur du Brésil en Haïti. (**AlterPresse**). 27 mai 2004. Disponible em: <https://www.alterpresse.org/spip.php?article1413#.X3JRTWhKjIU>. Acesso em: 23 jul 2020.

Moïse Jean-Charles à l'assaut de la Minustah. 03 mai 2013. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/public/article/116302/moise-jean-charles-a-lassaut-de-la-minustah>. Acesso em: 17 ago 2020.

Nomination de Mme Page comme représentante spéciale adjointe du Secrétaire général (État de droit) à la MINUSTAH. 02 fev 2017. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: [https://lenouvelliste.com/article/168034/Nomination%20de%20Mme%20Page%20comme%20repr%C3%A9sentante%20sp%C3%A9ciale%20adjointe%20du%20Secr%C3%A9taire%20g%C3%A9n%C3%A9ral%20\(%C3%89tat%20de%20droit\)%20%C3%A0%20la%20MINUSTAH](https://lenouvelliste.com/article/168034/Nomination%20de%20Mme%20Page%20comme%20repr%C3%A9sentante%20sp%C3%A9ciale%20adjointe%20du%20Secr%C3%A9taire%20g%C3%A9n%C3%A9ral%20(%C3%89tat%20de%20droit)%20%C3%A0%20la%20MINUSTAH). Acesso em: 23 ago 2020.

Opération à caractère humanitaire de la MINUSTAH au Bel-Air. (**Le Nouvelliste**). 26 jul 2005. Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/19387/operation-a-caractere-humanitaire-de-la-minustah-au-bel-air>. Acesso em: 30 jul 2020.

Opération de la MINUSTAH à Solino et Ti Chéri. (**Le Nouvelliste**). 05 ago 2005. Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/19704/operation-de-la-minustah-a-solino-et-ti-cheri>. Acesso em: 03 ago 2020.

PERALTE, Thomas. La Force d'occupation Minustah en deuil ! 17 MAR 2016. (Haïti Liberté). Disponible em: <https://haitiliberte.com/la-force-doccupation-minustah-en-deuil-2/>. Acesso em: 21 ago 2020.

Prise de Position contre l'occupation étrangère du territoire national. (**Le Nouvelliste**) 05 fev. 2005. Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/64244/prise-de-position-contre-loccupation-etrangere-du-territoire-national>. Acesso em: 02 fev. 2020.

Rép.Dominicaine-Choléra : Trois nouveaux décès en une semaine. 17 jun 2011. (**AlterPresse**). Disponible em: <http://www.alterpresse.org/spip.php?article11182#.YSWcxI5KjIU>. Acesso: 05 fev 2020.

Réorientation de la MINUSTAH. 20 jun 2006. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/30823/reorientation-de-la-minustah> Acesso em: 04 ago 2020.

ROC, Nancy. Haïti : l'insécurité et ses liaisons dangereuses. 23 ago 2006. (**AlterPresse**). Disponible em: https://www.alterpresse.org/spip.php?article5076#.X7lq6LNv_IU Acesso em: 04 ago 2020.

Tentative de soldats brésiliens de violer l'espace de la faculté des sciences humaines. 27 jun 2012. (**Haïti en Marche**). Disponible em: https://haitienmarche.com/index.php?option=com_content&view=article&id=6980:tentative-de-soldats-bresiliens-de-violer-lespace-de-la-faculte-des-sciences-humaines&catid=15&Itemid=280. Acesso: 23 fev 2021.

Tension au Centre-Ville La MINUSTAH n'était pas là ! (**Le Nouvelliste**). 09 dez 2004. Disponible em: <https://www.lenouvelliste.com/article/15108/la-minustah-netait-pas-la>. Acesso em: 24 jul 2020.

Un nouveau mandat à la MINUSTAH. 14 out 2009. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/75137/un-nouveau-mandat-a-la-minustah>. Acesso em:

Une vingtaine d'enlèvements en mai, selon la MINUSTAH. 01 jun 2006. (**Le Nouvelliste**). Disponible em: <https://lenouvelliste.com/article/30186/une-vingtaine-denlevements-en-mai-selon-la-minustah>. Acesso em: 04 ago 2020.

1915-34 Revisited. (**The Haitian Times**) 05 mai. 2012. Disponible em: <https://haitiantimes.com/2012/05/05/1915-34-revisited>. Acesso em: 02 fev. 2020.